

**JOÃO
LUIZ DO
RIBEIRO**
SELO LIVRÁRIO



ALZIRA ESTÁ MORTA

FICÇÃO HISTÓRICA NO MUNDO NEGRO DO ATLÂNTICO

Goli Guerreiro



Fundação Gregório de Mattos

Goli Guerreiro

ALZIRA ESTÁ MORTA

Ficção histórica no mundo negro do Atlântico

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

G934 Guerreiro, Goli

Alzira está morta: ficção histórica no mundo negro do Atlântico / Goli Guerreiro.

Salvador : Fundação ADM, 2015.

216 p.: il. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-08-0

1. Literatura brasileira - Romance 2. Diásporas
3. Culturas urbanas 4. Culturas negras 5. Cultura - África 6. Cultura – Cidades Atlânticas I. Fundação Gregório de Mattos II. Título

CDU: 82-31

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



ALZIRA ESTÁ MORTA

Ficção histórica no mundo negro do Atlântico

Goli Guerreiro

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Algumas Palavras

Este romance, o primeiro que escrevo, é a última peça de uma trilogia iniciada no livro *Terceira diáspora - o porto da Bahia*. Um livro-blog, que recia a estética da web, no qual a ideia de trocas virtuais entre mundos negros ganhou forma. Imagens dialogam com fragmentos de textos de pensadores de todo o mundo atlântico — africanos, caribenhos, europeus e americanos — e mapeiam a produção cultural da Salvador do século 21.

Logo depois fui convidada a escrever um livro sobre o tráfico de africanos, que chamei de *Terror e aventura*. Um ensaio histórico-antropológico (também assinado por Elizabeth Rodrigues) sobre a saga dos negros no regime escravocrata na Cidade da Bahia, mapeando assim a *primeira diáspora*. Vi então o desenho de uma trilogia e cabia escrever a *segunda diáspora* — focalizando as migrações voluntárias de pessoas e comunidades negras. Como os dois primeiros vinham em tipos diferentes de narrativa, me arrisquei na aventura de tecer o último livro em forma de romance.

Ambientado no século 20, *Alzira está morta* mantém a questão central da trilogia — os deslocamentos culturais entre os povos negros do Atlântico. É uma ficção histórica em forma de biografia de uma personagem inventada — a soteropolitana Alzira Rocha (1911– 1988). Em 1930, ela parte para Lagos, na Nigéria, e desloca-se pela África Ocidental descortinando os universos da tecelagem, fotografia e escritas africanas.

A trajetória de Alzira pela África Ocidental atravessa um período de quase 30 anos entre idas e vindas à Bahia. Sua vivência africana na Nigéria com viagens ao Benin, Togo, Senegal e Camarões, começa nos tempos duros da ocupação europeia e acompanha as transformações pós-Segunda Guerra até a conquista das independências.

Alzira é uma personagem cosmopolita. Seu cotidiano está pautado em matrizes urbanas do continente africano, e seus desdobramentos na diáspora negra. As cidades em que mora e visita têm alto nível de urbanidade. Sua biografia desenrola-se no Brasil (em Salvador), na Nigéria, na Inglaterra e nos EUA. O universo caribenho perpassa todos esses ambientes. A narrativa coloca a África na centralidade do mundo negro do Atlântico.

Seus encontros com personagens reais e fictícios dão conta de importantes acontecimentos do século 20, cobrindo um período de quase 80 anos, revelando uma parte da história cultural de algumas cidades atlânticas. Os *frames*, como prefiro chamar os capítulos, são antecidos por rubricas com dados históricos sobre os lugares e os contextos nos quais a protagonista se move.

Este romance talvez seja uma bioficção.

*Para minha mãe, Aidil,
de quem herdei uma antiga câmera fotográfica, o amor
pelas modistas e pela língua portuguesa.*

Índice

Ato 1

Do cais da Bahia	14
Em terra britânica	16
Numa colônia	19
Tecelagem luminosa	21
Diariamente	26
Renascença iagosiana	28
Entre mulheres e mercados	30
No Cuban Lodge	34
Tecendo adires	37
Ikoyi	41
A luz das cidades	43
No Daomé	48
A Medina e o Platô	53
A primeira volta	61
Exímia viajante	70
O mecenas	76
Escritas e segredos	80

Ato 2

Fugindo da guerra	85
Fotógrafos e modistas	93
Furacão africano	105
Na barriga da fera	109
Refazendo caminhos	113
Notícias da África	119
Sonho e pesadelo	125
Conhecendo Zora	128
Imaginando Paris	131
No centro do mundo	139

Ato 3

De volta ao Brasil	144
Iya Mapô na Liberdade	148
Varando a cidade	154
Microcosmos	159
Festac	163
A Bahia virou Jamaica	169

Organizando o movimento	172
Beleza pura	174
África aqui?	181
Lucila	189
Depoimentos	194
Revelações	197
Em Southwark	199
Glossário estendido	203
Cronologia	207
Créditos de imagens	209
Personagens reais / Personalidades mencionadas	211
Agradecimentos	214

ATO 1



Representação de Alzira quando jovem

Do cais da Bahia

1930. O trânsito entre Salvador e Lagos, na Nigéria, foi muito intenso durante o tráfico de africanos. A linha de vapores e veleiros que fazia a rota perdeu força no pós-abolição. Mas as trocas comerciais e simbólicas entre as duas cidades ainda sobreviviam em navios, ideias e mercadorias.

Era um abril chuvoso. A estiva agitada no cais de Salvador. Não era um bom dia para partir. Alzira estava lá, pronta. Bagagem bem ajeitada em malas de couro e ferro feitas no Taboão. Resistiriam bem àquela rota mítica tantas vezes navegada. Lagos era a meca dos negros da Bahia. Ao menos para aquela *intelligentsia* que conhece sua história e sua civilização. Ela envaidecida. Tal como outros distintos, conheceria Lagos, Alzira mesma, com todos os seus sentidos. Também ela desfrutaria daquela aura.

Seu padrinho Martiniano estava a seu lado, orgulhoso. Dava conselhos e falava iorubá. Enedina estava feliz e tão bem arrumada que parecia uma passageira prestes a embarcar na primeira classe. Vicente estava calado. Não via com bons olhos a ida de sua única filha para uma terra distante. Temia que ela casasse por lá e talvez nunca viesse a conhecer seus netos.

Longo adeus. Lenços e lágrimas. Os pais de Alzira voltam em silêncio para a península de Itapagipe. No coreto da Vila Operária da Empório do Norte, a filarmônica anima as famílias da Boa Viagem, como todos os domingos.

Na rotina do navio, Alzira lembrava os casos da juventude do padrinho em terras iorubanas, imaginava, lia, rascunhava modelos de vestidos, fazia e desfazia as malas. Olhava com carinho as blusas de renda, as camisolas bordadas prepa-

radas por sua mãe, com tanto esmero. Às vezes acordava assustada sem saber onde estava ou para onde ia.

Dias e noites na solidão do Atlântico. Enfim, África. No porto de Lagos havia muita gente e os acenos eram tantos que Alzira sentiu uma estranha sensação de familiaridade. Ao mesmo tempo a paisagem nigeriana remetia a um mundo distante. Havia muitos brancos vestidos de um modo que ela conhecia pouco. Um navio vindo da Inglaterra acabara de atracar.

Em terra britânica

Lagos, no Protetorado da Nigéria, sob domínio inglês, era um dos mais importantes territórios comerciais da África Ocidental e densamente ocupado por diversos povos. Na virada do século 20, já era um lugar evoluído. Contava com bonde a vapor, telegrafo, fonte central de água e luz elétrica.*

Alzira andava apressada e ao dobrar uma esquina para chegar na Broad Street esbarrou-se em uma moça inglesa. Desculpou-se procurando recuperar os pacotes que havia derrubado. Foi assim que conheceu Emily.

Enquanto recolhiam os artigos comprados em uma loja indiana, a inglesa mostrou-se muito gentil. Apresentou-se e buscou adivinhar de onde vinha o acento que tornava o inglês de Alzira tão saboroso. Caminharam juntas até a Praça Tinubu onde Emily insistiu em alongar a conversa. Sentaram-se e ela contou-lhe da solidão que sentia na ilha de Ikoyi. Chegara a Lagos há um ano e preferia a movimentação do centro.

Observando as vestes da inglesa, Alzira comentou a beleza daquele colorido. Emily disse-lhe que usava tecidos wax, vindos da Inglaterra. Ao saber da atividade que a moça gostaria de desenvolver em Lagos, disse-lhe que poderia ajudá-la a comercializá-los.

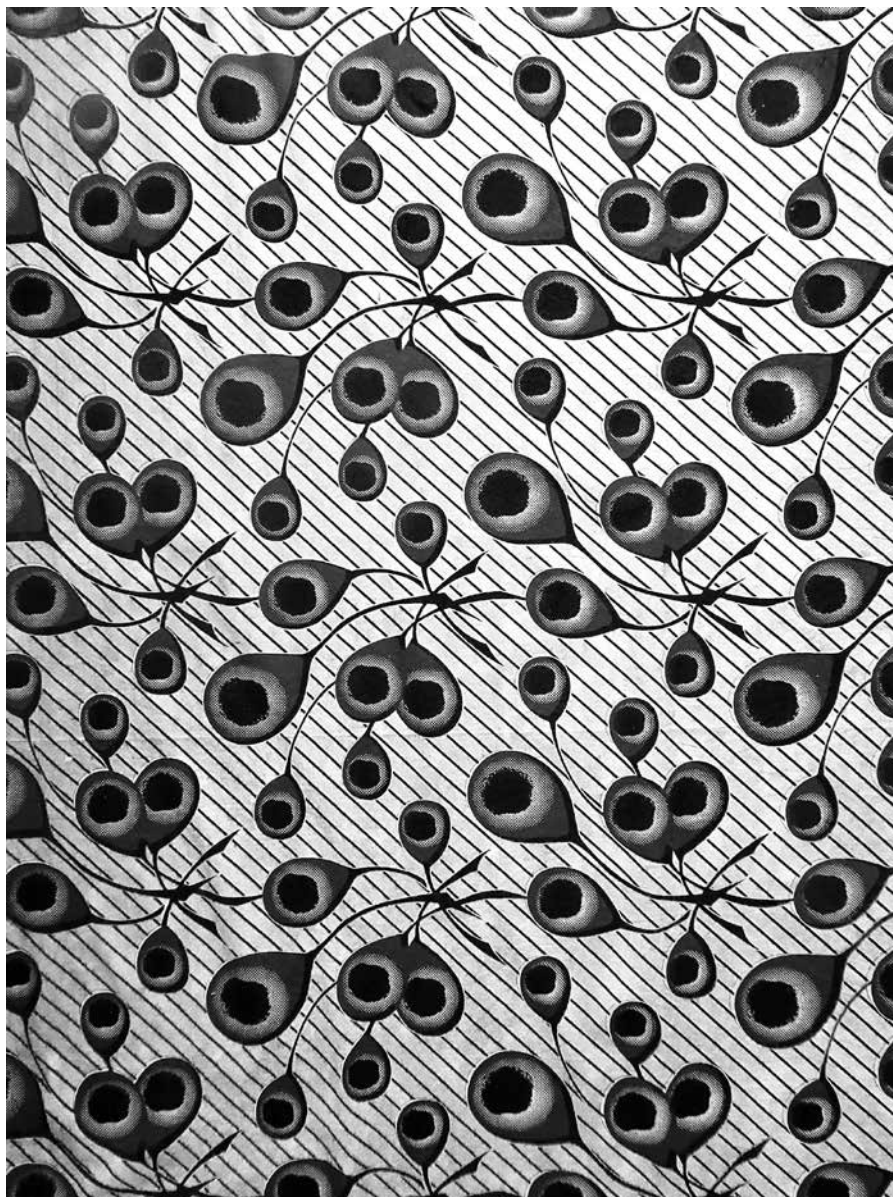
— Moças chiques vão aos mercados exibir-se para possíveis pretendentes e também para as suas rivais. Têm como trunfo os tecidos europeus de cores e estampas diferenciadas — comentou Emily.

Olhando em torno, era tudo índigo. Lagos era azul anil. Pareceu-lhe uma boa oportunidade negociar aqueles tecidos importados, além dos tradicionais

iorubanos e Alzira perguntou como poderia fazê-lo. Prometendo pensar no assunto, Emily propôs um novo encontro.

Combinaram no Jankara Market dois dias depois e Alzira soube que passear nos mercados era o modo que a inglesa encontrava de vencer o tédio que emanava da atmosfera colonial. Por mais que desejasse evitá-la, seu marido Albert estava sempre a trazê-la para o ambiente doméstico. Jantares e discussões entre ingleses funcionários do Protetorado eram uma constante no cotidiano de Emily.

Ela se refugiava nos luxos que sua posição permitia. Adquiria discos e colocava-se ao fonógrafo. Enlevada pelo blues, buscava abstrair daquelas conversas maçantes, anedotas de mau gosto, embriaguês e racismo.



Tecido wax. Estampado dos dois lados, é um tecido sem avesso. Essa técnica do batik indonésio foi recriada por fabricantes europeus para apreciação de consumidores africanos

Numa colônia

Lagos foi incorporada à coroa britânica em 1861. Desde o fim do século 19, uma elite intelectual lagosiana pretendia restabelecer a ordem iorubana como tática de enfrentamento ao colonialismo inglês. O aspecto religioso do nacionalismo iorubano chegou ao Brasil, tornando-se símbolo de pureza nagô no candomblé da Bahia.

Alzira estava aprendendo a jogar ayô com Juan, neto de retornados cubanos. Seu pai nasceu em Lagos, mas manteve fortes laços com Cuba, também herdados pelo rapaz. Uma grande amizade os uniu. Estavam no bar de Luzia — o Damilola, quando um grupo de rapazes entrou discutindo. Eles trajavam bubus e falavam sobre “Renascença lagosiana”. Ela não sabia do que se tratava e desprezando o tabuleiro do jogo ficou atenta ao que ouvia.

Eles vinham do Yaba College onde frequentavam seminários sobre cultura iorubana. Pediram vinho de palma e puseram-se a falar de um projeto nacionalista, inspirado nos fundamentos religiosos do reino de Oyó. Cada vez mais interessada, Alzira se aproximou do grupo e pela primeira vez falou sobre o candomblé da Bahia.

Os jovens ficaram sabendo da existência dos terreiros em Salvador e da força das yalorixás. Eles estranharam que os principais centros de culto fossem chefiados por mulheres.

— Os homens também são importantes. Sou afilhada de um babalaô, feito aqui em Lagos. Martiniano Eliseu do Bonfim, meu estimado padrinho. Ele gostava de me fazer repetir os nomes de todos os reis de Oyó. Ouvei desde pequena suas histórias que me serviram de iniciação à língua iorubá — conta Alzira.

Os rapazes estavam cada vez mais interessados nos relatos de Alzira, mas

a conversa foi desviada pela passagem de um administrador colonial. Ela lembrou-se de tê-lo visto usando o serviço de quatro homens para cruzar um rio lamacento. A cena grotesca a impressionou. Era Albert em pleno cumprimento de suas funções. Adepto do transporte em liteiras, feita de troncos pesados, era um administrador inglês clássico. Certo da inferioridade dos negros, usava uma arrogância polida para dirigir-se a eles.

Há alguns dias Alzira havia presenciado o dilema de um homem que pretendia pagar o imposto em ovelhas. Ele se vira obrigado a engajar-se em trabalho de construção de uma estrada de ferro. Seria a única maneira de conseguir as peças de metal que os colonizadores exigiam. Para conseguir míseros tostões teria que aceitar penosas condições de trabalho realizando tarefas que desconhecia. Sua mulher tentava consolá-lo mostrando que a estrada se aproximava das rotas dos mercados em que ela vendia fios de contas e eles poderiam se encontrar sempre.

Um dos rapazes perguntou o que levava Alzira a Lagos.

— Foi por gosto de minha mãe. Minha avó era egbá. Meu padrinho nasceu na Bahia de pais iorubanos e quando jovem viveu mais de dez anos em Lagos.

— Está entre seus parentes, então — disse Ekundayo.

— Seria uma felicidade encontrar a família de minha avó, mas não sei por onde começar. Ela morreu sem saber o que houve com sua linhagem depois da captura que a levou ao Brasil.

Tecelagem luminosa

O mercado de tecidos wax se expandia rapidamente, tão grande era a aceitação africana do produto europeu. No início do século 20, o wax começava a se tornar signo de distinção social entre as elites locais.



Mobiliário típico de casas soteropolitanas e agudás no início do século 20

Morando no centro de Lagos, no Brazilian Quarter, Alzira se sentia em casa. Era uma área antiga cuja paisagem urbana havia sido tocada pela presença de africanos americanizados. Tendo vivido no Brasil e em Cuba retornavam, desde o início do século 19, em levas sucessivas com suas famílias híbridas, compostas de membros nascidos no Novo Mundo.

A pensão em que se hospedava era um casarão construído pela brasileira Romana da Conceição. Um enorme sobrado de dois andares com chão de cerâmica e móveis de jacarandá. Tudo era muito parecido com a Bahia. Romana cuidava bem de seus hóspedes. Ela havia retornado aos 12 anos acompanhando sua família. Estava na África há três décadas, mas era capaz de lembrar cada momento que viveu em Salvador.

Alzira estava entretida arrumando seu cômodo quando se deu conta que já deveria estar a caminho do Jankara Market.

A movimentação nas proximidades do mercado era intensa, mas ela não tardaria a avistar Emily, aguardando no acesso combinado. Em Jankara, as bancas de tecidos ocupavam uma área imensa onde dezenas de mercadoras iorubanas exibiam extraordinária variedade de índigo.

Emily estava cercada de crianças que puxavam seu vestido. Ela cumprimentou Alzira com uma saudação iorubana: — Que a senhora não morra enquanto estiver no mercado — disse-lhe sorrindo.

Alzira respondeu em inglês, sem se desculpar pelo atraso, e Emily a conduziu a uma banca de tecidos wax. Acostumada à monotonia do branco exibido nas ruas da Bahia e do índigo das ruas de Lagos, aquela profusão de cores e estampas lhe causou um forte impacto.

Surpreendida pelo preço daquelas peças importadas, Alzira escolheu apenas

uma depois de muita indecisão. A estampa era vermelha e amarela. O grafismo anglo-africano apresentava formas abstratas, geométricas. Ficavam muito bem nos torsos, saias e blusas que as nigerianas portavam.

Na banca em que comprava os tecidos locais, Emily apresentou Alzira a Sidi, uma senhora ijebu. Era mestre na arte da tecelagem iorubana. Ela vendia tecidos de algodão coloridos em índigo natural. Seus panos riscados de azul e branco eram magníficos. Eram os adire, tecidos atados e tingidos, portados por todos, em toda parte.

Emily escolheu a peça de azul mais profundo com motivos circulares. Parecia um céu iluminado por astros e estrelas. Começou a negociar o preço.

— Essa semana as peças estão mais caras — lamenta Sidi.

— O que houve? — perguntou Emily.

— O índigo natural está escasseando, já não se planta mais como antes. As mulheres estão se rendendo ao índigo sintético. E usando soda cáustica! Não são tecelãs respeitáveis, terão que se haver com a deusa Iya Mapô!

Arriscando se comunicar num misto de iorubá e inglês, Alzira perguntou a Sidi como conseguia tanta clareza no branco e tanta simetria nos motivos. Notando a sensibilidade da moça, a tecelã puxou mais conversa, perguntando de onde ela vinha.

— Venho da Bahia e quero trabalhar com tecidos.

— Outra brasileira! Pensei que não viessem mais. Já vendemos muito pano para o seu povo. Nos tempos do grande comércio quando havia muitos navios pra lá e pra cá.

— O pano da costa?

— Sim, os alakás eram assim chamados. Como vão meus irmãos por lá? — perguntou Sidi.

— Como Deus quer — responde Alzira, distraída.

— É católica?

— Meu pai é católico. Minha mãe segue a tradição dos orixás. Sou afilhada de um babalaô.

Sidi olhou a jovem com mais atenção e a convidou para conhecer sua roça. Marcaram data. Dali a quatro dias quando a tecelã voltasse do mercado de Uidá.

— Muito agradecida, minha senhora.

— É um gosto, moça. Talvez seja jeitosa e possa me ajudar. Riró! — diz, saudando Euá.

— Vê que sou filha de Euá? — diz, beijando a mão da senhora, em sinal de benção.

De lá, Alzira e Emily foram a uma banca de tecidos sintéticos. Comentaram a diferença da textura, do volume e da tonalidade do azul.

Enquanto buscavam o caminho de volta naquele labirinto de bancas, Alzira observava as conversas entre as vendedoras sobre remédios e receitas; cuidados com as criações de cabras e galinhas; fofocas e fuxicos. As gargalhadas eram um dos barulhos característicos dos mercados. De novo teve a sensação de estar em Salvador.

Na saída, Emily reservava uma surpresa para a amiga. Um lote de tecidos wax estava no carro da inglesa embalado para presente. Alzira experimentou a novidade de andar de automóvel e recebeu uma proposta.

— Posso importar wax da Inglaterra e você se encarrega de vendê-los. O que lhe parece?

— Pode ser um bom começo — diz Alzira, fingindo indiferença.

De volta à pensão, Alzira separou os presentes que ainda deveriam ser entregues aos “brasileiros” por recomendação de Martiniano. E pensou em oferecer mais

um pedaço de carne de sertão para a refeição noturna. Mas demorou-se entre os panos, olhando-os, tocando-os e agradecendo aos deuses o presente inesperado. Pensou em como poderia retribuir a gentileza daquela estranha inglesa.

Diariamente

*Com o comércio de escravos proibido desde 1807, Lagos tornou-se um porto seguro para os negros que desejavam retornar a África. No centro de Lagos, o Brazilian Quarter abrigava retornados do Brasil e de Cuba - que professavam o catolicismo - e os sarô*s convertidos ao protestantismo. As línguas comuns eram o iorubá e o pidgin english*.*

Alzira desceu tarde para o bar de Luzia, contíguo ao casarão, onde todas as noites Charles, um jovem liberiano, tocava sax. Ela apreciava a vida noturna iluminada por gambiarras e movimentada pelas tendas das senhoras ao pé das casas e pelas mercadoras ambulantes que vendiam inhames e bananas fritas no dendê. As vendedoras de noz de cola confiavam mais em seus candeeiros para iluminar seus tabuleiros de vime que dispunham ao longo das ruas sobre pedras ou caixotes.

Estava se acostumando àquele cotidiano ruidoso, onde pessoas de muitos lugares transitavam fazendo comércio. Desde a tardinha chegavam do interior os vendedores de vinho de palma. Alzira apreciou aquela bebida leitosa, amarga e ácida. De noitinha chegavam as vendedoras de acará. Já vinham fritos, apimentados e sem molho. Quando provou o acaçá — sua iguaria baiana predileta —, achou inosso. Sentiu falta do doce, que os iorubanos detestam.

Quando havia festas familiares, mesas e cadeiras eram colocadas na rua para a degustação de acarás, arroz com carne picada, regados a vinho e cerveja. Bandas completas com flautas, violões, clarinetas, agogôs, batás e xilofones, embalavam animadas conversações.

Muitos cheiros misturados despertavam o apetite de Alzira. Quase sempre se rendia aos pastéis, ao pirão de caranguejo — preparado por Luzia no capricho,

bolo ou mingau de sobremesa. Uma janta bem baiana. Talvez a maior das vantagens de morar no bairro brasileiro. Depois mascava a noz de cola oferecida por Luzia que não dispensava o aditivo na lida noturna.

Luzia era lagosiana, moça esperta. Viveu alguns anos em Londres onde estudou contabilidade. Ela morava com a mãe, Romana da Conceição. Sempre que encontrava Alzira arriscava falar português. Embora já estivesse em desuso, Luzia achava um charme aquela língua e já havia até namorado um baiano que vinha de tempos em tempos comprar produtos para os cultos.

Uma noite Alzira conheceu Cecile. Ela acabara de concluir o Teacher's Training College em Freetown e tinha sido admitida como professora em Lagos. Cecile era sarô. Nascida em Serra Leoa, era neta de um casal iorubano escravizado nos Estados Unidos. Quando estavam sendo transportados para trabalhar na Jamaica foram resgatados pela marinha inglesa e levados de volta à África. Educados em inglês e convertidos ao protestantismo, enriqueceram.

Seu pai era amigo de Andrews Thomas e Cecile sabia de cor o texto dos artigos que ele publicava no jornal bilíngue inglês-iorubá *Iwe Irohin Eko* nos quais criticava a lei que proibira o ensino do iorubá nas escolas e buscava convencer os leitores da inconveniência do uso de vestimentas e de sobrenomes europeus. Desde então, muitos sarôs que tinham sobrenomes de abolicionistas ingleses mudaram para nomes iorubanos.

Cecile contou com orgulho ser herdeira de sarôs rebeldes que defenderam sua cultura original. Falou da participação de sua família na criação da Aurora Relief Society, que promovia espetáculos de dança tradicional, além de apoiar a literatura iorubana.

— Conheço estudantes envolvidos na continuidade dessa causa. Talvez gostasse de conversar com eles — comentou Alzira.

— Poderia me introduzir?

— Sim, são jovens valorosos e muito educados.

Renascença Iagosiana

Uma elite letrada havia se formado no final do século 19 quando brasileiros e cubanos retornados e os sarôs educados em Freetown se encontraram em Lagos. Eles desencadearam uma renascença cultural que revalorizou o mundo Iorubano. Um projeto nacionalista foi engendrado.

O encontro não tardou a acontecer, o bar de Luzia foi o local escolhido. Alzira e Juan já estavam por lá quando Cecile chegou carregando livros e jornais. O grosso volume intitulado *História dos Iorubás*, escrito pelo reverendo anglicano Samuel Johnson, era material suficiente para sustentar horas de discussão em torno da cultura Iorubana.

Ekundayo chegou acompanhado de Herbert Macaulay, editor do jornal *Lagos Weekly*, responsável pela criação do Partido Democrático Nacional da Nigéria. Sua plataforma incluía a propagação do ensino superior e o ensino primário como escolaridade obrigatória. Herbert tomou logo a palavra.

— Lagos é a joia da Nigéria, a segunda maior cidade da África, sempre comparada ao Cairo. Um século antes da ocupação britânica, quando era chamada de Eko, adotou modos, rituais e instituições do mundo Iorubá, tornando-se uma monarquia Iorubana.

— Proponho que comecemos fazendo uma campanha para derrubar esse nome esdrúxulo que deram ao país. Nigéria imagine! — interrompeu Ekundayo.

— Esse nome foi dado por Lady Lugard, esposa de Sir Frederick Lugard, soldado e administrador. Lugard expulsou os franceses da parte ocidental ao sul, área dos Iorubás onde a ocupação britânica chegou primeiro — disse Hebert.

— Podemos articular uma campanha através de artigos de jornais para levantar nossas bandeiras — disse Cecile.

— O *Lagos Weekly* está à disposição. Podemos usar o editorial e artigos assinados por nós e outros coligados — concorda Herbert.

— Gostaria de pensar algo em torno da importância dos trajes tradicionais para o movimento — disse Alzira.

— Como veem mantenho o uso do abadá — diz Juan se autoelogiando.

— Outro dia vi uma jovem de seios nus no mercado sendo muito repreendida — comenta Alzira.

— Que Xangô lhe restaure a razão! Nem todas as tradições podem ficar intactas — exalta-se Cecile.

A fim de acalmar os ânimos Luzia traz uma boa porção de biscoitos Tanfiri, de milho e côco.

— Creio que isso não vai levá-los a discórdia, pois dispensa o uso de garfo e faca — diz Luzia, fazendo troça.

Cecile queria colocar em pauta algumas questões levantadas por Samuel Johnson no *História dos iorubás*. E falou da conversão de alguns arokins da corte do Alafin de Oyó ao islã. Alzira quis saber mais.

— O Alafin de Oyó é a autoridade suprema da maior parte dos iorubanos. Os arokins são uma corporação de músicos, tocam xequerês e aros. Eles cantam os orikis do Alafin e transmitem em prosa episódios históricos. Eles são os historiadores da nação iorubá — explica Cecile.

— E como podem ser muçulmanos? — espanta-se Alzira.

— Aí é que está. Samuel Johnson afirma que há uma salvaguarda já que todo o entorno segue outra tradição. O Alafin de Oyó encarna a herança do Rei Xangô. Mas quando Mr. Johnson entrevistou os arokins, a tendência à conversão ao islã não era tão expressiva como agora. Tanto em Oyó como em Lagos o islã avança. O mundo iorubano corre perigo — conclui Cecile.

— É por isso que nossa atividade é tão importante, precisamos preservar nossas tradições — exalta-se Ekundayo.

A discussão segue calorosa enquanto o Damilola vai se enchendo de clientes.

Entre mulheres e mercados

A intenção do governo colonial de limitar o uso das ruas por comerciantes e vendedores ambulantes se tornou uma luta constante em que as mulheres do mercado se envolveram por décadas. Mas elas mantiveram antigas redes comerciais e impuseram seus padrões tradicionais nas novas feiras e mercados criados pelos colonizadores.



Motivos tradicionais africanos de tingimento em tecidos

Em pouco tempo Alzira dominava as rotas dos mercados semanais. Fez-se uma boa comerciante, tinha muito gosto pelos tecidos. Seu temperamento aberto venceu as desconfianças das comerciantes iorubanas das quais se tornou companheira. O trabalho era árduo, longas caminhadas separavam mercados de cidades vizinhas. Marchar 20 e até 30 km carregando mercadorias era comum. Alzira desanimava.

Mas as histórias de suas companheiras lhe reacendiam. Havia a liberdade de poder circular e mercar em cidades vizinhas ou mesmo afastadas tornando-as mais ricas que os maridos, fazendo uso desse dinheiro que cabia apenas a elas. Às vezes, suas economias asseguravam a sobrevivência das idosas abandonadas pelos maridos polígamos.

Elas souberam se adaptar quando os europeus substituíram os búzios por dinheiro e inundaram suas cidades de mercadorias importadas do Ocidente e do Oriente. Mantiveram suas pequenas vendas feitas no prolongamento das casas em direção à calçada, onde mercavam pequenos objetos de decoração ou utensílios, além de comidas como pasta e sopa de inhame. O comércio realizado nas esquinas e entroncamentos de estradas em abrigos de folhas de coqueiro seguiu ativo.

Essas mulheres demonstram grande resistência e devoção na arte de mercar. Era bonito ver as oferendas feitas para Exu antes de qualquer atividade de venda. Muitas trabalham em mais de uma feira no mesmo dia, começando ao raiar do sol em uma e seguindo para outra no turno da tarde. Muitas mercavam ao lado de filhas e netas, e era comum uma delas se afastar da banca para vender a mercadoria exposta na cabeça.

Nas feiras sempre se encontra algum parente ou amigo e formam-se animadas rodas de conversas em torno dos vendedores de vinho de palma servido

em canecas que passam de mão em mão. Falas dramáticas lamentavam o desaparecimento dos sacerdotes que administravam o funcionamento das feiras, sendo substituídos por policiais engajados pelos colonizadores.

No mercado circulam as novidades de outras terras e a dos vizinhos. Mães apresentam seus filhos recém-nascidos e famílias enlutadas não enterram seus mortos sem antes atravessar os labirintos dos mercados carregando o corpo para que todos saibam do ocorrido.

É intenso o ambiente dos mercados. Às vezes Alzira se aborrecia. Brigas ou desentendimentos lhe tiravam o humor. Um dia encerrou a função mais cedo no mercado de Briki. As primeiras comerciantes haviam combinado um preço muito abaixo do que ela esperava conseguir pela mercadoria. Já estava indo embora quando diante de um pano incomum, ela se deteve. Era tecelagem dos senufos da Costa do Marfim.

Contou-lhe o vendedor que os mercados da Costa do Marfim eram espetaculares. Além da tecelagem, as esculturas em madeira dos senufos eram reputadas em toda a costa ocidental, assim como as máscaras feitas pelos baules. Era muito rico o grande mercado de Abdjan.

— Mas para conhecer o mundo é preciso pegar a estrada — diz o homem.

— É o que mais gosto de fazer — retruca Alzira.

Encantada pelas peças daquele velho mercador, esqueceu a zanga e aguardou suas companheiras a fim de voltar para Lagos rindo e comentando a vida alheia.

Gostava demais do ritmo dos mercados, era a melhor maneira de conhecer o modo de vida das pessoas com as quais passara a conviver. Frequentava feiras noturnas montadas para atender mulheres que não puderam fazer suas compras de dia. Fazer refeições nessas feiras era um dos programas prediletos de Alzira. Podia não só comer acarajé ou inhame frito no dendê, como ouvir música.

O dundun soava constantemente. A sonoridade grave dos tambores aquecia a alma de Alzira. Às vezes eram muitos, outras só três e ela aguardava o momento em que um dos atabaquistas ia fazer o iyalu falar na tônica da língua iorubana. Quem escuta a voz do tambor sabe como dançar. Ela soube que os tambores falavam para as pessoas guiando seus movimentos. Alguns casais esperavam que todos fossem embora para namorar tranquilamente. Alzira descobriu que os mercados tinham funções extracomerciais.

No Cuban Lodge

Dezenas de etnias compartilhavam o território do Protetorado de Lagos. Nesse contexto altamente cosmopolita, a musicalidade cubana se destacava. Anualmente, os retornados da ilha de Cuba realizavam em Lagos o Carnaval de La Habana, fortalecendo as conexões musicais entre o Caribe e a África atlântica.

Saindo bem cedo de casa, Alzira encontrou Lakunle a caminho do mercado de Ikotum. Ele trabalhava como chofer para os ingleses e amalhava libras para educar seu irmão mais novo. Observou com cuidado sua escarificação. Ele explicou seu significado e Alzira passou a reparar todos os rostos que cruzavam. Lakunle parou diante de um amigo e ela notou um rosto com pequenos riscos desenhados da testa ao queixo que lhe davam uma expressão ambígua. Era um moço iorubano do interior que desejava instalar-se na costa.

Aos poucos ia se dando conta de quantos povos transitavam em Lagos. Com quem a acompanhasse praticava uma espécie de jogo. Ao notar a passagem de alguém com língua, vestes ou escarificações diferenciadas, ela arriscava. Calabar? kanuri? efik? itsekri? ibibio? Às vezes ficava tão curiosa que se aproximava fingindo interesse nas mercadorias, só pra descobrir a origem da pessoa.

Uma noite, no bar de Luzia encontrou uma novidade. Um fonógrafo adquirido de ocasião na mão de um mascate libanês. Juan estava lá tentando fazer rodar um disco cubano negociado no cais do porto. Navios de bandeira inglesa tinham acabado de chegar do Caribe.

O rapaz tinha grande cultura musical. Organizava as festas da comunidade de retornados cubanos e brasileiros e propôs a Luzia transformar seu bar em um

dancing. Escolheria a trilha e manejaria o fonógrafo em animadas noites embaladas por el son e pelo highlife. Ele amava os sextetos com suas cordas e bongos e gostava também dos hinos religiosos dos anglicanos. Tinha discos do Reverendo Canon J. J. Ransome-Kuti, gravados na Inglaterra e muito populares na Nigéria.

Alzira gostava de dançar juju music. Juan considerava insensato amar estilos tão diferentes. Ela pouco ligava, achava que gostos musicais pertenciam a uma outra esfera. Seu corpo ditava o que era boa música.

Juan convidou Alzira para um almoço festivo no Cuban Lodge, residência familiar de Hilário Campos. A casa ocupava uma boa área na Odunlami Street e era também hospedaria de repatriados cubanos, como o próprio Hilário, um senhor muito cortês, cubano legítimo. Fez fortuna em Lagos no ramo da construção.

Era um prédio térreo de alvenaria com várias vivendas pequenas, mas confortáveis. Juan e sua esposa Inés, grávida do primeiro filho, ocupavam uma delas. Inés não trabalhava e era sempre convocada a preparar o congrí* nas frequentes reuniões que aconteciam no pátio do albergue, onde a comunidade se encontrava para falar sobre Havana e Matanzas de onde vieram a maior parte das famílias retornadas.

Em sua vivenda, Juan realizava trabalhos de secretaria, redigindo documentos e ofícios, com uma máquina de datilografar que manejava com incrível rapidez. Ele atendia seus compatriotas que tinham dificuldade em ler e escrever em inglês e assim assegurava sua sobrevivência.

Juan conhecia muito bem a vida íntima dos retornados, pois como era dono de uma bela caligrafia e dominava bem o espanhol, escrevia mensagens de apreço em fotografias, postais e cartas endereçadas às partes das famílias que permaneceram na Ilha de Cuba. Ele colecionava cartões postais. Era membro do International Postcard Club. Os postais mostravam as belezas de Lagos, as lagunas, as

igrejas e cenas interessantes do país. Juan conhecia viajantes e fotógrafos europeus que capturavam essas imagens em toda a África Ocidental.

Ao chegar ao Albergue, Alzira seguiu pessoas que adentravam um corredor lateral. No pátio central, a música dominava o ambiente. Ela já conhecia os estilos cubanos das sessões musicais que Juan promovia no bar de Luzia, mas ali ela entraria em sintonia com muitas outras sonoridades.

Foi recebida com entusiasmo e depois de apresentá-la a vários patrióticos, Juan acomodou-a próxima da orquestra que àquela altura executava um danzón. Era um gênero aristocrático oriundo de Matanzas, o preferido de Hilário Campos. Muitos cobres, como trombone, corneta e timbales formavam o conjunto chamado típicas.

Tinha um tom nostálgico, pois as típicas já haviam sido destronadas pelas charangas — conjuntos de violões, violoncelo, flauta transversal, contrabaixo, xequerê, timbales e piano. Os músicos estavam de gravata borboleta e embalavam magistralmente aquela animada reunião social.

A pedido de Juan, o conjunto executou o changuí, estilo rural, muito mais próximo das sonoridades percussivas que dominavam Lagos. E, em seguida, a orquestra executou uma guajira. Juan explicava que os estilos eram fruto dos hibridismos musicais de Cuba.

Casais vestidos à europeia deslizavam no salão. Muitas garrafas de rum asseguravam a ambiência calorosa. Cubanos, brasileiros e sarôs estavam presentes, pois mantinham laços sólidos, resquício de um tempo em que formavam a requintada burguesia de Lagos e garantia privilégios do governo, que via naqueles grupos educados em línguas europeias fortes aliados do projeto colonial britânico.

Tecendo adires

A tecelagem é uma arte amplamente expandida na África Ocidental. Adires são tecidos tradicionais iorubanos, atados e tingidos em índigo e exportado para diversos lugares. Dezesete espécies de índigo, elu em iorubá, são nativas da Nigéria. Os critérios estéticos da arte adire incluem claridade e brilho dos volumes, luminosidade e delicadeza, equilíbrio na composição, limpidez das formas, precisão do traço e profundidade do azul.

Alzira separou uma muda de roupas a fim de ir para a roça de Sidi. Não seria tão longa a caminhada. Aproveitou a companhia das outras mercadoras de tecidos que se preparavam para mais uma jornada longe de casa. A despedida dos maridos e dos filhos tinha um tom dramático, quase ritual. As outras esposas cuidariam de tudo. Aquele grupo precisaria de mais de três semanas para cumprir a rota nagô dos mercados. Ela chegaria em Ijebu Ode em um dia e uma noite.

No caminho, pequenos vilarejos se sucediam. Naquele, onde moravam parentes de Ainá, foram recebidas com cabaças de vinho de palma e pasta de inhame — um bom fufu com molho bem condimentado. A noite estava quente e elas descansaram embaixo da grande tamareira da praça do mercado, onde há poucos dias acontecera a cerimônia anual em honra a Ogom.

Pensaram em seguir viagem à noite, mas foram desaconselhadas. A ponte que deveriam atravessar estava em frangalhos. Seria preciso esperar a luz do dia para seguir. Alzira teve tempo de observar a estreita amizade que ligava Bumi, tio de Ainá, a um bode. Dormia com ele na mesma esteira. No fundo da cabana de taipa, coberta de sapê, dormiam as galinhas e os porcos na varanda de palha.

Foram acordadas pelos cantos corânicos e viram as pessoas agachadas em direção à Meca. Na hora da partida, as mulheres foram acompanhadas até o

rio ouvindo votos de boa viagem. Assim foi. Em algumas horas de caminhada avistaram Ijebu Ode. Alzira se despediu das companheiras que seguiram para o mercado de Ikija.

Agregada à família de Sidi, cumpriu diversas tarefas ligadas à tecelagem, pois estavam todas a cargo das mulheres. A coleta de algodão era suave. Fiar, tecer e tingir eram práticas orgânicas.

Na terceira manhã notou as esteiras vazias bem antes da hora habitual. A preparação da oferenda para a deusa Iya Mapô já tinha começado. As mulheres envolvidas na tintura dos tecidos realizavam uma cerimônia a cada 24 dias. Alzira teve o privilégio de acompanhar os sacrifícios e o oferecimento dos alimentos feito diante dos potes de tintura no templo da deusa.

Enquanto preparava a tintura, Sidi falava coisas importantes.

— O azul do índigo evoca calma e frescor. Não é assim mesmo que devermos viver? — pergunta Sidi.

— Parece um mar — diz Alzira.

— Vês as correntes dos rios e do mar? A fertilidade de uma terra úmida?

Lembrou-se das aulas de desenho na Escola Rui Barbosa. Pensou em quanto Enedina ficaria feliz em conhecer tudo aquilo.

Alzira foi encarregada de ir ao mercado buscar grãos, botões e pérolas. Quando resguardados da tintura em índigo, através de nós feitos com ráfia, formam os motivos circulares em branco, que se destacam no tecido. Olhava atentamente a execução dos nós e se emocionava quando as estampas ganhavam nomes.

Uma noite sentiu a grande ternura que Sidi lhe dedicava, pois foi convidada a conhecer os tecidos acumulados pela sua família. Ela sabia que se tratava de um tesouro bem guardado e revelado com muita discrição. Em cada pano, Sidi mostrava as marcas dos teares de Ijebu, muito reputados no comércio de tecidos africanos.



Tecido adire. Entre os iorubás, o tingimento em índigo é uma atividade exclusivamente feminina. A fim de protegê-la, as mulheres fazem oferendas à deusa Iya Mapô, cujos rituais são inacessíveis aos homens

Imbuída dessa ternura escreveu para a mãe. Enedina sonhava com Alzira quase todas as noites e naquela madrugada pensava sobre o que ouvira no jogo de búzios. Apesar de tudo parecer bem alguma coisa a deixou inquieta. Aguardava ansiosa uma carta. Decerto acalmaria seu coração. Se esforçou para conciliar o sono, não sem antes imaginar o momento em que a filha anunciaria seu casamento com um nagô puro nascido e criado na África.

Vicente acordou amuado, já não tinha disposição para o trabalho e sentia-se explorado. Tentou consolar-se pensando que o dia na fábrica faria lembrar menos de sua filha querida que por gosto da mãe aceitou fazer aquela viagem. Resmungou qualquer coisa para Enedina enquanto sorvia um mingau de tapioca. Não queria conversa pois acabariam por discutir novamente. Saiu de casa cabisbaixo lembrando as palavras de sua tia Zulmerinda: — O que não tem remédio, remediado está.

Àquela hora, do outro lado do mar, Alzira estava voltando para Lagos e encontrou a cidade em alvoroço. As pessoas estavam agitadas com a mudança forçada de parentes e amigos. A superpopulação já estava no campo de atenção do governo colonial e a remoção de pessoas era uma constante.

Dessa vez uma enorme quantidade de casas da área central de Lagos seria demolida e as pessoas transferidas para Ebute Meta, uma área distante do centro. Mulheres protestavam, homens reuniam-se para tomar decisões que pudessem impedir tamanha arbitrariedade. Núcleos familiares seriam destroçados. Antigas redes de vizinhança desarticuladas. O caos estava instaurado.

O pânico tomava conta de tudo. Pessoas levantando as mãos para os céus, pedindo ajuda aos ancestrais, diante de trouxas e móveis do lado de fora das casas. A polícia inglesa era fria e eficiente. Em pouco tempo a remoção daquelas pessoas para o continente e a demolição das casas foi realizada.

Ikoyi

Lagos é um arquipélago. Vastas extensões de areia, mangues e lagoas separam ilhas ligadas por pontes. Nos anos 1930, a ilha de Lagos, superpovoada, abrigava o bairro dos retornados brasileiros e cubanos; os sarôs estavam na ponta ocidental da Ilha; e a ilha de Ikoyi tornou-se o bairro dos ingleses. A ilha Victoria era quase deserta. Ebute Meta estava na parte continental para onde a cidade se expandiu.

Romana ficou mais tranquila ao ver Alzira chegar. Foi recebida com um carinho por ter se demorado, mas logo puseram-se a conversar sobre as novidades. No fundo ficava satisfeita que a conterrânea estivesse às voltas com as tecelãs iorubanas. Quem sabe deixava de lado a venda dos tecidos europeus e a amizade com aquela inglesa.

No dia seguinte, Alzira tentou uma ligação telefônica para a casa de Emily. Estava ansiosa por vê-la. Aguardava uma nova remessa de tecidos. Sem conseguir comunicação, decide ir até a casa da inglesa em Ikoyi. A paisagem daquela ilha era muito diferente. Caminhos despovoados, ladeados de grama, conduziam às residências dos ingleses. Havia clubes de caça e campos de golfe. Muitas casas ricas sendo erguidas onde antes havia fauna abundante.

Alzira viu homens trabalhando na derrubada de um imenso cajueiro. Ainda era possível ver pitangas e pinhas, mas as casas pareciam querer ocupar tudo. Lembrou-se dos casos de Romana sobre os piqueniques dos brasileiros que tinham plantado tudo aquilo. Passando pela grande área do cemitério, percebeu melhor a geografia de Lagos.

Ao chegar à casa de Emily um empregado avisa que a patroa não está.

Decepcionada, caminhava em direção à ponte de volta ao centro, quando viu o carro da amiga. O chofer para e Emily a convida para tomar um chá. Ela tinha ido ao porto verificar a chegada do cargueiro que traria as peças de wax.

Outro empregado abriu o portão. Na porta principal um mordomo as aguardava. Alzira observou sua escarificação e mais tarde perguntou sua etnia. Era um igbo. Conhecendo a casa viu homens passando ferro, outro fazendo limpeza e estranhou a ausência de mulheres no trabalho doméstico.

Emily propôs tomarem um vinho de honra. Reclamou do atraso da carga enquanto Alzira se divertia com as bolhas do champanhe. Ouviram música. Emily mostrou as peças preferidas de sua coleção de tecidos africanos.

Albert estava no clube apreciando uma corrida de cavalos e as duas jantaram sós. Emily apresentou o cozinheiro. Era o iorubano mais anglicizado que conhecera até então. Ele caprichava no “inglês da rainha”.

Passaram à biblioteca e Emily falou entusiasmada das discussões sobre métodos de aperfeiçoamento do alfabeto latino para a escritura em línguas africanas. Ela estava frequentando o Instituto de Línguas e Civilizações Africanas de Ibadan. Era formada em literatura em Londres e pretendia voltar a Inglaterra para desenvolver estudos superiores em linguística.

Dirigindo-se a uma grande estante Emily apanha alguns livros. Em um belíssimo exemplar ilustrado Alzira vê a Pedra de Roseta.

A luz das cidades

Na década de 1870, a fotografia era praticada nas principais cidades da costa da África Ocidental. Os primeiros fotógrafos eram brancos, mas logo passaram a ser assessorados por jovens negros que abriram estúdios e se tornaram os primeiros fotógrafos africanos. A figura do fotógrafo ambulante, que percorre cidades e países, era constante. Tanto os fotógrafos ambulantes como os estúdios anunciavam seus serviços em jornais.

— Nossa, nunca pensei em ver tantos fotógrafos ambulantes — comentou Alzira a caminho do mercado de Balogum.

— Nunca tirou retrato? — perguntou Ainá.

Alzira conhecia os fotógrafos lambe-lambe de Salvador que trabalhavam em frente a Igreja do Bonfim e na praça da Piedade, no centro da cidade. Mas na África era diferente. Os ambulantes estavam disputando a grande quantidade de clientes circulando nas feiras, interessados em fotos de identidade, exigidas pelas autoridades coloniais.

Aproximou-se de um dos fotógrafos, Udoh, nascido e criado em uma pequena vila igbo. Ele falou dos perigos de trabalhar com sombras.

— A fotografia é um trabalho arriscado. Estas máquinas pegam a sombra humana e os negativos são como fantasmas da morte — disse-lhe o ambulante.

Certa vez Alzira percebeu o desconforto de um fotógrafo durante uma serenata — o velório de um parente de Juan, um homem velho e por isso havia comida, bebida e música. Um evento festivo, o fim de uma longa vida sendo celebrado.

Quando se preparava para registrar o defunto vestido em seus melhores

trajes, o fotógrafo sentiu um mal-estar. Temeu estar sendo dominado pelo espírito do morto. Sua visão nublou-se e ele lembrou não ter feito as libações necessárias antes de realizar o trabalho mortuário.

Mas a atenção de Alzira voltou-se para a lamúria da esposa do morto. Ela sofria por não poder enterrar o marido em seu quarto. A administração colonial proibira essa prática e instituiu os cemitérios. A viúva sentia que o egum não ficaria em paz.

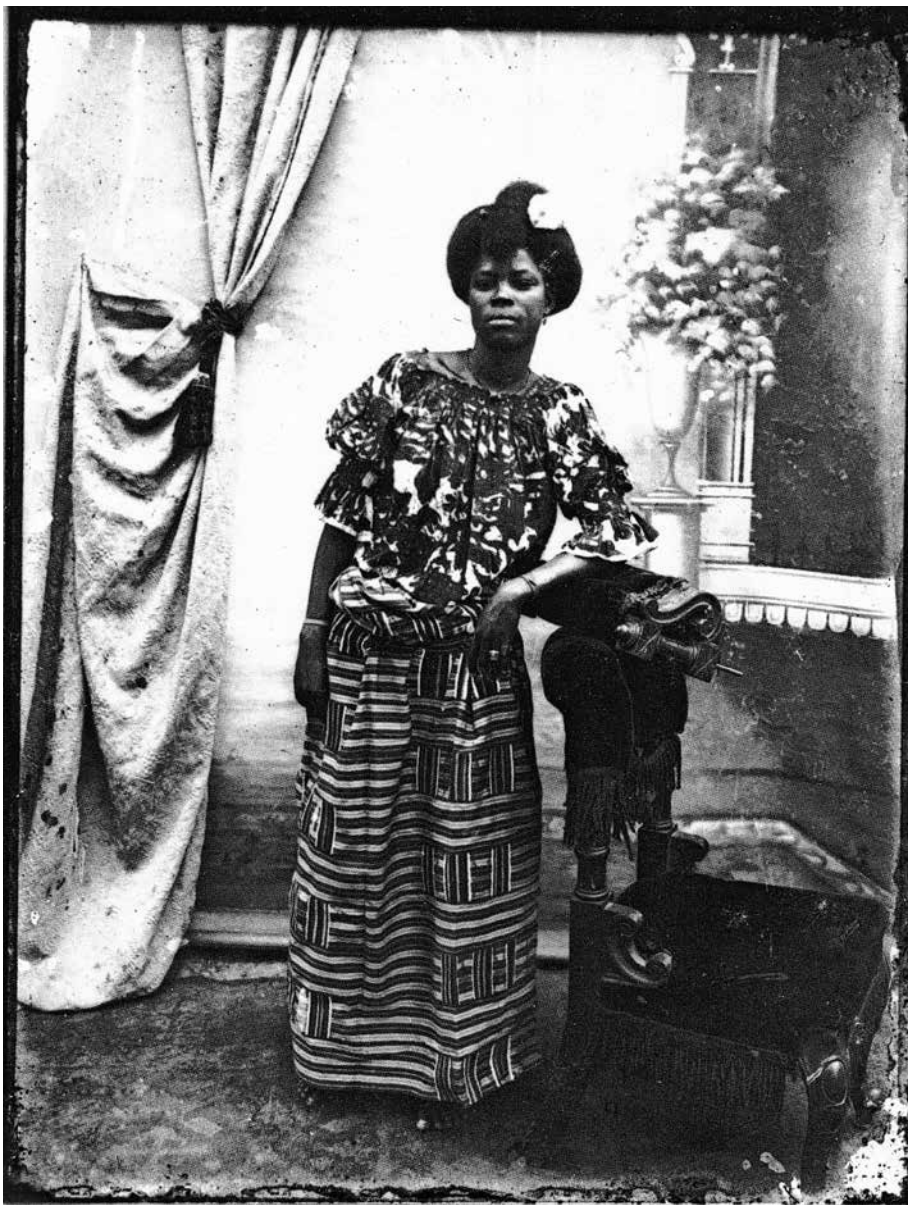
No velório, Alzira soube que o fotógrafo Alex Agbaglo Acolatse estava em Lagos. O distinto togolês, membro de uma influente família de Lomé, tinha vindo atender a sua clientela cumprindo um ritual que cobria toda a costa estendida entre a Costa do Ouro e a Nigéria.

Dominando inglês, francês e alemão — que aprendera à época da presença alemã no Togo — gostava de viajar e já estava acostumado a fotografar pessoas, monumentos e fatos da vida política da África Ocidental. Comandava a Associação de Fotógrafos Profissionais de Lomé que contava com pelo menos treze membros.

Alzira se viu então na sua primeira sessão de fotos domésticas. Depois da arrumação do cômodo, do penteado e da roupa, aguardou ansiosa a chegada do distinto fotógrafo. Ele não tardou. Vestido em terno e gravata impecáveis, Sr. Alex estudou a melhor pose, propôs um pouco mais de pó de arroz para clarear levemente a tez de Alzira e finalmente fez o clic.

Ela ofereceu uma taça de vinho e quis saber mais sobre fotógrafos e fotografia. Alex lhe falou do senegalês Meissa Gaye.

— Meissa aprendeu a fotografar com um francês quando esteve no Congo e dele ganhou uma câmera e um ampliador. Com o equipamento em mãos mudou-se para a Guiné e depois para Dakar, onde trabalhou na administração



Antes da popularização da fotografia, nos anos 1940, os portraits, os álbuns de família e os cartões de visita (a própria imagem da pessoa) eram reservados às elites africanas

colonial francesa. No fim do expediente, saía de bicicleta com sua câmera e um flash que ele mesmo montou. Assim inventou as fotos *jooni jooni*, aquelas feitas de improviso, ao sabor dos acontecimentos — conta Alex.

Na despedida, o fotógrafo disse-lhe que ficaria muito honrado em tê-la em seu estúdio em Lomé. Lá poderia mostrar alguns retratos feitos por Meissa.

— Parto para o Daomé em poucos dias — diz matreira, insinuando um convite.

— Lá estará tão próxima. Poderia estender a viagem até o Togo. Aqui está meu cartão. Despede-se cortesmente, beijando-lhe a mão.

Em seu quarto, preparando a viagem, recebe a visita de Luzia e Romana. Elas traziam uma barra de manteiga de karité. Começaram então os trabalhos de embelezamento corporal. Enquanto hidratavam cuidadosamente a pele e os cabelos, Romana falou da saudade que sentia da Bahia e das atividades na Associação de Brasileiros.

Ela gostaria que Alzira participasse do seu projeto de ensinar português às novas gerações, que se mostravam desinteressadas pela ascendência brasileira. Era uma católica fervorosa e gostava de lembrar os trabalhos de construção das igrejas de Lagos. Se emocionava ao lembrar da consagração do bispo Lang. A abastada comunidade de brasileiros retornados despendia muito para erguer templos e honrar o catolicismo em ricas celebrações.

Ela conhecia a força dos brasileiros na África Ocidental, pois havia morado também no Daomé e pôs-se a falar de quão animadas eram as festas do Bonfim e do carnaval em Porto Novo. Alzira aproveitou para pedir conselhos, já que embarcaria para aquela cidade no dia seguinte.

— Tem medo de morcego, iaiá? — brinca Romana.



Fotografias de brasileiros que retornaram para Uidá, Daomé, no final do século 19

No Daomé

Diversas cidades da Iorubalândia, que inclui parte dos territórios do Daomé (atual Benin) e da Nigéria, abrigam grandes comunidades de descendentes de brasileiros — chamados agudás. Nessa área uma densa rede de mercados se organiza segundo a semana iorubana de quatro dias.*

Alzira acordou antes do dia e foi para a saída da cidade. Acomodou-se ao lado de uma vendedora de máscaras e cestaria. Não demorou a conseguir uma abençoada carona de caminhão e fez a viagem de Lagos a Porto Novo. A estrada cheirava a dendê, plantações imensas dominavam a paisagem e ela lembrou de dona Miúda que vendia acarajé na Cidade Alta.

Miúda era velha conhecida de seus pais, e Alzira experimentou seu quitute no dia em que Vicente a levou ao Terreiro de Jesus para uma manifestação contra a segregação racial nos Estados Unidos. Ainda criança não entendeu muita coisa, mas viu de perto os negros baianos que haviam ascendido socialmente e eram muito elegantes em seus ternos de linho branco.

O caminhão parecia desgovernado buscando escapar das grandes poças e buracos provocados pelas chuvas. Olhando os tecidos que levava, Alzira sentiu saudade de Enedina, de quem herdou o gosto pelo bem-vestir. Sua mãe era uma costureira de mão cheia, fazia maravilhas com aqueles tecidos wax. Mas será que aprovaria sua escolha em mercar o produto que competia com a tecelagem iorubana? E seu padrinho, o que diria disso? Sentiu um aperto no coração ao imaginar Martiniano a esbravejar: — Está traindo nosso povo?

Mesmo gostando da estrada cheia de roças de cacau, coqueiros e plantações de inhame e mandioca, sentia um grande desconforto e muita dor nos

quartos. Decidiu que da próxima vez faria a viagem de canoa cortando os rios que ligam as cidades litorâneas do Golfo do Benin. Ao desembarcar agradeceu a viagem e ouviu a saudação do motorista.

— Que a senhora não morra enquanto estiver viajando.

Ela achava engraçado aqueles cumprimentos que estavam sempre buscando afastar a morte.

Os dias em Porto Novo foram movimentados. Seus tecidos multicoloridos fizeram sucesso nos grandes mercados e nas feiras noturnas. Os bons preços que conseguiu por eles e o grande interesse da freguesia local acalmaram sua inquietação. Se os africanos gostavam daqueles tecidos que mal poderia haver em negociá-los?

Era mês de agosto e Dayo tinha vindo comprar mandioca. A companheira iorubana trabalhava circulando entre cidades. Comprando o que é mais barato em uma, revendendo em outra. De lá iria para o mercado de Saketê. Alzira ficou em Porto Novo e gostou de observar os modos de uma recém-casada chegando ao mercado para providenciar a primeira refeição do marido. Era muito jovem e escolhia milhetes não muito vistosos.

Mas logo as tatuagens azuis nos seios das vendedoras de Ketu lhe chamaram a atenção. Mercavam fios de búzios, pulseiras de cobre e sementes negras.

— Veja, moça, são adereços reais. A princesa de Ketu orna-se com nossas peças.

Alzira pechinchou sem muito lucro, mas adquiriu belas pulseiras. Seguindo labirintos percebeu cheiro de carne defumada e sentiu água na boca. Distraída entre cheiros e cores viu grandes laranjas e notou o francês crioulo falado pela vendedora. Aproximou-se e conheceu Catherine, cujo nome estava tatuado no braço. Uma missionária católica chega à banca e Catherine saudou com distinção sua professora, que lhe corrigiu a pronúncia dos erres. Mas não era hora de pensar em línguas e linguajar.

Com alguns cortes dos tecidos wax, Alzira foi até os alfaiates, analisou as peças feitas para as comerciantes locais e demandou os serviços a um dos mais velhos. Sua máquina Singer está bem gasta, seus óculos degradados, mas o seu cuidado ao tirar as medidas de uma mocinha, que falava fon, foram suficientes para que ela confiasse nele.

Voltou para a pensão e esperou o dia seguinte para buscar a encomenda. De noite ouviu o som agudo dos morcegos pendurados nas árvores e lembrou enjoada dos balaios de morcegos defumados que vira na feira. Acordou bem cedo e foi buscar seus novos vestidos. Arrumou toda a mercadoria e logo partiu de canoa de Porto Novo. Cortando os canais, passou rapidamente por Cotonu, visitou o grande mercado de Dantokpa e embarcou para Uidá.



Canais paralelos ao mar, no Golfo do Benin, ligam as cidades da costa ocidental africana. Canal Ganvier, Cotonu, Daomé

Ao se aproximar de Uidá viu o forte português em ruínas. Angustiada, imaginou o drama do embarque nos tumbeiros. Respirou fundo e pensou em seu destino. Sentiu grande felicidade por estar ali, livre, comerciando tecidos. No desembarque foi logo abordada por uma velha senhora oferecendo patchworks de extrema beleza. Ela tinha os seios nus e Uidá lhe pareceu bem menos pudica que Lagos.

A senhora procurava cativar a atenção de Alzira para a sua mercadoria dizendo-lhe que a tecelagem é uma atividade a cargo da realeza daomeana.

— Cuidado, moça, para não comprar mercadoria falsa. As matrizes do patchwork são propriedade das famílias de reis e a reprodução fica a nosso cargo, tecelãs dessas famílias.

— Tenho tecidos ingleses, gostaria de trocar? — propõe Alzira.

— Sinto, senhora, preciso do metal.

— Pois não! Aqui está — diz Alzira, pegando um belo patchwork.

Decidiu ir a Lomé por terra. Ela sabia que estava cruzando territórios manchados de dor. Naquela costa embarcaram seus antepassados. Pensou no destino de sua avó Balbina que chegou ao Rio de Janeiro no mercado de Valongo. Saiu de lá para a Bahia, onde nasceu sua prole. Jurou a si mesma que chegaria a conhecer toda sua história.

No caminho encontrou um livreiro. Tinha um ar cansado. Vinha viajando por cidades litorâneas vendendo enciclopédias de porta em porta. Parecia velho demais para o peso que carregava. Ele contou histórias de gafanhotos que devoravam colheitas inteiras.

Não foi difícil encontrar a casa do renomado fotógrafo togolês. Na roda de Monsieur Acolatse, convivendo com famílias cultas, Alzira aprendeu um pouco de francês. Alegrou-se ao perceber que logo seria poliglota como os africanos.

Introduzida em meios elegantes, saía-se bem manejando mais uma língua de brancos. Conheceu descendentes de brasileiros e deu notícias da Bahia. Soube que políticos importantes eram agudás.

Alzira tentou entender porque os descendentes de brasileiros eram assim chamados. Alex afirmava que o termo vinha dos tempos em que Uidá — também chamada de Ajudá — era domínio do negreiro baiano Francisco Félix de Souza, Chachá I, uma das maiores fortunas produzidas no apogeu do tráfico de africanos entre a costa ocidental da África e o Brasil.

No estúdio de Alex conheceu vários fotógrafos. Viu os retratos de Meissa Gaye. Ficou encantada com o requinte das figuras e a originalidade das poses. Lá conheceu uma família senegalesa muito distinta que veio visitar a filha mais velha, nora de Alex. Estavam às voltas com o retorno para Dakar. Sem ter mais o que fazer na cidade — seu estoque de tecidos fora arrematado por um mascate libanês — Alzira pensou em ir ao Senegal acompanhando a família. Lá compraria os tecidos senegaleses e poderia fazer um bom negócio com eles em Lagos. Proposta aceita, ela embarca para o extremo ocidente.

A Medina e o Platô

O Senegal era o mais importante país do vasto território da África Ocidental Francesa - AOF composta ainda pela Mauritânia, Sudão, Costa do Marfim, Guiné, Alto Volta e Daomé. As cidades que estiveram sob o jugo colonial da França eram espacialmente divididas entre a Medina - área africana e o Platô - área europeia. Dakar é majoritariamente wolofe e muçulmana.*

Hospedada na casa de Monsieur Thioune na Medina de Dakar, Alzira desfrutou do convívio de famílias que vivem em torno do mesmo homem. Thioune era muçulmano rico, tinha quatro mulheres e dezessete filhos. Em companhia de suas esposas, filhas, tias e primas, conheceu suas histórias.

Era uma casa confortável com um imenso pátio cheio de goiabeiras, mamoeiros, mangueiras majestosas e muitas cabras, galos, ovelhas. As refeições diurnas eram servidas no pátio e as noturnas numa grande varanda. Homens e mulheres se sentavam separadamente em torno de cabaças de arroz e peixe defumado com molho de tamarindo e pimenta.

Alzira custou um pouco a assimilar a prática de reverências islâmicas. Todas as manhãs as mulheres, por mais velhas que fossem, se dirigiam ao chefe da família e com os joelhos dobrados apresentavam suas saudações. Mas se acostumou àquela ambiência muçulmana e passou a apreciar os cantos corânicos que lhe despertavam muito cedo.

Logo depois das reverências, as mulheres pegavam seus cestos e saíam juntas para o mercado. Por volta das sete da manhã já estavam de volta com as provisões do dia e a primeira refeição era servida. Leite fresco, quinquéliba, mingau de milho e torradas amanteigadas. Perto da hora do almoço, a família foi

informada que um vizinho voltara de Meca. Dois carneiros foram abatidos, vários quilos de milho pilado e transformados em cuscuz. Engradados de limonada e muito chá também seriam servidos no pátio da casa ao lado.

O homem portava sua roupa de peregrino — um belo mantô bordado em fios de ouro e um gorro alto de veludo. Os visitantes que chegavam para cumprimentá-lo recebiam tâmaras e incensos e aguardavam a distribuição de jarras de água benta, o zem-zem que o peregrino trouxera com todo cuidado. Ao serem servidos saúdam a benevolência do viajante. No dia seguinte a família do peregrino apareceu exibindo os presentes trazidos de Meca, colares, anéis e sandálias.

Em uma noite de lua cheia, Alzira ouviu tam-tans, palmas e cantos cujos refrões eram acompanhados em coro. Era possível ver o clarão e a fumaça de uma fogueira. Kadhy, uma das filhas de M. Thioune, indicou que eram rituais de cura dos jovens circuncidados e durariam até a completa recuperação dos rapazes. Ela ouvira falar dessa prática também em mulheres e sentia calafrios ao imaginar que elas podiam ser cortadas, mas não teve coragem de perguntar.

O pátio estava agitado aquela manhã. Muhammad, o filho primogênito, seus irmãos e primos preparavam-se para assistir a uma luta. A excitação era justificável, o sacerdote do jovem lutador Falang desafiou publicamente o rival durante uma sessão musical que varou a noite anterior. Alzira chegara a ouvir djembés, coras e balafons.

As lutas eram apaixonadas. Embora os prêmios fossem valiosos — bois, cabras, sacas de arroz e de amendoim — o mais importante na luta era defender seu vilarejo, a bandeira de uma cidade. O orgulho de ter o melhor lutador ao lado do melhor marabu. Alzira observava Muhammad pintando uma placa de madeira, que levaria ao duelo. Notou a expressão de força e vitória no semblante de Falang que defenderia Dakar frente a Thiés, outra importante cidade senegalesa.

Griôs, percussionistas e mímicos estariam presentes na arena onde os marabus colocariam os amuletos chamados gris-gris e dariam os banhos mágicos nos lutadores ávidos pelo momento de deitar as costas do rival na areia e vencer a luta.

Alzira não podia estar mais curiosa a respeito desses sacerdotes e assim que soube que Safi iria ao encontro do marabu da família para saber de uma contenda amorosa, perguntou se podia acompanhá-la.

Na casa do marabu, uma cama era o único móvel. Livros empilhados, rosários pendurados em toda parte. Búzios e raízes medicinais. Havia ainda ossos de crânios de animais. Sentiu um tremor e foi até a porta apreciar o movimento incessante da Medina. Barbeiros, sapateiros, ourives, carvoeiros trabalhavam serenamente.

Assustou-se ao ouvir Safi chamar seu nome e sentou-se numa esteira diante do marabu. Alzira perguntou-lhe se era uma boa hora para ir a Bahia. Enquanto ele jogava os búzios ela olhava fixamente para os muitos anéis em seus dedos, e admirou um feito de três búzios grandes religados por um fio de bronze. Observou sua escarificação na parte inferior de cada bochecha e seus dentes vermelhos pelo consumo de noz de cola.

Ele jogou os búzios e com o olhar absorto disse com voz grave.

— No que concerne à sua viagem os espíritos predizem o bem. Mas preste atenção. Uma galinha branca será doada a uma velha sete dias antes de sua partida e, no dia da viagem, sete velas e sete nozes de cola serão entregues à primeira pessoa que encontrar ao sair de casa. Antes da viagem venha buscar o gris-gris que você portará contra o mau-olhado.

Embora não tenha dormido o suficiente e a Medina fosse muito atraente, Alzira estava disposta a conhecer o Platô, queria ver de perto a cidade dos brancos. Soube que para isso precisaria levar um documento informando ser ela hóspede

do Senhor Thioune. Incrédula, providenciou o papel. Caminhando pelas ruas sinuosas de areia sem esgoto ou eletricidade, onde casebres feitos de restos de caixas e velhos tonéis de petróleo serviam de moradia, chegou a uma ponte paliçada que levava a uma área plana de terra avermelhada. A guarda policial conferiu o documento. Por sorte, era um afilhado de seu anfitrião. Ele lhe permitiu o acesso com um tapinha nas costas. Próximo ao mar, o Platô em nada lembrava a Medina pois se inspirava no traçado urbano de Paris, embora exibisse palmeiras e baobás.

Flanando, enveredou pela Avenue Roume e viu o estúdio fotográfico *Tennequin*, órgão oficial da África Ocidental Francesa. Ao entrar no estúdio foi recebida pelo jovem Amadou Gueye, mais conhecido como Mix, seu apelido de infância. Uma forte simpatia os aproximou imediatamente. Através dele soube que Meissa Gaye mudara-se para Saint Louis, ao norte do Senegal.

Alzira se dedicou a conhecer melhor o Platô e teve a companhia de Amadou. Era um rapaz interessante e logo passou a chamá-lo de Mix. Elegantemente vestido à europeia e munido de uma câmera Leica, circulava em todos os meios fotografando eventos da vida dos colonos. Tinha temperamento imprevisível. Certa vez, sentindo-se humilhado por um francês, jogou-se em trajes sociais na piscina do hotel Lido, então proibida aos negros.

Os palacetes dos colonos, os prédios administrativos e a vegetação densa escondiam boutiques e cafeterias. A convite de Mix foi ao cinema. Ele fez a foto encomendada pelo *Tennequin* e assistiram a um filme egípcio. O projetor entrou em pane, a plateia era barulhenta, mas eles se divertiram e foi nessa sessão que Alzira pediu que ele a iniciasse na fotografia.

Mix aceitou fazê-lo em sua casa no bairro mouro, o Battoir. No seu estúdio caseiro, Alzira fez sua estreia como fotógrafa amadora. Não sem antes conhecer os retratos que Mix fizera. Também admirou as pinturas sob vidro que ele exibia nas paredes da casa, inspiradas em fotografias feitas pelos retratistas.

Com fotos a fazer em um cruzeiro ancorado no porto de Dakar, Mix levou Alzira para desfrutarem dos únicos bares em que podia se beber um bom uísque. Degustaram enquanto o fonógrafo tocava Marlene Dietrich. De lá iriam a um dancing. Ela percebeu o quanto os franceses apreciavam a beleza das jovens senegalesas. E como a prostituição estava difundida nas colônias.

A fim de replicar a experiência de Meissa Gaye, Alzira adquiriu uma máquina Agfa de ocasião. Pediu a bicicleta de Muhammad e saiu a pedalar pela Medina. Próximo ao mercado Tilene, viu um mímico satirizando os franceses. Ele imitava um funcionário colonial afetado e sua mulher elegante auxiliados por um intérprete, que fingia subserviência, mas estava mais preocupado em ajeitar sua longa toga e seu gorro pontudo. Posicionou-se para clicá-los furtivamente.

Ela não temeu se arriscar em uma prática desconhecida pelas mulheres — a arte de fotografar. Na volta parou para se refrescar numa loja de sortidos, cujo dono era sírio, e viu os postais produzidos em série. Era um modo primoroso de apresentar as possessões francesas aos habitantes das metrópoles. Foi assim que viu imagens de Saint Louis. Era uma linda cidade. Comprou um deles para seu amigo Juan.

A Medina era muito eclética e Alzira não pôde deixar de notar a presença de jovens que passavam os dias nas ruas pedindo a caridade das pessoas. Uma tarde, ao depositar algumas moedas na cabaça de dois deles que deambulavam juntos, procurou conversa. Muita mímica foi usada para que pudessem se comunicar. Os jovens baye fall* não falavam francês, mas ela conseguiu bater um retrato em que focalizou seus trajés diferenciados e seus adereços de pescoço que traziam imagens do marabu Ibra Fall ainda jovem.

Alzira descansava no pátio da casa de Monsieur Thioune, lembrando cenas de sua infância, quando viu chegar uma distinta senhora. Madame Diallo vinha



Meissa Gaye e Mama Casset empreendem mudanças estéticas tais como fotos domésticas, em que a composição artística incluía fotografias dos ancestrais das famílias senegalesas

em busca de fotografias da família de sua comadre Ndeye, a primeira esposa do Monsieur Thioune. Sua filha mais velha estava grávida e posaria para uma fotografia com os retratos de seus ancestrais. Era de praxe.

Sábado de noite, depois de uma boa janta, era hora de ouvir os contos. Mas a visita do sapateiro das mulheres mudou os rumos da prosa. Ele tinha sido levado a Exposição Colonial de Paris. Alzira ouviu o relato da experiência. Em um Parque Zoológico de Aclimação, o artesão foi exibido e observado por milhares de visitantes sequiosos por desfrutar do exotismo dos habitantes das possessões francesas na África.

O inverno já estava chegando ao fim, mas as chuvas eram diluvianas. Os recursos de Alzira se esgotaram. A câmera fotográfica que adquiriu e os custos envolvidos na sua prática consumiram suas últimas moedas. Voltou a casa do marabu e pegou seu gris-gris, certificou-se da receita da oferenda, agradeceu e saiu caminhando lentamente observando o alvoroço das crianças a brincar com carneiros e a elegância das mulheres da Medina. Reviu e acenou para a mercadora da qual havia adquirido todo o lote de tecidos. Dakar era vibrante, mas era hora de voltar para Lagos.

Durante o retorno não parava de pensar na Bahia. Entrando na pensão, sentiu uma certa tristeza. Queria ver seus pais, sentir o calor de sua casa. Nem pôde descansar, Romana e Luzia ficaram doidas para ver as peças senegalesas, mas acharam muito caras. Ela queria vendê-las o mais rápido possível. Separou as mais bonitas para oferecer a Emily. A inglesa ficou com os tecidos e Alzira desenhou modelos sob medida, inspirados nas roupas senegalesas.

Alzira contou detalhes da viagem, disse ter aprendido a fotografar, mas ela estava estranha.

— Você me parece triste — disse Emily.

— A verdade é que não posso mais suportar a saudade de casa, quase dois anos se passaram.

— Então vá, Alzira, mas não se demore. Por favor, não esqueça de me trazer retratos da Bahia.

Saiu decidida. Vendeu as peças restantes, refez seu estoque de wax e adires. Encomendou uma boa quantidade de noz de cola, sabão da costa, contas, alakás e algumas esculturas para levar à Salvador. Fez a mala cheia de alegria.

A primeira volta

Salvador, 1932. A Frente Negra está em ação na Bahia.

No rádio, as vozes de Dorival Caymmi, Sylvio Caldas, Bando da Lua, Ary Barroso, Braguinha.

Nas bancas, revistas de cinema Para todos, A cena muda, Selecta, Cinearte.

O gosto pela sétima arte expandia as plateias nos vários cinemas da cidade.

Os olhos de Alzira brilharam ao avistar o cenário da cidade da Bahia. Chegou carregada de produtos africanos de primeira linha. Sem saber, estava se tornando uma representante da elite comercial negra que cruzava o Atlântico como quem atravessa um rio.

O encontro com os pais foi emocionante. Enedina olhava encantada as vestes da filha. Vicente chorou abraçado a ela. Em casa, a festa dos presentes. Parentes, vizinhos, amigos, todos se aboletavam para ver a moça que chegava da África. Alzira estava cansada, mas contou casos, mostrou postais de Lagos e de Dakar. Quando ficaram a sós sentaram-se bem juntinhos sentindo uma intensa felicidade.

Na manhã seguinte, depois do longo desjejum, pegou o bonde no largo de Roma. Era uma sexta feira e a Rampa do Mercado fervilhava. Mas ela não se demorou, dirigiu-se ao Caminho Novo, no Taboão, para ver o padrinho.

Martiniano estava pobre, morava num sobrado descomposto. Alzira ficou preocupada e resolveu visitá-lo diariamente. Ela o mantinha informado dos acontecimentos em Lagos. Ele gostava de admirar a postura da afilhada, os tratos do cabelo, o modo de amarrar os turbantes. Ela lhe trazia a alma lagosiana, não só pelas histórias que contava, mas também num jeito de se comportar. Alzira conhecia as tramas dos mercados iorubanos, seu linguajar era cheio de palavras usadas nesses meios e não raro conversavam em iorubá, quando Martiniano estava bem disposto.

Ele gostava de saber como ia a administração inglesa e ficou satisfeito ao saber que muitas crianças estavam sendo alfabetizadas em suas línguas maternas. Alzira contou também que nas escolas das grandes cidades os jovens nigerianos estavam lendo os mesmos livros que os ingleses adotavam.

— A neta de Dona Romana, filha de Luzia, é uma menina diferente. Não se adaptou ao Jardim de Infância, mas entrou na escola primária antes de fazer sete anos. Pediu a mãe para estudar em inglês. Recentemente, estava empolgada lendo *David Copperfield* e *A ilha do tesouro*.

— Sou contra. Essas histórias contadas pelos brancos não servirão aos nossos irmãos! Deveriam dar ouvidos aos contadores de histórias, às nossas crenças! — exalta-se Martiniano.

— O aniversário da rainha Vitória é um evento escolar realizado com grande pompa. A menina gosta mais disso do que das festas brasileiras — comenta Alzira, para desgosto do padrinho.

Mas se divertiram quando Alzira falou em pidgin english, o patoá da Nigéria que fazia contrações entre as muitas línguas faladas no país e o inglês imposto pelos britânicos.

— Não se diz *good morning* e sim *guru morin*. *Mister* vira *Misita*, entoa Alzira com muita graça. Mas há aqueles que se esforçam para falar o “inglês da rainha” e quase se enrolam na própria língua — diz gargalhando.

Do alto do sobrado, enquanto saboreia sua mistura de água, farinha, limão e açúcar, Martiniano vê sua vizinha de chamego com um rapaz branco.

— Veja só, Odete agora deu pra espichar os cabelos, desprezou nossos deuses e anda às voltas com esse rapaz branco.

— O que tem demais, padrinho? Se eles se gostam...

Alzira já tinha chegado há alguns dias e estava às voltas com a distribuição



Salvador da Bahia, Centro antigo

dos produtos africanos que trouxera. Saía da Loja de Mãe Aninha, no Pelourinho, quando encontrou Fortunata. Ela contou que sua carreira de vedete não foi bem sucedida. A concorrência com as dançarinas brancas era acirrada. Elas lembraram o dia em que, escondidas de Enedina, foram conversar com Borges da Mota, fundador da Companhia Negra de Revista. O empresário procurava “vedetes de ébano”, inspirado em Josephine Baker que abandonara os Estados Unidos e impressionava Paris.

Fortunata dançava e cantava divinamente e a despeito da má vontade de sua patroa apresentou-se a Borges da Mota buscando espaço no palco do

Cinema Olympia. Ainda era uma catarina* em casa de uma família da Baixa do Bonfim. Assim que a patroa soube do teste, colocou suas trouxas na rua. Desde então, estava morando numa pensão na Ladeira de Santana.

Naquela noite, Alzira não dormiu. Foi até a cozinha e machucou um açaçá com mel de abelha. Voltou a deitar e pregou os olhos no teto lembrando quando brincava de adivinhar os nomes dos saveiros que vinham do Recôncavo e cruzavam a praia da Boa Viagem em direção ao Porto da Barra. Gostava particularmente do Anjo dos Mares, conhecia sua vela de longe.

No dia seguinte o vespertino *A Tarde* trazia o anúncio do show de Carmen Miranda no Cine Teatro Jandaia na Baixa dos Sapateiros. Era um espaço luxuoso e Alzira gostou de convidar os pais para uma noite de gala. Nem tudo foi como esperavam. O microfone não funcionou e Carmem cantou à capela, mas seu figurino era eletrizante.

Na saída do espetáculo, Vicente encontrou um senhor muito fino, o advogado Maxwell Porphyrio de Assumpção, descendente de nigerianos. Pela primeira vez, Vicente falou orgulhoso da estadia de Alzira em Lagos. Maxwell, mais conhecido como Alakija, folgou em sabê-lo. Ele estava envolvido com a Frente Negra e falou empolgado da força que ela vinha ganhando, pois chegaram a reunir cerca de dez mil pessoas no cais de Salvador. Deu conta das atividades e convidou toda a família a comparecer ao desfile de pobres que a Frente Negra programava, a fim de chamar a atenção para a situação precária que a população de Salvador vivenciava. Prometendo comparecer, Vicente se despediu admirando a elegância e a compostura daquela família.

Alzira vendeu belos tecidos wax para os Alakija. Levava lotes dos mais finos para a bela casa onde moravam na Lapinha. As mulheres da família tinham joias e luxuosos vestidos; os homens, automóveis. Soube que os parentes de Lagos,

advogados brasileiros retornados, haviam trocado de sobrenome adotando um iorubano no seio da Renascença Iagosiana. A parte da família, que permanecera na Bahia, competia em distinção com a família de Miguel Santana, entre outras das elites de cor.

A vida em Itapagipe continuava a mesma. Conversando com Enedina, Alzira lembrou da farda da escola e do prazer que sentia em forrar os livros conquistados a cada início de ano. Enedina estava realizada, muito do que sonhara para a filha havia se concretizado. Elas falaram do passado.

Vicente e Enedina trabalhavam na Fábrica de Tecidos Companhia Empório Industrial do Norte. Ele ocupava um posto de maquinista e ela de tecelã. O empresário Luiz Tarquínio ainda vivia e desenvolveu uma certa afeição pelo jovem casal. Enedina era sincera e Vicente era um trabalhador dedicado. Logo tiveram direito a uma casa na Vila Operária pela qual pagavam um módico aluguel.

— Seu pai foi premiado como operário padrão vários anos seguidos. Você nem tinha nascido. O finado Luiz Tarquínio morreu cedo, coitado, aquele sim cuidava dos operários. Na fábrica tinha creche, farmácia e refeitório. A gente deve muito a ele, minha filha. Antes da fábrica, a gente morava num cômodo num casarão velho, ali na enseada dos Tainheiros. Eu vendia pano da costa no mercado da Ribeira e na feira noturna da Praça Divina. Vicente era engraxate. A vida era difícil.

Enedina contou que teve grande dificuldade em engravidar.

— Tomei chás fertilizantes, me benzia toda semana, fazia oferendas. Fui ver Vó Maria, uma rezadeira que fazia milagre, lá no Alto da Alegria, pras bandas do Rio Vermelho. E nada. Quando já tava conformada você veio, minha filha.

O parto difícil esterilizou Enedina que passou a ver na menina a razão de seu viver. A habilidosa tecelã, acostumada a teares, fios e anilinas, cuidava de

Alzira como se fosse uma boneca. Deu-lhe Martiniano Eliseu do Bonfim como padrinho e o olhador viu que a menina era dedicada a Euá, a senhora das possibilidades.

Desde cedo alimentou na criança uma certa vaidade. O cabelo da menina era uma beleza. Enedina usava um preparado de tutano do boi cozido, colocado



Representação de Enedina e Vicente, mãe e pai de Alzira

no sereno por três dias. Misturado ao óleo de mamona e a um pouco de brilhantina, hidratava e desembaraçava os fios para a feitura das tranças. Em dias de festa desfazia as tranças e os penteados eram variados aproveitando a ondulação dos cabelos crespos para ajeitar laços de fita combinados com vestidinhos de cassa e sapatos brancos de couro lustroso.

Os mitos de Euá foram as primeiras estórias que Alzira ouviu. Lembrou do seu preferido. E pediu que Enedina recontasse.

Euá era muito linda, tão linda como as manhãs ensolaradas, e tinha inúmeros pretendentes, mas não desejava contrair matrimônio com nenhum deles. Queria permanecer solteira e casta. Nanã andava tão preocupada com o jeito da filha linda e iluminada, hostil ao interesse dos pretendentes à sua mão, que resolveu consultar-se com o babalaô, pedindo ajuda a Orumilá: que fosse feito algo para mudar a cabeça de donzela tão teimosa! Quando ela soube das intenções de Nanã — de casá-la a pulso —, chorou tanto, tanto, que Oxumarê, apiedado, levou-a para o céu, escondendo-a detrás do arco-íris num local que Nanã não tem acesso, pois tem medo de alturas. Quando ela volta ao Aiê, vem na forma de uma bela serpente amarela, rajada de vermelho, para que a mãe não a reconheça. Arro bo boi — Riró.

A menina se familiarizou muito cedo com o mundo iorubano do qual descendia por linha de sangue. Sua avó materna, Balbina, era egba e foi capturada em Badagri. Foi escravizada no Rio de Janeiro, mas conquistou sua alforria ainda menina. Depois de viver alguns anos no cortiço Cabeça de Porco migrou para Salvador em busca de uma maior comunidade iorubana, fazendo o caminho inverso àquele traçado pela imensa comunidade baiana, atraída pelas luzes do Rio. Sua prole nasce em Salvador, Enedina é sua filha mais velha. Os irmãos estavam

sempre perto da primogênita, pois Balbina morreu jovem. Dois anos antes do nascimento de Alzira.

Os pais e toda a parentela de Vicente moravam em Cachoeira, onde ele havia nascido. O trabalho intenso na fábrica não lhes permitia visitá-los com frequência, mas todo ano eles desembarcavam ali mesmo na Boa Viagem vindos no saveiro Cu de Boi para a festa de Nosso Senhor dos Navegantes. Era uma festança. Enedina cuidava para que Alzira fosse a mais bonita do evento que parecia trazer toda a Bahia para a península de Itapagipe.

O zelo de Enedina não se traduzia apenas na aparência da menina. Educar a filha como ela jamais fora era seu principal objetivo. Com jeito, conseguiu uma promessa do patrão, o filho de Tarquínio, de que a menina teria uma vaga na Escola Rui Barbosa, aquela que o industrial havia criado na Vila para os filhos dos operários.

Enedina olhava e visitava o grande prédio desejando ver Alzira naqueles corredores e salas amplas onde professoras comandavam jovens humildes que cedo tiveram acesso a um modelo diferenciado de educação. Música, teatro, desenho, pintura e línguas. O ensino do inglês ficava a cargo de professoras escocesas e americanas que Luiz Tarquínio trouxera para dirigir a Escola.

A menina dedicava muitas horas aos estudos, seu gosto por bibliotecas manifestou-se cedo e contentava Enedina. Ela adorava visitar o Liceu de Artes e Ofícios e, na escola, tinha preferência pelas aulas de desenho. Vivia agarrada com o livro de Manoel Querino, a copiar seus debuchos.

Estavam Enedina e Alzira conversando e ouvindo rádio quando atentaram para a notícia da demolição da Igreja da Sé. Vicente chega em casa com o jornal na mão e mais indignado com a perseguição às vendedoras de comida na rua. Seria possível que aquilo não tivesse fim?

Alzira se dava conta do quanto Lagos e Salvador tinham em comum. Mas a vida pacata de Itapagipe lhe inquietava. Detestava aquelas regatas que traziam uma gente esnobe para o bairro e sentia falta do movimento intenso, do ambiente comercial e multicultural de Lagos. Estava na hora de voltar ao trabalho.

As vendas de Alzira na Bahia foram excelentes, suas peças tiveram grande saída na quitanda bem sortida de Mãe Aninha. Na Rampa do Mercado houve até disputa pelos adires. Cabia decidir quando voltaria a Lagos e como. Os navios eram cada vez mais raros. Começou a ir ao cais diariamente para aviar um modo de cruzar novamente o Atlântico. Dessa vez teria que ir para a Inglaterra num cargueiro misto. Entre sacas de café e malas postais haveria de chegar à costa africana. Naquela noite escreveu uma carta para Romana informando seu retorno, antes mesmo de dizê-lo a seus pais.

Enedina lamentou que a filha partisse antes das festas de final de ano, mas conformou-se e se despediu cobrando o casamento de Alzira e seus netos nagôs.

Exímia viajante

*Entre dezembro e fevereiro sopra do Saara um vento seco e espesso.
Na África Ocidental é chamado de Harmatã. É sempre bem-vindo.
Dura pouco, mas refresca as temperaturas e pode encobrir o sol que
ilumina o litoral atlântico da África.*

Alzira chegou ao porto de Lagos poucos dias antes do Natal, junto com o Harmatã. Romana e Luzia estavam lá no cais de Apapa quando o navio deitou âncora. Mal puderam ver o desembarque pois as rajadas eram tão fortes que pareciam trazer toda a areia do deserto. Romana subiu ao navio, cumprimentou os tripulantes, quis saber das mercadorias brasileiras, soube notícias de Lampião e Maria Bonita e mais uma vez desejou retornar à Bahia.

Na noite de réveillon a saudação que mais se ouvia era “Deus ouça suas preces”. Pessoas de todas as religiões usavam essa saudação. Era realmente um evento ecumênico, havia muita cordialidade. As igrejas católicas, as catedrais anglicanas, as mesquitas, todos os templos se iluminavam e os egunguns povoavam as ruas de Lagos. Música e dança alegravam o ambiente.

Os primeiros tempos foram bastante tranquilos. Alzira sentia-se em férias e viajava a passeio. Amava cruzar o rio Oxum, percurso necessário para ir a Ifé, a cidade sagrada. Ia sempre a Oió. Gostava de sentir o calor do chão que Xangô penetrou quando se fez orixá.

Desfrutava da companhia de Emily cada vez mais intensamente. Um dia estavam tomando banho na baía de Tarqua, que margeia a ilha de Ikoyi, quando notaram um homem europeu as observando. Era um fotógrafo que tentava

registrar aquela cena rara. Uma mulher negra e uma branca portando-se como iguais. Seria uma prova da ambiência de harmonia que os europeus adoravam mostrar nos cartões postais com belas cenas coloniais. Poderia ganhar uma boa quantia com ela. Alzira saiu da água com seu lapá* encharcado e dirigiu-se ao homem. Mas ele saiu correndo levando uma doce imagem.

Alzira e Emily brincaram juntas o carnaval animado pela presença de egunguns ricamente paramentados, portando máscaras antigas talhadas em madeira. Outros, menos ricos, saíam com panos no rosto, vestindo folhas e palhas. Eles costumam entrar nas casas desejando prosperidade. Os moradores ficavam gratos.



Egunguns, espíritos ancestrais que visitam o mundo dos vivos

Elas frequentavam a Sociedade de Nossa Senhora dos Prazeres. Emily gostava quando a amiga encarnava a dançarina e aceitava dinheiro da audiência, que depois oferecia aos músicos. Alzira adorava ouvir a saudação “Viva brasileiro!” que os membros da Sociedade repetiam a todo momento.

Esta amizade causava certa animosidade. Romana cansava de repreendê-la, mas Alzira ficava arredia e seu humor realmente azedava quando alguém se referia a Emily como oimbô* ou de outro modo pouco lisonjeiro. De qualquer forma, sentia que precisava voltar a trabalhar duro.

O mercado de Lagos estava saturado. A campanha contra vendedoras de rua tinha esfriado o mercado de tecidos que antes obedecia ao calendário agrário e agora tentava se adaptar ao calendário cristão. Seria preciso se aventurar mais para garantir vendas satisfatórias. Um tanto temerosa, Alzira vai para o norte da Nigéria, a terra dos hauçás.

Era uma longa viagem. O primeiro trecho fez em companhia de Ainá. Elas chegaram bem cedo a uma aldeia próxima a Ibadan e ouviram o Pai Nosso rezado em voz sonolenta. Logo avistaram uma capela erguida no centro do vilarejo. Receberam a benção do padre e oraram no galho da árvore que servia como genuflexório. Todas as rezas valem quando se está na estrada. Chegaram a Ibadan, uma cidade universitária, de muitos mercados e próspero comércio. Era um dos principais centros do domínio britânico e era bem servida de estradas.

Ela não tardaria a chegar a Kano. Ia carregada de tecidos adire e com um bom lote de wax. Era uma jogada arriscada. Os hauçás, experts em uso de índigo, desenvolveram técnicas de tingimento em negativo, usando o fundo dos tecidos. No norte muçulmano os homens cuidam da tecelagem e da tintura realizada em poços abertos, e não em potes, como aprendera com as mulheres iorubanas.

O grande mercado de Kano era muito bem organizado. Algumas barracas

servem refeições ao ar livre, mas eram frequentadas apenas por homens. Mulheres comem em casa, embora sirvam as refeições aos comensais que escolhem carnes cozidas em uma fogueira. Em uma delas experimentou carne de camelo seca. Depois contentou-se com frutas diversas, melancia, manga, tâmara, toranja. Também saboreava pão assado na hora com mel e manteiga derretida. Às vezes degustava bolinhos de arroz.

Alzira pôs-se logo a mercar como ambulante. Escolheu um cesto raso e bem trançado onde os tecidos foram cuidadosamente arrumados, mas se deparou com uma grande quantidade de vendedoras igbos. Muito mais experientes que ela, mercavam os belos tecidos ukara. No quinto dia seu lote de tecidos se mantinha quase inalterado.

Mesmo preocupada não lamentava a viagem. Sabia ser apenas aprendiz de feiticeiro e a tecelagem que conhecera em Kano era uma das mais requintadas de toda a Nigéria. Certa vez teve a chance de ver o preparo de uma veste chamada karfo. Era um bubu tingido em índigo bordado com lantejoulas. Para o lustro desejável, coloca-se na tintura muita goma, que se fortalece quando batida e passada a ferro. Uma atividade delicada que exigia força. Um dia estava entretida numa banca que tinha lindos nufas. Experimentou uma das túnicas em índigo com listras brancas, ornado na frente e atrás com bordados de seda. Quando conseguiu um bom preço pela que desejava presenciou a chegada de uma peregrinação a Meca.

Um barbeiro vinha orgulhoso em amplo bubu branco e gorro vermelho bordado. Acabado de chegar de Meca aproximou-se da confraria de mulheres que portavam roupas sofisticadas. Aos poucos encontrava amigos que lhe ofereciam presentes e ele os saudava solenemente, imbuído da altivez de quem teve contato com a Kaaba. Ele trazia um carneiro grande para oferecer em sacrifício.

Quando já estava sem meios de se manter em Kano, Alzira encontrou um mercador com um grande lote de sandálias de couro de fabricação local. Como as suas já estavam gastas, abordou o homem. Na negociação do preço, Alzira contou-lhe que seu produto encalhara e ele sentiu pena.

Mustafá era um homem generoso e ofereceu hospedagem na casa de sua família. Alzira ficou muito agradecida e pode conhecer melhor a vida das mulheres hauçás. Eram muçulmanas ortodoxas e moravam numa casa quadrada feita de barro. O aposento central, um salão sustentado por grossos troncos de palmeira, dava acesso aos cômodos térreos, usados como despensas e abrigo de carneiros.

Alzira passou os dias entre os afazeres domésticos e idas ao mercado, próximo ao pântano que corta toda Kano. Ela ficava a maior parte do tempo nas barracas que vendiam cerâmica e índigo. Se entretinha com as bandas de música que tocam para atrair clientes às tendas de mercadores ricos.

Os bardos são muito bem pagos e bem amados pelos hauçás, mas, às vezes, eram maltratados por policiais engajados pelos ingleses, que confiscavam seus instrumentos. Alzira lamentava não compreender os versos dos cantadores muçulmanos, os *jilli kea*, que rendem homenagens aos chefes ou a pessoas dignas de reverência, além de relatar a história de seu povo. Mas a língua hauçá lhe era incompreensível.

O pátio da casa de Mustafá estava muito animado pela chegada de parentes vindos do Magreb. Entre eles um sábio marroquino que havia morado algum tempo em Funbam, a capital do reino Bamum, onde ajudara a criar uma escola corânica, uma madrasa.

Mustafá estava interessado em ir a Funbam comerciar almofadas de couro. E partiria assim que concluísse uma boa quantidade delas. Eram muito apreciadas nos países do norte da África. Haveriam de fazer sucesso também em Camarões.

Alzira pensou em seguir com ele. Era uma chance de conhecer outro país e ampliar sua rede de contatos comerciais. Discutiu a possibilidade com as mulheres e pediu consentimento ao patriarca, que financiou-lhe a passagem de trem. Mustafá estava interessado em fazer de Alzira sua quarta esposa.

O mecenas

O reino Bamum conheceu 18 soberanos sendo Njoya o mais ilustrado deles. Durante seu reinado (1875-1923), a capital Funbam (hoje patrimônio histórico da humanidade) era a cidade das artes e da tecnologia. A escrita bamum, criada no final do século 19, foi o seu maior legado. Njoya concebeu também uma tipografia com matrizes de cobre, que sofisticou a economia, a justiça e a educação. Todo um conhecimento foi impresso em língua bamum e difundido em escolas e bibliotecas. No início do século 20, os colonizadores franceses proibiram a difusão dessa escrita e Njoya foi exilado.

Mustafá era um homem culto. Estudara em Tombuctu, lendária por suas universidades e bibliotecas. Escrevia a língua hauçá em caracteres árabes. No trem em que partiram de Kano para cruzar a fronteira com Camarões, ele contou que aquela terra esteve ocupada pelos alemães até antes da guerra, mas agora estava dividida entre britânicos e franceses.

Contou-lhe ainda a saga do último soberano bamum.

— Njoya Ibrahim subiu ao trono jovem, quando Bamum entrou em contato com os brancos. Curioso e audacioso mostrou-se aos alemães como parceiro e inteirou-se daquela cultura. Permitiu a convivência do cristianismo com o islamismo introduzido antes, com sua aquiescência. Ele mesmo frequentou a igreja fundada por uma missão vinda da Basileia que tratou de difundir a monogamia numa sociedade acostumada à poligamia. Diante da resistência do povo aos valores cristãos, Njoya criou uma religião e um livro sagrado, *Nkuet Kwate*. Professada e ensinada nas escolas, continha elementos de diversas tradições religiosas. Não inventou somente uma religião com um único deus — Nyinyi — mas também uma escrita, que lhe foi sugerida em sonho.

Mustafá falava com sofreguidão e Alzira não ousava interrompê-lo. Sequer vira o tempo passar bebendo suas palavras. Enfrentaram duas alfândegas e finalmente vislumbraram no planalto as areias ferruginosas que colorem Funbam.

Alzira ficou deslumbrada com a beleza da cidade. O Palácio de Njoya se destacava e exibia uma arquitetura original inspirada nos prédios de Buea, capital da ocupação colonial alemã. Logo tratou de visitá-lo. No palácio, uma espécie de guia mostrava os objetos que pertenceram aos soberanos bamum. Viu a máscara que reproduzia a face e o penteado original de Mbuembue, décimo monarca, conhecido como “rei guerreiro”. Viu seus mantôs, cajados e braceletes.

As perucas portadas pelos reis em cerimônias rituais lhe chamaram muito a atenção. Viu camas de bambu onde a realeza repousava e massageava o corpo; lamparinas a óleo, cafeteiras e vasilhames em terracota. E ainda o protótipo de um moedor de milho que substituía a cansativa pilagem do cereal.

Conheceu os instrumentos musicais. Atabaques, um duplo sino, e um alaúde de poderes terapêuticos, tocado para amenizar dores. Viu a máscara de duas faces, uma triste e outra alegre, que representa o deus Nyinyi e viu ainda outras invenções do soberano como um calendário agrícola, receitas farmacêuticas e o livro do amor.

— Foi ele que ensinou a tecer, criando as ferramentas — diz o guia, enquanto mostra as padronagens desenhadas por Njoya — o motivo de sapo representa fertilidade; o motivo do búfalo, a força; e a serpente de duas cabeças é o símbolo da vigilância.

Maravilhada, foi conduzida ao recinto onde funcionara a escola que Njoya criou para ensinar a escrita bamum. Inicialmente as aulas eram restritas aos membros da corte, mas sua sede de escolarização expandiu os estabelecimentos de ensino.



Ideogramas da escrita bamum. Criada no século 19, foi ensinada nas escolas de Camarões no início do século 20

Deixando o Palácio, Alzira reencontrou Mustafá no mercado ao lado de um conhecido que saboreava uma cabaça de arki* e uma porção de carne de elefante defumada. Notou a agitação da cidade que se preparava para a festa agrícola. Agricultores de todas as vilas levariam ao rei os produtos da colheita para que ele os redistribuísse. Milho, amendoim, taioba e cacau da melhor qualidade.

Em tom professoral, Mustafá contou-lhe sobre o momento político do fórum.

— O rei em seu trono, ao lado de sua família, se levanta para ser julgado. Há uma assembleia do povo incumbida de avaliar e julgar a conduta do soberano, a fim de mantê-lo ou destituí-lo do trono. O rei é considerado um escravo de seus súditos. Mas a ocupação francesa transformou o rei em uma figura emblemática, sem poderes concretos, a mercê de decisões tomadas na Europa — lamenta o sábio.

Ele explanava tudo com muita ênfase enquanto Alzira pensava em como negociar seu pesado lote de tecidos. Mas Funbam era uma cidade próspera, e com o movimento que a festa provocava, ela conseguiu muitos francos cfa* pelos seus adires. Embora tentada a ficar para a festa, julgou estar muito tempo longe de Lagos e desejava voltar.

Mustafá olhou Alzira com intensidade e, sem mais reservas, disse-lhe que queria desposá-la. Ao declarar a intenção de torná-la sua quarta esposa, prometeu lhe dar muitos filhos. Alzira ficou desconcertada. Para não feri-lo disse-lhe que era comprometida em seu país e que seria eternamente grata por toda a ajuda proporcionada.

Despediu-se de Mustafá um tanto encabulada. Seguiu de trem para Duala e de lá para a costa, onde pegou um barco para Lagos. Na viagem contemplou a vastidão das areias que desenhavam a costa lagunar do golfo de Biafra.

Escritas e segredos

Africanos inventaram cerca de 90 sistemas de escrita em 5 mil anos. 40 deles são da África subsaariana. Dentre os mais conhecidos, a escrita wolofe do Senegal; a nsibidi, dos igbos da Nigéria e os adinkra, dos akan de Gana. As escritas africanas foram proibidas pelos governos coloniais.

Emily estava amuada com o que ouvira de funcionários que apadrinhavam colecionadores de peças africanas. Eles haviam jantado em sua casa na noite anterior e se divertiram relatando as bravatas das expedições europeias para adquirir objetos de alto valor nas aldeias. Totens, máscaras, têxteis eram levados aos museus da Europa por etnógrafos. Chegaram às gargalhadas quando um deles contou que os franceses faziam sacrifícios aos deuses para que os objetos rituais saíssem de seus locais sagrados.

Alzira telefona e ela pede que venha até Ikoyi, pois está com muitas dores de cabeça e precisa de cuidados. Chegou logo, com ervas fresquinhas e serviu um chá bem forte. Nem esperou Emily repousar para contar da viagem ao Reino Bamum.

— Diga-me, como foi? — incita Emily.

— O soberano Njoya criou a escrita bamum a partir de um sonho.

— É um autêntico filho de Thoth, o deus egípcio inventor da escrita, conhece-o? Os gregos o chamaram de Hermes.

— Fale-me mais — pede Alzira.

— Thoth é o patrono das artes e do conhecimento. Os gregos o veem como deus dos viajantes, do comércio e da música. Vai gostar de ler esses mitos — diz docemente.

— Gostaria de ler para mim? — sugere Alzira.

— Prefiro mostrar-te a escrita nsibidi. Veja — diz folheando as apostilas que trouxera de Ibadan.

— Que alfabeto interessante. Já vi estes signos nos tecidos ukara de uma mercadora igbo — recorda Alzira.

— Nsibidi é um conjunto de ideogramas utilizado desde o século 15 pelos igbos, efiks, annangs, entre outros povos cujas línguas são semelhantes — explica Emily.

Vai							
Bambara							
Mende							
Loma							
Kpelle							
Manenka							
Bassa							
Wolof							
Fula Dita							
Fula (Ba)							
Bete							
Bamum (1906)							
(1916)							
Obori Okaimc							
Djuka							

Tabela de comparação de caracteres entre escritas africanas, incluindo a escrita djuka inventada na diáspora

— Os linguistas estão empenhados em mostrar os prejuízos da proibição das escritas e denunciar o interesse em divulgar a imagem de uma África iletrada, pois com isso dizem implicitamente que aqui não há pensamento, instituições estáveis e muito menos capacidade de dirigir o próprio destino.

Albert chega antecipadamente de mais uma viagem. Alzira sente-se profundamente incomodada. Embora estando tão próxima de Emily há tanto tempo, ela jamais tinha estado frente a frente com Albert. Havia entre elas um pacto de mantê-lo à distância daquela estreita parceria.

— É ela a brasileira que revende os tecidos wax — diz Emily.

Surpreendentemente, o inglês mostra-se interessado em conversar com a estrangeira. Como de costume estava ligeiramente embriagado. Era um homem cínico.

— Os africanos são diferentes em essência, inclusive de vocês negros nascidos na América. Americanos se destacam entre os nativos. Não é à toa que formaram coalisões com o governo britânico. O fato de terem sido educados e submetidos a uma colonização europeia mais antiga, faz toda a diferença — afirma Albert.

— Em minha terra temos muito orgulho de nossa origem — diz Alzira.

— Não duvido. No entanto, vejo que domina bem a língua inglesa. Pensei que os brasileiros fossem monoglotas.

— Ainda se fala iorubá na Bahia.

— Gosta de ser mercadora? — inquiriu com desdém.

— Sim — diz, desviando do olhar do homem.

— Sendo brasileira poderia conseguir uma melhor posição no Protetorado. Pretende viver aqui por muito tempo?

— Talvez até os britânicos desocuparem a Nigéria. Assim voltaria à minha terra com boas novas — diz Alzira, rispidamente.

Emily tenta amenizar o tom da conversa e pergunta se deve servir algo para beber ou comer. Alzira dispensa e diz que precisa ir. Sai profundamente irritada, jurando não voltar a visitar Ikoyi. Não queria ter o desprazer de reencontrar Albert.

Em casa, encontra uma carta da mãe. Ela dá conta da morte precoce de Mãe Aninha. Martiniano estava desolado. O Axé Opô Afonjá vivia momentos de glória desde que instituiu o Corpo de Obá. Personalidades muito respeitadas integraram o primeiro Conselho de Ministros encarregado de zelar pelo culto a Xangô. Miguel Santana, entre eles, tinha sido fundamental para a aquisição da Roça de São Gonçalo.

Correu a contar para Romana. Alzira leu em voz alta os detalhes do sepultamento de Aninha, descritos na carta de Enedina.

Era tanta gente, minha filha, o cortejo saiu com o corpo da Igreja do Rosário dos Pretos até o cemitério de Quintas. O povo todo da Baixa dos Sapateiros e da Ladeira do Taboão 'tavá lá, o comércio fechou as portas. Aninha era muito respeitada.

— É, iaiá, na Bahia é que é bom! Santos e Orixás de braços dados — diz Romana.

A esta altura, a guerra se aproximava. As famílias estavam tensas. Os ingleses alistavam os jovens como soldados. Alzira deseja voltar para casa. No porto de Lagos pegou um vapor que fez escala em Luanda e seguiu para Salvador.

ATO 2

Fugindo da Guerra

Desde o começo da Segunda Guerra Mundial, os europeus engajaram soldados africanos no fronte das batalhas. Salvador estava com 300 mil habitantes em 1939.

A pé, em bondes ou marinetes movia-se uma imensa população migrante que abandonava a zona rural da Bahia. Áreas periféricas foram ocupadas a exemplo de Alagados, em Itapagipe. O miolo da Península, margeada de um lado pela Baía de Todos os Santos e de outro pelo Oceano Atlântico, começa a receber as primeiras favelas. Somente em 1942 o Brasil entraria na Guerra.

No conforto de sua casa na Boa Viagem, Alzira sentiu-se protegida. Vicente e Enedina estavam aposentados morando numa casa fora da Vila Operária, na mesma rua, no corredor do mar, mas que pertencia a Fábrica. Era bem próxima ao ancoradouro e aos depósitos de algodão.

Grandes móveis de jacarandá mobiliavam a casa comprida numa vileta. Vicente se preocupava em manter a casa abastecida de carnes, legumes e frutas. A filha gostava quando ele chegava com os caixotes de uva roxa da feira de Água de Meninos.

No quintal da casa vizinha, que chegava até o mar, três vacas eram ordenhadas todos os dias e o leiteiro abastecia a vizinhança. Todos conheciam a estória das vacas que tinham vindo de saveiro do Recôncavo. Seus tios, Almir e Reinaldo, moravam juntos numa casa na rua da Imperatriz, que construíram com muito sacrifício. Trabalhavam num abatedouro e o sarapatel lá era uma maravilha.

Alzira estava com 28 anos e suas primas não compreendiam como ainda estava solteira. Talvez tivesse estudado demais e viajado demais, por isso não encontrava marido. Ela ria e decisivamente não se preocupava com nada daquilo.

Gostava de contar-lhes como era a vida na África. E elas se impressionavam com seus casos.

As missivas de Mix contavam do engajamento dos atiradores senegaleses na Segunda Guerra, como aconteceu na Primeira. Ele comentou a quantidade de voluntários que deixaram a África para lutar na França. Lamentou por famílias que perderam todos os filhos homens em batalhas sangrentas e em troca ganhavam medalhas dos franceses. A conduta dos colonizadores era aviltante. Eles descumpriam promessas de prêmios e abandonavam os soldados mutilados.

Aproveitando a máquina de Enedina, dedicou-se a costurar as peças que desenhava e, com o auxílio da mãe, aperfeiçou-se bastante. Ela estava em casa costurando um camisu para a festa da Conceição da Praia, quando o carteiro passou com um telegrama vindo da Inglaterra. Era Emily desejando estar na Bahia. O clima de guerra estava deixando seu humor péssimo e já que o Brasil estava neutro, ela gostaria de vir. Por telégrafo, Alzira mandou resposta imediata: Estou a te esperar.

Emily desembarcou em Salvador num dia solar. Alzira estava muito contente. Já tinha programado tudo e cuidou para que a casa cheirasse a água florida, essência de canela e alfazema. Um dos primeiros passeios seria um *footing* no Porto dos Tainheiros com direito a uma passada na feira noturna na Praça Divina de onde subiriam para a Igreja do Bonfim.

Enedina ficou encabulada com a presença da inglesa, mas procurava apresentar-se sempre muito bem trajada. Usou seus melhores tricôs. Vicente estranhava os modos da hóspede que usava calça comprida, tomava chá com leite e não comia pimenta. Já Emily sentia ternura por aquele homem gentil em seus ternos de linho branco, chapéu de palha e sapatos bem engraxados.

Emily sentiu-se em casa. Era preciso muito esforço para não achar que

estava em alguma capital africana. Gostava de experimentar os quitutes vendidos na rua. Adorou taboca e achou lindo o som do triângulo que o taboqueiro tocava. Alzira se encarregava de traduzir as ladainhas dos mercadores: — “Torrado, torrado, coberto torrado”; “Olhe o vassoureiro”.

Foram visitar Martiniano no Tabão e o encontraram orando na igreja dedicada a São Jorge. Ele logo notou que a afilhada usava um teçubá — o rosário islâmico — como colar e se irritou profundamente. Martiniano não cansava de lamentar a presença dos muçulmanos na pátria dos orixás. Alzira hesitou em contar o quanto o islã avançava na África. Quanto mais o tempo passava, mais os costumes islâmicos e ocidentais ganhavam terreno. As escolas cristãs já não aceitavam crianças com rosto escarificado. Ao entrar nessas escolas um nome cristão era atribuído e o uso de sobrenomes ingleses era cada vez mais expandido.

Alzira levou a amiga para os banhos na praia do Bogary e mantinha o hábito de tomar três goles de água salgada, que Enedina dizia fazer bem a saúde. Contou-lhe sobre os banhos de mar a fantasia que aconteciam durante o carnaval. Uma manhã saíram com cesto de piquenique para a travessia de barco que levava ao subúrbio de Plataforma. Era um lugar aprazível onde famílias tinham casa de veraneio. De lá, tinha-se uma bela vista da península itapagipana.

Empolgadas com o passeio, acabaram se descuidando do sol e Emily teve uma leve ensolação. Foi atendida no ambulatório da Vila Operária. Não era grave, mas o médico recomendou repouso e pelo menos dois dias sem tomar sol nem sereno. Alzira achou por bem mantê-la no quarto servindo-lhe as refeições que incluíam suco de cajá, acaçá e pão de ló.

Plenamente recuperada e ansiosa por conhecer melhor a cidade, Emily quis saber onde moravam os ingleses da Bahia. Providenciaram um carro de aluguel e desceram na Vitória. Admiraram os casarões e retomaram o taxi; passaram

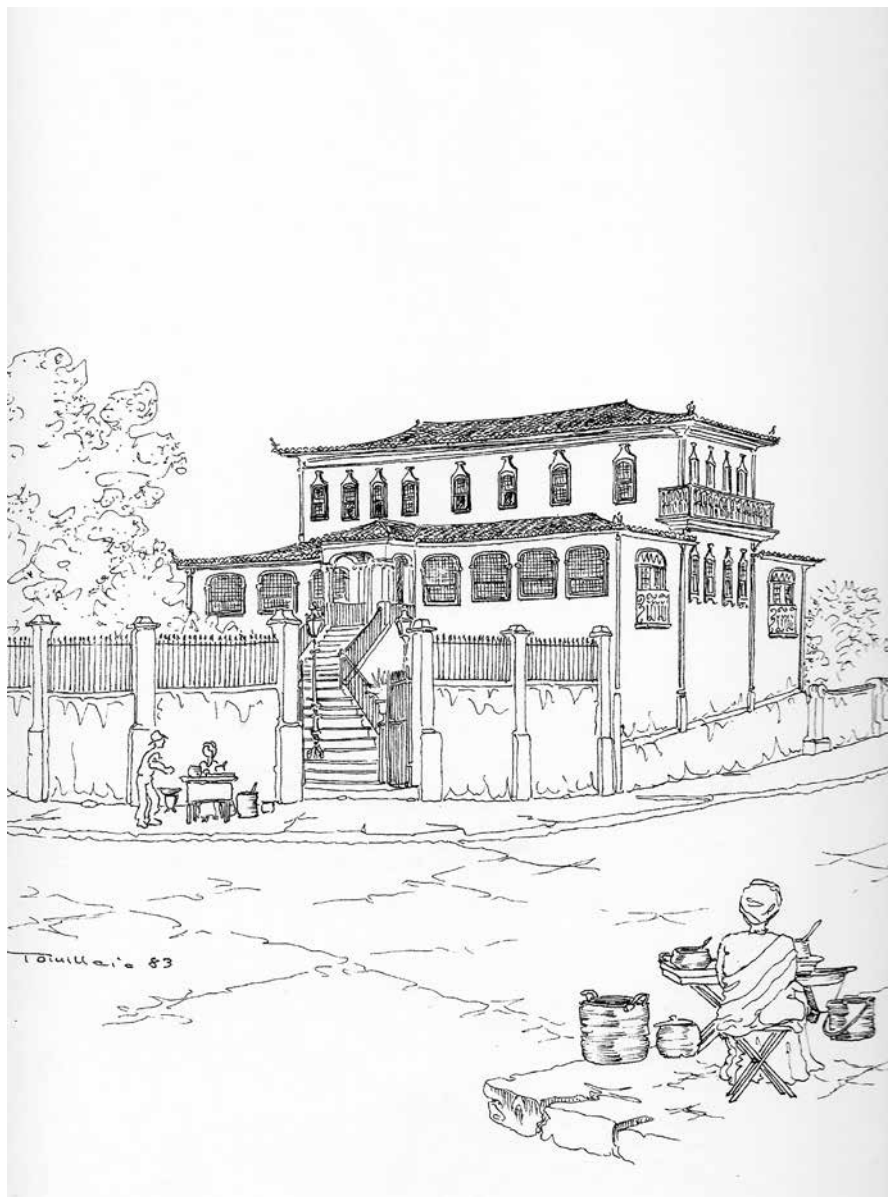
pelo Cemitério dos Ingleses e foram até o Porto da Barra para ver o movimento dos saveiros.

Emily trouxe uma máquina Kodak de presente pra Alzira e muitos rolos de filmes, que foram devidamente aproveitados nos vários passeios que fizeram juntas. Elas quiseram ver logo as fotos e foram a São Bento. Olharam o estúdio *T. Dias*, que fora um dos melhores da cidade, quando competia com os mais chiques da rua Chile. O Sr. Trajano Dias era um fotógrafo famoso, estabelecido há mais de dez anos. Os registros oficiais dos desfiles de 7 de setembro e 2 de julho eram realizados por ele. Ali bem perto viram o estúdio de Jonas Silva, o *Foto Jonas* e optaram por este para revelar e ampliar as melhores tomadas.

Além de fotógrafo, Jonas também era músico, tocava no Cassino do Palace Hotel onde conheceu um músico belga que o levou a uma turnê de três anos pela Europa. Ele acabara de voltar a Salvador e estava de passagem, pois faria turnê na Argentina. Sua irmã e assistente Ana Maria contou-lhes que o baiano havia sido fotógrafo ambulante no Sertão e no Recôncavo e, antes da Guerra, tornou-se o retratista da moda na capital, pois era especialista em retoques que eliminavam rugas e papadas com perfeição.

Decidiram ser fotografadas por ele. Alzira e Emily posaram juntas. Escolheram um fundo decorativo de paisagem e pediram duas cópias em formato de cartão postal, com a marca em baixo relevo. Quando foram buscar a encomenda se empolgaram com as ampliações das fotos de Alzira, ela tinha se saído muito bem com sua nova máquina. Ana Maria elogiou uma certa tomada da Baixa do Bomfim, que enquadrava o solar dos Marback.

Emily estava encantada com a música de Dorival Caymmi e acompanhava o concurso de marchas de carnaval promovido pela Rádio Sociedade. As programações em teatros com plateia estavam imperdíveis. Alzira desejou levá-la para



Quituteiras na Baixa do Bonfim, entorno do Solar Marback, Península de Itapagipe, Salvador da Bahia

ver os cantores e compositores de samba que se apresentavam ao vivo. Mas na véspera da apresentação de Aracy de Almeida, interpretando Noel Rosa, Emily recebeu um telefonema de Lagos. A ligação estava péssima e a notícia era contundente. Seu pai estava gravemente doente e se ela quisesse vê-lo ainda com vida teria que embarcar imediatamente para a Inglaterra.

A partida precoce de Emily frustrou Alzira. Ela ficou quieta, desinteressada dos desenhos e da costura. Acompanhava a radionovela *Em busca da felicidade* em companhia de Enedina e de vizinhas que não paravam de falar. Abigail vinha da Massaranduba para ouvir a novela e chorava de emoção, sem entender direito como aquela estória acontecia. Ouviram todas juntas a primeira transmissão do *Repórter Esso* e sua madrinha Constança estava sempre presente.

Chamava a afilhada de Aziza — um apelido particular. Depois das sessões radiofônicas colocavam cadeiras na porta de casa e tomavam uma fresca enquanto as crianças corriam picula e sua madrinha falava de suas atividades.

Constança vivia da mariscagem de moluscos e pescados e vendia peixe fresco na porta das casas junto com seu companheiro, que era verdureiro. Era uma mulher rebelde, uma das líderes do movimento que planejava fazer as palafitas desde que o manguezal do Caminho de Areia tinha sido destruído. Já tinha participado da quebra de combustores em protesto a precariedade da iluminação em Itapagipe. E agora organizava os mutirões que construía as palafitas.

Falavam também de coisas lúdicas como na noite que se puseram a lembrar do ano em que houve dois carnavais. Foi nos tempos da Primeira Guerra. O mundo estava triste. Nos dias da folia chovia cântaros, era grande o número de desabrigados e não havia animação. O pessoal do Fantoches da Euterpe não se conformou e decidiu realizar um segundo carnaval assim que acabasse a quaresma. Com fantasias refeitas e carros alegóricos remontados, os préstitos dos

clubes, cordões, batucadas e afoxés, ocuparam a Avenida em pleno domingo de Páscoa. Foi uma beleza. Nunca se viu tanta animação no mês de abril.

Noite dessas Fortunata apareceu e pediu para ter um particular com Alzira. Ela contou que estava trabalhando no Tabaris, era uma das “moças do lugar”. E estava envolvida com um americano viciado em cassino. No início do caso, ele a tratava com luxos — vestidos e perfumes — até que ele começou a perder sem trégua no jogo. Forçou-a então a se prostituir nos bregas do centro. Mas o pior de tudo é que ela estava desconfiada de gravidez.

Alzira deu abrigo a Fortunata e a criança nasceu robusta na Boa Viagem. Tomou a menina como afilhada e chamou-lhe de Araci. Cuidou com zelo da pequena. Fortunata empregou-se novamente como doméstica numa casa no Largo de Roma. A senhora ensinou-lhe a cozinhar e o efó que ela fazia era inigualável.

Sentindo sua vida imóvel, Alzira prestou o vestibular para o curso de história na Faculdade de Filosofia. O prédio ficava em Nazaré próximo ao Colégio da Bahia onde cursara o colegial. Foi lá que soube da entrada do Brasil na guerra. Fez curso de datilografia, empregou-se como secretária no Gabinete Português de Leitura e abriu uma caderneta de poupança.

A pior notícia daqueles anos foi a morte de Martiniano. Alzira ficou prostrada. O impacto foi tão forte que lembrava apenas de fragmentos da cerimônia fúnebre que se deu nas formalidades da religião católica e do candomblé. Não podia ser diferente, o babalaô era *ajimudá*, título honroso que recebera da venerável Mãe Aninha como prova de sua consideração e respeito. Edison Carneiro fez o discurso de homenagem lembrando a importância de Martiniano para o povo de santo da Bahia e demorou-se nas considerações sobre a sua participação no Congresso Afro-Brasileiro, do qual foi presidente de honra.

Alzira decidiu voltar à África logo que o conflito acabasse. E assim fez. Sem ouvir os apelos de Vicente e Enedina para que não embarcasse naquela geringonça, fez sua primeira viagem de avião rumo a Dakar. O aeroporto de Ipitanga acabara de ser construído, de lá fez a etapa do voo até São Paulo, que a preparou para a grande aventura de cruzar o Atlântico pelo ar. Muitas horas depois, avistou a Ilha de Goré e se perguntava como aquele exíguo pedaço de terra pode ser tão cobiçado pelos impérios europeus.

Fotógrafos e modistas

A fotografia foi introduzida no Senegal em 1860, mas foi exercida apenas por fotógrafos brancos até 1920. Os fotógrafos negros desenvolveram uma estética própria. Tanto na fotografia quanto na moda foi profícuo o encontro da França com o Senegal. Mulheres wolofes casadas com colonos franceses, conhecidas como signaras, criaram uma moda particular com ornamentos extraordinários. Moviam-se por Saint Louis acompanhadas de serviçais e griôs. Eram exímias negociantes e intermediavam as relações comerciais que os europeus almejavam.

Os campos de pouso eram minúsculos, mas atraíam muitos curiosos. Famílias aguardavam seus parentes com entusiasmo e cerimônia. Alzira chegava a diminuir o passo para observar todos os detalhes. Os imensos bubus não impediam homens feitos de beijar o chão ao desembarcar. Mix estava tenso, detestava aviões, achava muito perigoso. Respirou aliviado ao vê-la sorridente e despreocupada. Disfarçou então seu receio e cumprimentou-a efusivamente.

Logo se pôs a contar as novidades.

— Mama Casset deixou o *Tennequin*, no qual teve a chance de realizar fotos aéreas, e abriu um estúdio na Medina, o *African Photo*. É o estúdio da moda, frequentado pela elite senegalesa — diz Mix com seus modos de dândi africano.

As casas elegantes estavam cheias de pinturas sob vidro inspiradas nas fotos de Mama Casset.

— Mama desenvolveu um estilo próprio com poses diagonais onde se destacam a posição das mãos e a expressividade do olhar. Isso muito antes da Guerra. Agora é imitado por jovens aspirantes atraídos pela popularização da fotografia — explica Mix.



As poses diagonais dos retratos do fotógrafo Mama Casset tornaram-se um clássico da estética senegalesa

— Gostaria de mostrar os retratos que bati em minha terra. E também meu álbum de formatura — diz Alzira, sacando da valise de mão um belo álbum de couro.

— Com que então tens um canudo! E estás linda de beca! Isso merece uma comemoração — vibra Mix, dirigindo-se a radiola que havia adquirido recentemente. Em instantes o ouvido de Alzira se inunda de rumba.

— Os bailes de formatura agora tocam estilos cubanos que são cada vez mais populares aqui. Vou colocar um disco especial, chama-se *Habanera*. Aceita essa contradança? — diverte-se Mix.

Alzira acordou disposta a conhecer o estúdio de Mama Casset. No meio da manhã, acompanhada do amigo, dirige-se para lá. O estúdio era amplo e muito bem equipado. Na sala de recepção havia muitas pessoas. Outros espaços divididos por cortinas guardavam o estúdio de tomadas e a câmara escura. Seu estilo se distanciava cada vez mais da estética europeia.

Mix não perdia nenhuma oportunidade de discutir política nem de culpar o deputado Blaise Djane de todas as mazelas que o regime colonial francês conseguia impingir ao Senegal. Um estudante senegalês que havia acabado de retornar de um Liceu em Paris põe-se a defender a França e a “grande civilização francesa”. Bastou para despertar a ira de Mix.

Ele se irritava particularmente com as pessoas que iam a Paris e voltavam transformadas.

— Notou os modos de Pierre? Agora exhibe um ar blasé de quem não consegue mais se adaptar ao ambiente de origem. Nunca veste bubus e esmera-se na pronúncia da língua francesa, quase não se comunica mais em wolofe e queixa-se do calor que nunca cessa.

— Deixe de ser ranzinza, Mix, vou descansar — diz encerrando a conversa.

— Boa noite! — conforma-se o fotógrafo.

Na manhã seguinte, Alzira foi à casa da família do Monsieur Thioune, mas ele havia falecido pouco depois de chegar de Meca. A viagem tinha sido extremamente cansativa por causa do calor que enfrentara na cidade sagrada. Suas esposas ainda cumpriam o luto e vieram ver Alzira sem muito ânimo. Sem maquiagem, sem sequer poderem se olhar no espelho, nem pareciam aquelas mulheres vaidosas e coquetes com quem convivera há alguns anos. Teriam que cumprir 130 dias de luto orando e fazendo oferendas para que o espírito descansasse em paz e elas pudessem ser novamente belas.

Alzira notou que o Platô já não era mais tão europeu assim. Muitos africanos passaram a residir por lá. Era sexta-feira, dia da grande prece semanal na Mesquita da rua Blanchot. Suas casas costumavam ficar cheias de fiéis que saem da mesquita para almoçar entre amigos e parentes. Mix adorava aqueles almoços nos quais se servia o cuscuz à base de farinha de milho acompanhado de molho de tomate com muita carne, legumes e feijão branco.

Ele estava de partida para Saint Louis. A festa de casamento de sua prima Aissa reuniria toda a família para cerimônia com direito a um grande baile. Dessa vez não foi difícil convencer a amiga a acompanhá-lo. Alzira estava realmente interessada em conhecer a cidade, que além de ser referência em elegância, contava com diversos estúdios de fotografia.

— Você vai gostar de Saint Louis, e não por ser minha terra — disse Mix.

— A poderosa capital administrativa da África Ocidental Francesa? — retruca Alzira, irônica.

— A fotografia é bem desenvolvida, a vida noturna é vibrante e o teatro inteligente. Os modistas de Saint Louis são inigualáveis. Afinal, é a cidade das signaras.

— Signaras?

— Sim, mulheres poderosas que criaram uma moda particular. Ainda estão por lá, mas já sem o luxo e os privilégios de antes quando usavam filigranas marroquinas, penteados volumosos, finos bubus e peças ocidentais, ajeitados ao modo wolofe. Quando iam se divertir nos salões competiam em elegância.

No dia da viagem eles aguardavam Fatou, outra prima de Mix, na praça Protêt. Dali pegariam a marinete para a estação de trem. A jovem chega com uma grande valise. Parece nervosa e toda hora segura seu amuleto.

Fatou simpatiza com Alzira que tenta acalmá-la conversando sobre os estudos da mocinha. Ela fala das atividades da escola. Conta que foi a primeira menina da família a entrar na escola corânica antes de ingressar na escola laica. Já estava no ginásio, passara bem nos exames de admissão. Ela gostava de matemática e das aulas de música ocidental. E sempre escapava da palmatória, pois se saía muito bem nos solfejos e na leitura de partituras.

A menina tinha os cabelos alisados no pente quente e não os prendia em coque como era de hábito. Usava um vestido curto de cintura baixa e a alça do sutiã estava à mostra. Portava uma bolsa de couro de crocodilo. Era uma garota bem moderna e já havia até levado uma surra por ter sido apanhada na rua beijando um rapaz que tinha lhe enviado um bilhete de namoro.

Alzira quis saber se ela já tinha um pretendente sério. Ela disse estar encantada com um rapaz que lhe dera de presente um vestido de jersey lamé dourado comprado na boutique *Tas sà ngoro*, a mais chique de Dakar. Era um rapaz muito fino, estudava na França. Eles dançaram num baile de formatura e no dia seguinte ela recebeu a caixa de presente. Veriam se o romance evoluiria quando ele voltasse de Paris, nas próximas férias.

O cansaço pelas 13 horas de trem que separavam Saint Louis de Dakar não impediram Alzira de notar a imponência da ponte Faidherbe que religa a Ilha

Ndar do resto do Senegal e leva ao centro de Saint Louis. As pirogas do imenso rio eram lindamente coloridas. Pessoas portavam vestes elegantes durante os passeios nas verdes praças. Vastos sobrados de balcões em ferro muito bem trabalhados compunham uma paisagem cenográfica.

No desembarque, Alzira notou a quantidade de galinhas, galos e cestos de peixe defumado que saíam dos vagões. Alugaram uma charrete e partiram para a casa da família de Mix, que ficava em Sidone, na parte sul da cidade. Já era fim de tarde e à noite a casa se encheu de amigos para os salamaleques, jogo de cartas e xícaras de chá da Indochina.

Em momento particular com a matriarca, percebeu estar sendo verdadeiramente introduzida naquela família, pois a Senhora Nafissatou lhe chamou ao quarto para mostrar o álbum em que todos os eventos importantes de sua linhagem estavam registrados. Todos acreditavam ser Alzira noiva de Mix.

Cosmopolita, iluminada, cheia de bares de jazz, a capital francesa da África Ocidental atraía artistas, intelectuais, fotógrafos e costureiros franceses. A moda em Saint Louis era mesmo um mundo à parte. As signaras fizeram escola quando combinaram as vestes wolofes com camisas francesas de mousseline, coletes de tafetá com colares de turquesa, brincos de ouro em filigrana, braceletes em três metais — prata, cobre e ferro — em estilo berbere, assim como as tatuagens de hena nas palmas das mãos e nos pés que também calçavam babuches marroquinos. Eram composições espetaculares.

Mas essa estética já não interessava às famílias locais que quanto mais ascendiam, mais aderiam às vestes ocidentais. Jovens escolarizadas trabalhavam como secretárias nos circuitos administrativos e haviam adotado vestidos e saias mais curtas. Assim frequentavam espetáculos teatrais seguidos de bailes. Cada vez mais próximas dos meios brancos de Saint Louis, acabaram por adotar o estilo dos grandes costureiros franceses, agora imitados pelos modistas locais.



As signaras (senhoras) eram mulheres poderosas ocupadas com a moda, os salões e os negócios

Alzira foi visitar o ateliê da modista Mimi Demba, uma das mais cobiçadas. Era uma antiga aluna da escola de moda Saint-Joseph-de-Cluny, formadora de uma estética europeia entre costureiros wolofes. Naquele ateliê viu vestidos em veludo, linho e cetim. A moda parisiense encantava a aristocracia de Saint Louis, que se acreditava emancipada, afinal tinha os mesmos direitos dos cidadãos das metrópoles francesas.

Nessa época os artesãos se dedicavam à confecção de artigos em pele de répteis. Bolsas, sapatos, cintos, porta-moedas e outros itens eram exportados para a Europa. Mas Alzira teve o prazer de ver práticas antigas ainda vivas. Bordadores trabalhando ao ar livre, sentados em esteiras nas calçadas, próximos às mesquitas. Pacientemente, usando finas agulhas, aplicavam bordados de flores em torno das golas dos bubus de homens e de mulheres. Voltou para casa cansada, tinha caminhado muito. Mix havia passado o dia com a família e propôs uma visita ao estúdio de mais famoso fotógrafo da cidade. Combinaram para o dia seguinte.

Era sóbrio o *Tropical Studio* de Meissa Gaye, instalado no sobrado onde morava, no bairro Lodo, ao norte da ilha. Havia cerca de 50 pessoas na fila. O homem era mesmo famoso, era um excelente retocador, mas tinha um rival martinicano, Karistan, que fazia sucesso ao sul de Saint Louis. As pessoas realmente gostavam de ser fotografadas.

Soube com tristeza que de dez em dez anos Doudou Diop queimava seus negativos, pois acreditava que o brometo era prejudicial a saúde. O ritual realizado em seu jardim reunia muitas pessoas, sobretudo aquelas que haviam sido fotografadas. Jogar caixas de negativos no mar quando da morte de um fotógrafo também era comum. Inspirada, Alzira fez muitas fotos em Saint Louis e aprendeu mais sobre luz e sombra.

Para o casamento de Aissa era preciso preparar o cômodo onde ela posaria para a fotografia de núpcias. Mix se encarregou de ajeitar na parede as fotos emolduradas dos familiares intercaladas de pinturas sob vidro — os *souwer* do clã dos Gueye eram lindíssimos. Alguns deles combinavam a pintura e um retrato, individualizando assim a obra de arte.

O ritual estava apenas no início e começava pelo embelezamento corporal da noiva. Primeiro os banhos com água de colônia e outras essências perfumadas. Depois de lavada e depilada, é hora da hidratação da pele e dos cabelos com manteiga de karité cozida. Bem hidratado, o cabelo é pintado. O penteado quase sempre inclui tranças, fibras tingidas e outros pequenos objetos decorativos. Tudo isso para a entrega do dote, um momento muito esperado. Vestida em um bubu longo de algodão egípcio, com gola de guirlandas, a noiva aguardava as irmãs do noivo, responsáveis por levar o dote.

O dote de Aissa consistia em 30 mil francos cfa, uma máquina de costura e um relógio de pulso. A noiva ficou com um terço da quantia para a toailete do casamento e o restante foi dividido entre a família e os amigos. Os griôs também levavam sua parte pois cantaram a genealogia da família e disseram palavras zombeteiras para as moças solteiras.

Alzira foi com outras convidadas a um dos muitos salões de beleza de Saint Louis, mas ficou impressionada com o tempo despendido lá. Entrar por volta do meio dia e sair na hora do crepúsculo era muito normal e isso acontecia religiosamente de quinze em quinze dias. Em compensação os penteados eram verdadeiras obras de arte. Eles têm nomes e quando preparados para uma festa ou outra cerimônia importante são ainda adornados com joias e cobertos com um foulard até a hora do evento para que fiquem protegidos da poeira e de olhares indiscretos. Nada se compara à vaidade das mulheres wolofes!, pensava admirada.

A cerimônia do casamento era o evento mais importante na vida de uma mulher wolofe. A noiva é preparada em casa pela modista, cabelereira e joalheiro, assim como fizeram sua mãe e sua avó. Uma parte da cerimônia acontece na mesquita, onde só os homens participam. Trajando bubu engomado e babuche branco, o noivo oficializa o casamento e segue para a casa da noiva acompanhado de familiares e griôs que entoam alto os elogios à noiva e sua família.

Outros presentes são oferecidos. Do seu marido, Aissa ganhou três malas — uma com objetos de toalete e lingerie, outra com utensílios de casa e mais uma com 24 tecidos do país, 12 panos da Guiné Bissau e 12 tecidos etíopes, os cobiçados tukules. Mas pouco disso ficou com a noiva. A maior parte foi distribuída entre parentes, amigos e griôs.

Mix quis oferecer um porta-joias de presente à prima, mas o ouro 18 quilates tinha desaparecido em benefício dos joalheiros europeus. Para substituí-lo, os ourives africanos estavam usando ligas de ouro, de cobre e outros metais que davam às joias uma tonalidade laranja. Ele gostou do resultado e adquiriu um belo trevo.

A comida do casamento foi muito elogiada. Frango assado guarnecido de feijão com carne, assado de carneiro refogado no cuscuz marroquino, sorvetes e flans de sobremesa. A bebida à base de tamarindo, o delicioso njamban, foi servido sem reservas.

Mas o casamento ainda reservava um momento especial — o baile. No pátio da casa da noiva, um enorme bolo florido ocupava quase toda a mesa. As cadeiras alinhadas deixavam espaço para área de dança. Cabia à noiva abrir o baile. Muitos estudantes senegaleses vindos em férias da França compareceram e exibiam seus modelos de gola glacé, jaqueta três quartos, sapatos de três cores com solas grossas.

Eles tinham muito prestígio e dançavam bolero, suingue e tango com as moças mais distintas. O calor do baile desconfigurava os cabelos alisados das moças, e o dos rapazes modelados com pomada. Fatou chamou atenção pelo uso de suas vestimentas ocidentais. Usava corpete branco e uma saia azul evasê, que combinava com a sombra azulada brilhante. Ela pareceu exagerada. Poucas mulheres ousavam dispensar o uso das roupas senegalesas em uma cerimônia tradicional.

Findos os festejos, chegou o dia da partida. A despedida foi calorosa. Teranga*! Repetiam os familiares de Mix. Enquanto a matriarca dizia — “Que Deus cumpra seus desejos, Alá os abençoe, que Sua luz guie teus passos e os levem de volta para os seus, vivos e em boa saúde”.

De volta a Dakar, Mix presenteou a amiga com uma pintura sob vidro, um souwer magnífico com pavões coloridos que ladeavam um portrait de Alzira. Mix havia caprichado, a combinação era perfeita, ela nunca se vira tão bela. Emocionada com o presente, embarcou sem demora para Lagos.



Pintura sob vidro combinado com fotografia. Um primor da arte senegalesa

Furacão africano

Nos anos pós-Segunda Guerra Mundial, os ventos da descolonização remexeram o continente. A independência da Índia, com a liderança de Gandhi, inspirou a prática da desobediência civil em diversas colônias inglesas. O panafricanista Kwame Nkrumah, que lideraria a primeira independência da África Ocidental em Gana, nomeou a busca pela autonomia política de “furacão africano”. Na Nigéria, Herbert Macaulay e Nnamdi Azikiwe (Dr. Zik) tornaram-se os principais líderes do movimento independentista.

Alzira encontrou a Nigéria em plena ebulição. O palco político estava agitado. Os jornais traziam notícias sangrentas dos motins de hauçás contra igbos que ocorriam no Norte. O nome de Dr. Zik era ouvido e comentado em toda parte.

Zik era igbo e retornou a Nigéria depois de estudar na Lincoln University, na Pensilvânia. Ele se candidatou ao posto de Professor no Colégio Superior Yaba, em Lagos, mas foi recusado pela banca composta por administradores britânicos. Dedicou-se então ao jornalismo e fundou o jornal *West African Pilot*, uma arena de grande influência, na qual circulavam ensaios de pensadores americanos e caribenhos. O panafricanista de Trinidad, Georges Padmore, era um deles. Os artigos do jornal de Dr. Zik eram debatidos por professores, estudantes e comerciantes esclarecidos.

Tratando de liberdade política e questões sociais, Dr. Zik instigava as elites e preocupava autoridades coloniais que, muitas vezes, proibiram a leitura de seu jornal. Algumas escolas apresentavam seus artigos a fim de destituí-los de credibilidade, mas os efeitos dessa estratégia eram duvidosos, pois sua popularidade crescia. Músicos compunham canções em seu louvor.

Por um lado, a tensão étnica entre hauçás, igbos e iorubás se acirrava, por outro, crescia o nacionalismo. Alzira notou o Elefante, símbolo da Nigéria, pintado em muros, cartazes e charges. A *Nigeria Magazine* trazia na capa uma pintura de Camara Alama, pintor de Conacry que estava fazendo sucesso em Lagos expondo seus quadros nos mercados com grande aceitação na elite africana, que se afeiçoava cada vez mais ao projeto nacionalista.

Tudo estava diferente, o teatro evoluía e as novidades tecnológicas também modificavam a ambiência lagosiana. No bar de Luzia, todo reformado, Alzira observava os casais que adentravam. Homens em bubus finíssimos acompanham damas de baton vermelho, perucas lisas e vestidos ocidentais. Chegavam para dançar de saltos altos e a trilha sonora era pra lá de dançante.

— Ouvi essa música no Senegal — exclama Alzira.

— É rumba e vem de Cuba. Está sendo registrada pelas casas de edição do Congo — disse Juan.

— Temos gravadoras de discos na África? — surpreende-se Alzira.

— Sim! A rumba está movimentando os bares de Kinshasa, de Acra, de Conacry, é um sucesso.

— Espero que movimente o Damilola também — disse Luzia, requebrando como se ouvisse um samba de roda.

Alzira lê no jornal *Dayle News* que Funmilayo Ransome-Kuti, conhecida como Bere, estava comandando um movimento de mulheres contra o chefe soberano de Abeokuta, o Alake. Ele declarou que cobraria impostos das mulheres do mercado. Certas de que aquele imposto iria diretamente para o bolso do soberano, cerca de 50 mil mulheres pressionaram o Alake, cercando sua residência e ele acabou fugindo da cidade. A administração colonial britânica, que agia por domínio indireto*, suspendeu o imposto. Alzira vibrou com a vitória da Associação de Mulheres Nigerianas.

A família Ransome-Kuti estava sempre enfrentando o poder em Abeokuta. O marido de Bere, o reverendo I. O. Ransome-Kuti, era um anglicano linha dura que não permitia a interferência inglesa na escola que dirigia. Ele afrontava os inspetores que tentavam fiscalizar o estabelecimento. Ele também já tinha sido notícia de jornal, pois se recusava a tirar o chapéu ao passar por bandeiras britânicas. Certa vez, sofreu no rosto o golpe de uma baioneta do soldado que exigia o gesto de reverência ao símbolo do poder colonial.

Os anos se passavam e a situação na Costa do Ouro tornava-se ainda mais dramática. Acra fervia. A luta pela independência ameaçava a segurança de todos. Prisioneiros políticos, granadas nas escolas, manifestações contra o custo de vida. Pessoas mortas e feridas eram o saldo da demonstração de força por parte do império britânico. O povo estava disposto a enfrentar tudo, confiava em Kwame Nkrumah.

Finalmente a notícia esperada. A primeira independência da África Ocidental. A Costa do Ouro estava livre dos ingleses. Nkrumah é eleito presidente e escolhe o nome de uma grande civilização africana para o novo país — Gana.

Nos meses seguintes a luta na Nigéria se fortalece. Em Lagos, os jornais noticiavam os distúrbios sociais. Certa manhã, ao pegar o *Dayle News*, viu a notícia do assassinato do administrador Albert Whitehill e de policiais da guarda colonial. O administrador havia sido escalado para apaziguar um levante numa aldeia. O corpo do funcionário britânico não tinha sido encontrado. Todos os indícios levavam a crer que fora jogado numa área movediça, de lama densa. Testemunhas confirmavam a morte do homem.

Alzira procura por Emily. Ela estava em casa e parecia serena. Um funcionário já lhe havia informado que Albert morrera numa emboscada preparada por rebeldes e que todas as honras lhe seriam prestadas. Ela receberia uma boa

indenização e foi aconselhada a voltar para a Inglaterra. A tensão entre africanos e colonizadores estava em potência máxima.

Emily estava abatida, mas logo depois da cerimônia fúnebre, pede a Alzira que a acompanhe rumo a Londres.

— Já é hora de conhecer a Europa, minha querida, gostaria que viesse comigo.

Na barriga da fera*

Era imensa a população negra — africana e caribenha — na maior cidade da Europa. Em 1958, os motins raciais em Londres ganharam as manchetes. Claudia Jones chegara a Londres, deportada dos Estados Unidos. Nascida em Trinidad migrou para Nova York, onde se envolveu com o partido comunista. Ela criou o carnaval de Nothing Hill, um bairro negro, que desde a década de 1940, recebia migrantes de colônias britânicas. A estratégia de Claudia colocava a cultura carnavalesca do Caribe no fronte, colaborando para desarmar os motins raciais.

No porto de Lagos, Alzira e Emily embarcam em um dos muitos navios de bandeira britânica. Duas semanas depois, Alzira tinha a sensação de estar na “barriga da fera”. Londres era uma cidade imensa. Sem ser segregada era territorialmente racializada e difícil de ser decifrada.

Alzira só via brancos na zona residencial de Lady Hafner. O encontro com a mãe de Emily foi profundamente desagradável. Já ouvira falar dos seus gostos excêntricos. Certa vez viu Emily se desesperar ao receber uma carta em que a mãe contou suas experiências em *Freak Shows*, divertindo-se com a exibição de pessoas consideradas estranhas.

No encontro, soube que ela frequentava Exposições Universais e ouviu histórias que a fizeram compreender muitas coisas sobre o lugar dos negros no imaginário europeu. Ela mostrou sua coleção de postais das exposições, inclusive um que mostrava as semelhanças entre um macaco e um homem negro. Lady Hafner visitou Paris, em 1931, justamente para ver a grande mostra no Bois de Boulogne. Gabava-se de conhecer o mundo todo sem sair da Europa. Sempre encontrava um modo de mencionar a contribuição dos europeus para o desenvolvimento da África.

Emily deu uma desculpa para encerrar a conversa e levou Alzira para um passeio. Disse que havia algo que precisava contar-lhe. Levou-a ao bairro de Southwark onde pretendia comprar uma casa. Emily havia decidido ficar definitivamente em Londres. Alzira ficou desapontada.

— Quis lhe apresentar minha cidade na esperança de convencê-la a viver aqui.

— Não creio que consiga me adaptar — diz Alzira, secamente.

— Prometa-me que vai se permitir conhecer Londres. Quero levá-la às boates de jazz de West End, são frequentadas por africanos. Há espaço para veteranos e estudantes de música que formam bandas e se apresentam lá.

— Prefere o highlife feito em Londres ao original?

— Não se trata disso, Alzira, quero te mostrar como vivem os africanos aqui.

— Está bem, querida, aceito ficar por uns tempos.

A situação em Londres estava tensa. Motins raciais aterrorizam as comunidades negras. Emily e Alzira procuravam um hotel para se hospedar quando encontraram Dorinda, com o cabelo alisado e vestido ocidental.

— Vamos a um pub, não é seguro estar nas ruas — diz Dorinda com ar aflito.

— Do que está falando? — pergunta Emily.

— Não leram os jornais sobre os motins raciais? Teddy boys estão atacando famílias caribenhas que moram em Nothing Hill. A polícia já prendeu vários deles.

— Quem são os teddy boys? — pergunta Alzira.

— São jovens brancos delinquentes que há dias molestam senhoras, bebês e qualquer negro que se mova no bairro — explica Dorinda.

— Acabamos de chegar a Londres. Não sabemos de nada!

Com o fim dos distúrbios, Alzira e Emily começam a buscar uma moradia. Encontraram à venda uma antiga casa em Southwark onde se instalaram. Muitos nigerianos e ganenses estavam morando nessa área e a vizinhança lhes pareceu

a melhor possível. Ali viviam intelectuais e professores atraídos para a Inglaterra com seus filhos e netos — jovens negros ingleses que nasceram e cresceram na diáspora e lá criavam canções, filmes, roupas, quadros, novelas. Os músicos andavam com seus instrumentos em busca de oportunidades nos pubs; os escritores discutiam se o inglês era ou não a língua adequada para a literatura africana. Alzira gostava de acompanhar aquelas trajetórias e seguia negociando tecidos, desenhando e criando algumas peças que colocava nas lojas do bairro, em consignação.

A vida corria tranquila. Uma vez Alzira foi ao porto, em busca de discos caribenhos, encomendados por Juan na sua última estada em Lagos, e presenciou a chegada de jamaicanos. Eram muitos. Todos os dias chegavam navios de Barbados, de Antígua, de todas as colônias britânicas do Caribe. Vinham esperançosos com bagagens pesadas que teriam que transportar até os bairros negros de Londres. Tinha aprendido a dirigir e era uma das primeiras vezes que saía sozinha guiando o carro de Emily. Ofereceu carona a uma família que trazia muitas malas e achou que talvez nem coubessem nos espaços exíguos que compartilhariam com seus conterrâneos.

A convivência com Emily era harmoniosa. Liam semanalmente os artigos anti-imperialistas publicados no jornal *West Indian Gazette* que a ativista caribenha Claudia Jones estava editando. Era uma mulher experiente e estava organizando um movimento para realizar um carnaval nas ruas de Nothing Hill com os elementos culturais do Caribe. Aconteceria no mês de agosto como forma de protesto aos motins raciais. Foi um momento especial para a comunidade negra de Londres.

Toda a exuberância dos carnavais caribenhos ocupou Porto Bello Road diante de ingleses estupefatos. Foi um prazer ouvir o calipso das *steel bands* de Trinidad. Os tambores eram feitos com tonéis de petróleo que lhes davam

sonoridade metálica. Desfiles de fantasia, coreografias, artes plásticas, culinária e muitas outras práticas negras modificaram a ambiência londrina naquele verão. Jamaicanos se reuniram aos trinidadianos trazendo para as ruas de Londres o ska, estilo musical que sonorizava as festas semanais de Kingston. Alzira ficou muito animada e decidiu fotografar tudo. Por influência de Mix, sempre preferiu as fotos em preto e branco, mas dessa vez usou filmes em cores.

Durante a temporada londrina, Alzira acompanhou o alvoroço da África Ocidental. Depois de Gana, a Guiné tinha dito não ao General Charles De Gaulle e tornou-se independente da França. Todos os dias comprava os jornais da Nigéria à espera da notícia da independência.

No *Dayle News* leu a resenha da peça do jovem dramaturgo Wole Soyinka, *O leão e a joia*. Encenada em Ibadan, chamou a atenção pelo modo como discutia a modernização das tradições da cultura iorubana. A narrativa inovadora — no decorrer de uma manhã, uma tarde e uma noite — colocava em cena o embate entre a mentalidade introjetada pelos colonizadores e a força das leis vigentes numa antiga aldeia iorubana.

Alzira planejava ir a Nigéria, mas um chamado familiar levou-a inesperadamente de volta à Bahia. Enedina estava doente e Vicente deprimido. Alzira decide voltar para Salvador e cuidar de seus velhos pais. Emily viu a amiga partir e mergulhou em profunda tristeza. Dias depois, a Nigéria conquistou a independência e Dr. Zik assumiu a presidência do país.

Refazendo caminhos

O Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, criado na Universidade da Bahia, em 1959 por Agostinho da Silva, estabelece uma conexão com a África atraindo estudantes, através de intercâmbio universitário, implantado em 1961, quando também passou a oferecer cursos de línguas africanas. Para ministrar o primeiro curso de iorubá, trouxe do Centro de Estudos Africanos de Londres o professor nigeriano Ebenezer Latunde Lasebikan, estudioso de poesia iorubana.

Alzira estava atrasada. Àquela hora já deveria estar no aeroporto para receber os estudantes africanos que chegavam para estudar na Bahia, no Centro de Estudos Afro-Orientais. Fora contratada para compor a equipe encarregada do intercâmbio. Era dia quente de dezembro quando desembarcou um grupo de 14 jovens e entre eles se destacava a dacarense Colette Diallo. Única moça a conquistar uma das bolsas, era formada em filosofia e estava interessada em literatura brasileira.

Ela vinha da Universidade de Dakar. Colette mostrava-se orgulhosa, pois sua universidade era considerada uma das mais importantes da África e o número ascendente de matrículas incluía alunos de diversos países. Em todas as situações buscava destacar o lugar da produção científica senegalesa.

Na apresentação dos estudantes no CEAO, Colette falou sobre as pesquisas de Cheick Anta Diop que apontavam a falsificação da egiptologia pela história ocidental.

— Diop afirma que os antigos egípcios eram negros e está empenhado em criar um Laboratório de Radiocarbono na Universidade de Dakar. Suas conferências convocam os pesquisadores de todo o mundo a verificar a consistência

de sua tese sobre o lugar da África na emergência da civilização grega — relata Colette, causando grande espanto.

Naqueles dias Alzira foi às bancas de jornais todas as manhãs. Queria saber como repercutia a presença dos africanos em Salvador e folgou em ver Colette, vestida à moda senegalesa, em destaque numa matéria que reportava a festa natalina do CEAO. Antes ela já tinha corrido para mostrar aos bolsistas a matéria da revista *Fatos e Fotos* sobre a recepção para os africanos no Ilê Axé Opô Afonjá, com direito a fotografia dos estudantes ao lado de Mãe Senhora.

Notou que o rapaz branco, Claude Cros, nascido em Cabo Verde, estava sendo desprezado pela imprensa e sentiu-se incomodada pelo fato de ter sido mencionada sua estranha presença no dia da apresentação dos africanos. Claude queixava-se dos baianos desconhecerem o fato de que existem brancos na África.

A primeira turma de aulas de iorubá começaria em poucos dias e Alzira estava feliz por fazer parte ao lado de pessoas notáveis como Olga de Alaketu. A primeira vez que viu Olga ela conversava com os antropólogos Vivaldo da Costa Lima e Júlio Braga, que disputavam a palavra enquanto a ialorixá olhava a janela observando as pessoas. Usava um vestido verde, cor de sua preferência. Tinha o cabelo preso em coque e grande altivez.

Alzira se empenhava em mostrar a Colette tudo de mais interessante que acontecia na cidade. As sessões de cinema eram uma atração constante. No dia da estreia de *A grande feira* foram ao cineclube dos Barris, vestidas à moda senegalesa e Colette achou que Água de Meninos se parecia com o mercado de Sandaga, em Dakar. Encantou-se com o sambista Riachão e ficou ansiosa para visitar a feira, fazendo Alzira prometer que iriam o quanto antes.

Andavam juntas também na livraria Civilização Brasileira, na rua Chile, onde Colette passava a conhecer os autores brasileiros e se espantava com a ausência

de escritores negros. Depois disso, o Café de Bernadete era parada obrigatória para um cafezinho acompanhado de um delicioso pãozinho recheado de queijo, a especialidade da casa. Naquele pedaço transitavam escritores e jornalistas. Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Milton Santos, Muniz Sodré discutiam política e literatura.

Certa vez passaram um dessabor em uma pastelaria. Acabavam de sair da Biblioteca Pública na Praça Municipal e estavam desejando tomar chá com biscoitos. Entraram numa pastelaria ali pertinho, mas foram tratadas com desdém. Alzira ficou mortificada.

Nesse dia convidou Colette para dormir na sua casa. Chegaram de tardinha e Alzira ficou feliz em ver que seus pais tinham saído. Enedina estava se recuperando bem e Vicente tinha superado a depressão. Intimamente festejava a decisão de voltar para estar com eles, apesar de tudo que deixara para trás.

Ouviu o telefone tocar quando estava no banho. Chamou pela amiga pedindo para atender.

— Alô. É do 61026?

— Sim, diz Colette.

— D. Alzira Rocha?

— Ela não pode atender.

— É urgente.

Alzira pega o fone.

— Senhora, lamento informar que seus pais sofreram um acidente e infelizmente não resistiram. Eles estavam numa lotação que colidiu em um poste na Calçada.

Seu corpo fraquejou. A amiga a amparou e tratou de chamar os vizinhos que lhe deram um copo de água com açúcar. Alguns logo se dispuseram a avisar



Praça Municipal, esquina da Rua Chile, coração do centro antigo.
Salvador da Bahia, por volta de 1960

aos irmãos de Enedina e outros trataram de avisar ao pessoal de Vicente que deveria vir de Cachoeira. Uns vão avisando aos outros e logo sua madrinha Constança chega para ajudar nas providências.

Foi terrível ver os pais sem vida e tão machucados. Depois dos cuidados, vestiram Enedina com panos africanos e Alzira escolheu alguns dos tecidos com que presenteara a mãe para colocar no caixão. Vicente foi vestido com um bubu branco, um capricho da filha.

Ventava forte na Boa Viagem. Almir e Reinaldo chegaram muito abalados e com toda a família em luto fechado. Eles trouxeram a comida e a bebida servidas no velório. Bolachas, fruta pão cozida, bules de café, jarras de leite e garrafas de cachaça. A casa ficou apinhada. O melhor amigo de Vicente, também operário aposentado, contou que teve uma premonição. Outro disse ter notado uma coruja na cumeeira da casa na noite anterior e uma das mais chegadas amigas de Enedina disse ter sonhado com ela muito gorda vestida com panos pretos.

Alguns indiscretos queriam detalhes do acontecido. Eram aqueles que nem conheciam direito a família, vinham só para assuntar, comer e beber. Muitas velhas com seus rosários lamentavam o ocorrido repetindo o velho ditado: — Quem morre é que perde a vida.

Os amigos mais chegados, a rezadeira de Enedina e o barbeiro de Vicente, surpreendidos com a notícia, chegaram pesarosos e se aproximaram dos caixões depositando dalias, saudades, sabugueiro e folhas de palmeira. Muitas rosas, an-gélicas, suspiros foram depositados entre comentários sobre as virtudes do casal.

Alzira se aborreceu com as condolências e fechou-se em seu quarto desesperançada. Lembrou os olhos ternos do pai, sua tristeza durante as despedidas. E dos mimos da mãe a cada reencontro. Mas logo foi chamada de volta à sala. Colocou um vestido de crepe preto, brincos negros, pegou um terço que Vicente lhe dera e decidiu colocar nas mãos de seu pai.

A rua ficou coalhada de gente na hora da saída para o enterro. Todos queriam segurar nas alças dos caixões. No caminho para o cemitério de Quintas, Alzira chorava no ombro de Fortunata. Lamentou a ironia do destino que os separava quando ela finalmente voltara ao convívio familiar. Alzira enterrou os pais sofrendo muito.

Notícias da África

Uma segunda leva de estudantes africanos chega a Salvador em 1962. Em 1963, Romana da Conceição volta à Bahia, depois de passar por Rio e São Paulo. Matérias em jornais, canais de TV e revistas revelam a existência de comunidades de brasileiros e descendentes na África Ocidental.

Alzira passou uns dias fora de casa e ao voltar viu um aviso do correio informando a chegada de uma encomenda de Emily. Correu para a Avenida Sete e recebeu quatro volumes da *Série Escritores Africanos* de uma editora londrina. A Série tinha como editor-fundador o nigeriano Chinua Achebe, autor do livro *O mundo se despedaça*, sobre o encontro da cultura igbo com a cultura colonial britânica. Foi um bendito presente. Ela mergulharia na literatura, buscando esquecer o vazio que engolia a velha casa. Às vezes ouvia o ronco do pai, a máquina de costura da mãe.

Achebe escreveu sobre o uso do inglês no contexto da realidade multilíngua da Nigéria. E garantia que o uso da língua europeia era a única maneira de um igbo se comunicar com um compatriota hauçá ou iorubá. Para ele, a língua do colonizador não era definitivamente o problema dos países recém-independentes. A continuidade da divisão colonial que reunia, num mesmo país, etnias rivais era muito mais contundente.

Releu a carta de Emily que acompanhava o pacote de livros na qual contava que Dr. Zik ao se tornar presidente fundou a Universidade da Nigéria e alavancou um amplo projeto educacional. Ela estava indo para uma curta temporada na Nigéria a fim de realizar sua pesquisa de doutoramento sobre línguas africanas, na Universidade de Ibadan. Estava interessada no projeto de criação de manuais

escolares em idiomas nativos e gostaria que Alzira fosse ter com ela, mas o trabalho no CEAO era intenso.

Alzira estava cercada de estudantes africanos que a mantinham inteirada sobre o continente. A fotografia era assunto recorrente. O bolsista de Gana, Awudu, contou que os fundos decorativos criados por Steven Abiodu Thomas eram uma novidade. Seu estúdio *Thommys Paramount Studio*, em Sekondi, uma metrópole ashanti, estava sempre lotado.

— Steven estava preparando uma mostra de seus fundos decorativos para os fotógrafos que afluíam da Libéria, Serra Leoa, Costa do Marfim e Nigéria, interessados em adquirir essas peças para seus estúdios. Antes de partir Steven me pediu que escolhesse um fundo decorativo. E ali posamos. Assim deve ser feito quando bons amigos se encontram — diz Awudu.

Ela observou encantada aquela iconografia original que abandonava os temas tradicionais herdados do Ocidente como colunas, escadarias e paisagens bucólicas. Steven introduziu prédios, engarrafamentos, aviões, recriando as novas paisagens urbanas das metrópoles africanas.

Awudu contou a Alzira que os fotógrafos dividiam espaços com alfaiates. E foi com a ajuda da fotografia que o hábito de imprimir tecidos para comemorar datas festivas tornou-se possível. Não era incomum alfaiates tornarem-se fotógrafos em dias de festa. As famílias fantis de Acra gostavam de se vestir particularmente para as sessões fotográficas.

Awudu era ashanti e havia migrado para Acra por conta do isolamento em que vivia o norte do país, onde ainda reinava a velha rivalidade entre ashantis e ingleses. Ele era filho de um chefe de Damongo e ainda menino foi escolhido por um funcionário britânico para ser educado nos moldes ocidentais. Foi para um internato em Acra, o Achimota, e diferentemente dos chefes do norte acabou convencido de que aquela educação era o caminho mais seguro para a emancipação.

Mais uma vez estava Alzira no hall do Aeroporto Dois de Julho e seu coração batia apressado. Romana da Conceição desembarcaria na Bahia, depois de 60 décadas vivendo em África. Os jornais relatavam que a brasileira chegou a Nigéria em 1900. Uma longa calmaria fez a viagem de Salvador a Lagos durar seis meses e quando finalmente aportaram os ingleses puseram o navio em quarentena. Todos os passageiros desceram enrolados em panos, pois queimaram até a roupa do corpo.

Mas ela se fez uma mulher importante. Era uma das líderes da comunidade agudá. Preservou o quanto pôde as tradições brasileiras transportadas para a Nigéria e também no Daomé, onde viveu uma parte de sua vida. Alzira conhecia bem aquela história.

Foi uma alegria ver Romana em terras baianas. Ela trouxe uma carta de Juan. Depois da revolução cubana ele se tornara um socialista ferrenho e contava dos rumos da República Popular da Guiné. Ele escreve entusiasmado uma longa carta dando conta dos selos *Syli-Phone* e *Syli-Photo* criados no regime de Sekou Touré.

Minha querida Alzira, como tem passado? Quero contar uma boa-nova. O socialismo chegou a África, minha irmã. Sekou Touré confiscou todos os estúdios de fotografia franceses de Conacry e criou o *Syli-Photo*, assumindo o serviço fotográfico do país. Você precisa ver, as mulheres africanas ingressaram na fotografia. Você já não chamaria tanto a atenção! Homens e mulheres foram formados por um camarada tcheco. A agência se ocupa de tudo. Faz os retratos de identidade, vende filmes e máquinas, organiza os negativos. Cobre toda a vida política do país, quer dizer, tudo que o presidente considera importante para o povo. Mas o melhor te conto agora, minha amiga. Touré implementou uma política cultural inédita a que chamou de

autenticidade. Orquestras nacionais foram criadas em várias regiões do país. Um concurso de orquestras foi organizado no ano passado e, em busca de vencer as competições, elas compõem temas sobre a grandeza da pátria e a solidariedade panafricana. Uma orquestra é composta só por mulheres! O selo estatal *Syli-Phone* edita em vinil as melhores orquestras. É uma música nacional dançante que mistura estilos mandingues, jazz e rumba. As letras são inspiradas em contos africanos, epopeias históricas e loas ao presidente, as canções criam um forte sentimento nacionalista. Com a música ocidental proibida de ser executada nas rádios, a música local consegue amplo espaço. A orquestra Bembeya Jazz é símbolo do estilo guineense. Você precisa escutar, é sucesso em várias cidades africanas.

Juan contou que foi a Conacry ver a orquestra Bembeya Jazz que excursionaria em Cuba. É claro que ainda estava eufórico com a revolução cubana e terminava a carta dando vivas aos camaradas Fidel Castro e Sekou Touré.

Foi curta e atribulada a estadia de Romana em Salvador, muitas entrevistas e compromissos, e até almoço com o governador. Ela acabou segredando a amiga: — Está sendo uma consumição, iaiá.

Quando Romana partiu levou presentes para Juan e Luzia da parte de Alzira. Para ele, cartões postais e discos de salsa de Célia Cruz e Tito Puente, muito populares em Salvador. E para Luzia um vestido e um maiô comprados na Sloper. Se despediram prometendo estarem juntas em breve, mas aquela foi a última vez que se encontraram.

No CEAO, comentava-se o fim do programa de intercâmbio. Alzira lamentou e temeu pelo seu posto. Mas logo foi engajada em outras atividades. O Brasil estava enviando pesquisadores para a África Ocidental — a etnolinguista Yeda Pessoa

de Castro e os antropólogos Vivaldo da Costa Lima e Júlio Braga embarcaram para o Continente. Através da nova embaixada, na Nigéria, houve uma exposição de artistas brasileiros organizada pelo embaixador do Brasil em Lagos, Antonio Olinto. Sua esposa, a escritora Zora Seljan, publicava artigos sobre a Nigéria no jornal A Tarde e Alzira os lia assiduamente.

Já estava há mais de três anos trabalhando no CEAO quando, através do professor Waldir Oliveira, soube da articulação de um intercâmbio entre a Universidade da Bahia e a de Columbia, em Nova York. Com a morte dos pais, a casa da Boa Viagem, que pertencia à fábrica, foi requisitada e ela teria pouco tempo para desocupar o imóvel. Ficou em apuros e começou a pensar na possibilidade de estudar na América do Norte. Sentiu que seu destino poderia mudar novamente. Foi duro o processo de seleção, mas ela saiu vitoriosa. Com uma bolsa de estudos conquistada, Alzira entregou a casa, guardou suas coisas no porão da residência de seus tios e deixou Salvador mais uma vez.



Representação de Alzira em meia idade

Sonho e pesadelo

A partir de meados dos anos 1960, os Estados Unidos viveram uma profunda transformação política com a conquista dos direitos civis. Mais tarde, a estética transcendente do Black Power, embalada pela soul music, enviaria sinais por todo o Atlântico. Muito antes disso, entre os anos 1920-30, uma vanguarda negra de Nova York encabeçou um movimento literário que criou o conceito New Negro, questionando hierarquias sociais e raciais.

Pouco antes do golpe militar no Brasil, Alzira desembarcou em Nova York. O tema do seu mestrado surgiu na biblioteca do CEAO quando descobriu o New Negro Movement, desencadeado no Harlem por escritores que inauguraram uma literatura negra, conhecida como Renascença do Harlem.

Com o auxílio-residência instalou-se no andar térreo de um prédio do Harlem onde só moravam imigrantes. Tentou inutilmente conquistar a simpatia da zeladora, que morava na porta ao lado. Uma nova-iorquina linha dura que passava as noites cantarolando canções de Billie Holiday. Alzira não podia mais ouvir *Lover man* que ela ensaiou por meses para apresentar no programa de calouros do Teatro Apollo.

Nova York recebia todos os dias milhares de imigrantes negros. O apartamento vizinho foi alugado pela nigeriana Adetutu, que veio estudar na América. Era filha, neta e bisneta de tecelãs iorubanas e sabia explicar a Alzira as diferenças entre o wax europeu e o *imiwax ou fancie* produzido pelas fábricas africanas.

— É fácil ver a diferença. Os nossos são impressos em um só lado e as irregularidades dos efeitos da cera são repetidos ao longo da peça — explica Adetutu.

Alzira pensou em propor que dividissem o mesmo apartamento para reduzir as despesas, mas Adetutu já tinha combinado partilhar com uma outra estudante que chegaria de Gana em breve. Ela ficou feliz por ter vizinhas africanas, ainda mais uma que entendia de tecelagem. Comiam juntas nos restaurantes africanos da 116 street. Preferiam o *Dibi*, onde a especialidade era cordeiro grelhado e deliciosos pasteis fataya, com molho bem picante. Faziam compras nos mercadinhos com produtos da terra que Adetutu não dispensava.

Entre os lugares que Alzira mais frequentava estava a livraria do senhor Michaux, *House of common sense*. A placa da loja era um painel “Livros sobre a História Mundial de 2 bilhões de Africanos e Povos Não-Brancos”, com diversos rostos de proeminentes pessoas negras, em desenho típico da África Ocidental. Foi ali que adquiriu um exemplar do livro *Raízes*, de Alex Halley.

Alzira gostava das esquinas de El Barrio tomadas por cubanos e porto-riquenhos. Construindo uma ambiência caribenha, vivenciavam seus costumes, sua gastronomia, falavam espanhol e faziam salsa. As sessões musicais naquela área do Harlem eram sensacionais.

As igrejas protestantes eram estridentes. Às vezes entrava para ouvir gospel. Nas mesquitas, o islã negro e as pregações de Malcolm X atraíam milhares de fiéis. Alzira ficou atônita quando ele afirmou, em pleno púlpito da mesquita que fundou a Masjid Malcolm Shabazz: “Enquanto Martin Luther King sonha, nós vivemos um pesadelo”. Ela sentiu o impacto de seu assassinato em Nova York menos de um ano depois. O panorama religioso era tenso, o islã e o protestantismo competiam com os núcleos religiosos de matriz africana ligados à santeria trazida pelos imigrantes cubanos.

O Harlem era fascinante. A presença de gente do mundo inteiro tornava o bairro um lugar único. Aos 53 anos, aquele ambiente fazia sua alma rejuvenescer.

Gostava do metrô onde músicos tocavam sax. Mas Alzira dedicava a maior parte de seu tempo às bibliotecas. Ela queria entender o papel dos africanos na história do pan-africanismo. E não cederia ao encanto dos clubes de jazz enquanto não tivesse lido e fichado os livros produzidos pelos negros do século 18.

Lendo a biografia de Ouladah Equiano e as reflexões de Ottobah Cuguano compreendeu o lugar da África na luta pelo abolicionismo e nas origens do pan-africanismo. Ottobah Cuguano nasceu em Gana. Traficado para o Caribe, foi para a Inglaterra com seu senhor. Cuguano foi o primeiro a propor a fiscalização da costa ocidental da África a fim de combater o tráfico de africanos. Ele publicou em Londres, em 1787, com algum êxito, *Pensamentos e sentimentos sobre a iniquidade da escravidão*. Dois anos depois, Ouladah Equiano escreveu sua biografia. Era igbo e percorreu a Grã-Bretanha fazendo conferências contra o tráfico, antes de voltar à Nigéria.

Alzira soube então que essa literatura chegou aos Estados Unidos na primeira metade do século 19. Servindo de base para a formação de intelectuais afro-americanos como W.E.B. Du Bois e Frederick Douglass que produziram o pensamento pan-africanista. O livro de Du Bois *As almas do povo negro* era um dos que não saíam de sua cabeceira. Sua vida era inspiradora. Ele foi o primeiro afro-americano a obter um doutorado. Era sociólogo e historiador e participou da fundação da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor. Ele deixou os EUA para viver em Gana, onde morreu.

Conhecendo Zora

A escritora Zora Neale Hurston estudou antropologia em Columbia onde seguiu os cursos de Franz Boas tornando-se a primeira antropóloga afro-americana. Foi colega de famosas antropólogas brancas como Ruth Landes, Margareth Mead e Ruth Benedict, mas suas pesquisas sobre religião no Caribe não ultrapassaram os muros da academia americana. Sua rica produção literária ficou no ostracismo até meados dos anos 1970 quando escritoras feministas negras, a exemplo de Alice Walker, resgataram sua obra.

Alzira sentiu seu coração disparar quando teve nas mãos *Isis*, o primeiro romance de Zora Neale Hurston. A única mulher entre os escritores do Renascimento do Harlem bem poderia ser o eixo de sua pesquisa. Através dela buscaria desvendar o movimento literário que fez do Harlem a meca dos negros. Encontrar sua autobiografia *Dust trucks on the road* passou a ser seu principal objetivo. Seus livros estavam fora de catálogo, mas num sebo da Avenida Lenox conseguiu um exemplar lido e relido apaixonadamente.

Zora nasceu em Eatonville, uma pequena cidade no sul dos Estados Unidos e mudou-se para Nova York em plena efervescência do New Negro Movement. *Isis* saiu em 1925 e afirmava a riqueza de sua cultura, através do uso do patoá negro do sul. Recheado de metáforas elaboradas na tradição oral de sua comunidade, Zora não demoraria a tornar-se “rainha dos *niggerati*” — termo irônico, calcado sobre *literatti*, inventado por Zora e outros escritores como Alain Locke, Langston Hughes, Richard Wright, Claude McKay que estavam no fronte do New Negro Movement.

Mergulhando no íntimo da vida cotidiana das comunidades negras, denunciava a violência exercida contra mulheres negras por seus companheiros, Zora

fala de suas dores. *As sessões de mentiras* saboreadas na infância quando ainda vivia com os pais e sua vivência no Sul foram fundamentais para sua formação em antropologia e para sua escrita literária.

Alzira já estava há muitas horas na hemeroteca de Columbia quando sua atenção foi capturada por uma pasta de resenhas sobre o segundo romance de Zora. *Seus olhos viam Deus*. Publicado em 1937, o livro tornara-se alvo de críticas severas por parte de Alain Locke e Richard Wright. A história de amor entre Janie Crawford e Tea Cake, vivida no sul dos Estados Unidos, não convencerá importantes autores do movimento, pois não se inscrevia na tradição dos romances de protesto que dominavam a cena literária negra norte-americana.

Alain Locke chegou a dizer que o livro “fora do tom” não podia ser levado a sério. Richard Wright disse que aquela literatura se comparava ao que os artistas pintados de negros provocavam no teatro: risos na plateia de brancos. O romance de Zora não estava nos moldes do comando masculino do movimento. A sua atenção ao amor e à autonomia feminina ante o desejo construíram uma personagem diferente de qualquer outra — Janie não se curvava aos homens.

Mas essas críticas abalaram sua reputação. Zora parte para a Jamaica e Haiti para fazer pesquisa de campo sobre o vodu e concluir os estudos antropológicos em Columbia. Ainda publica, em 1942, sua autobiografia e no fim da década de quarenta a escritora cai no ostracismo.

A morte de Zora, em 1960, esquecida numa casa de saúde depois de ter apelado para trabalhos domésticos para se manter, perturbou Alzira. Durante algum tempo buscou conhecer a mecenas branca que apoiara a escritora, sem jamais conseguir encontrá-la.

Viu pela primeira vez o rosto de Zora Neale Hurston numa exposição de fotografias de arte na galeria de Roy DeCarava, na ala dedicada a James Van Der Zee.

Era um belo portrait em preto e branco. Num painel com uma curta biografia, Alzira leu que Van Der Zee começou aos 14 anos no laboratório Gertz, em New Jersey. Seus patrões, temendo reações racistas, não o deixavam fotografar. Ele insistiu e conseguiu formar uma pequena clientela.

Em 1916, abriu seu próprio estúdio na 135 street. Passou a registrar casamentos, bailes, famílias e acabou se tornando o fotógrafo do Renascimento do Harlem. Escritores, músicos de jazz, ilustradores, pintores e também lutadores como Kid Chocolate posaram para as suas lentes. Alzira viu fotos de Marcus Garvey, Duke Ellington, Langston Hughes e saiu de lá pensando que o Harlem era mesmo a meca cultural dos negros.

Na biblioteca de Columbia, pesquisando artigos de jornais e revistas sobre o Renascimento do Harlem se deparou com o número 12 da revista *The Crisis*, criada por Du Bois. Um artigo sobre a antologia dos escritores negros de língua francesa lhe chamou a atenção. Mercer Book, professor americano, havia traduzido e publicado em 1934, nomes como Aimé Césaire, Léopold Senghor, Paulette Nardal, entre outros para discuti-los em seus seminários de Estudos Superiores de Literatura Francesa em Howard, uma universidade negra de Washington D.C. O artigo deixava claro a continuidade existente entre o conceito de New Negro, criado no Renascimento do Harlem, e a movimentação parisiense do começo dos anos 1930, que delineou o conceito de Negritude.

Imaginando Paris

Paris era no início do século 20 o centro da Europa. Inúmeros artistas americanos cruzaram o Atlântico para desfrutar da ambiência liberal e não segregada da capital do império colonial francês. Essa troca de informações entre África, Caribe, Estados Unidos e Europa fez do The New Negro Movement nova-iorquino - batizado de Renascença do Harlem nos anos 1940 - e da Negritude parisiense, experiências intercambiáveis.

Baseada na leitura do livro de Mercer Book, Alzira preparou um *paper* no qual mostrava que havia se desencadeado em Paris, nos anos 1930, um processo semelhante ao do Harlem nos anos 1920, quando caribenhos, africanos e norte-americanos negros se encontraram em ambiências cosmopolitas e criativas. Começou apresentando os mais importantes personagens envolvidos na criação do conceito de Negritude. Na sua moderna máquina de datilografia, escrevia dia e noite.

A capital do império francês aglutinava colônias em todos os mares. Formados na língua do colonizador e considerando-se franceses, os estudantes das colônias desenvolveram uma nova consciência ao se deparar com o senso de superioridade dos cidadãos brancos da metrópole.

O impacto da condição de inferioridade a qual foram submetidos em Paris não tardaria a provocar uma reação que reuniria comunidades a princípio diferenciadas e até mesmo hostis. Os caribenhos educados na tradição francesa assimilaram a crença sobre a inferioridade dos africanos e se acreditavam cidadãos franceses de além-mar.

Muitos africanos também formalmente educados pelas escolas francesas das colônias viam-se como tais. Léopold Sedar Senghor era um bom exemplo. Os autores franceses eram seus alvos de análise, Charles Baudelaire dominava seu imaginário. Professava o catolicismo. Sempre cauteloso, Senghor jamais afrontava o *establishment* e seu discurso acadêmico, às vezes considerado pedante, o levou a conquistar posições inimagináveis para um negro. Não era à toa que Du Bois o considerava um francês acidentalmente negro.

Senghor nasceu na pequena cidade de Joal, no Senegal. Chegara a Paris em 1928 a fim de cursar estudos superiores e seguiu uma brilhante carreira acadêmica e literária como poeta. Ele foi o primeiro africano a conquistar o título de Professor na Sorbonne.

Aimé Césaire nasceu em Basse-Pointe, na Martinica, onde estudou letras. Ele encontra Senghor poucos meses após sua chegada a Paris, em 1931. Fugiu à regra de conduta dos caribenhos e viu em Léopold Senghor toda a dignidade que a África e os africanos passam a adquirir no seu imaginário. Tornaram-se grandes amigos.

Na cena parisiense encontrava-se ainda Paulette Nardal vinda de uma abastada família da Martinica. Foi a primeira mulher negra a estudar na Sorbonne e a primeira jornalista negra a atuar em Paris. Ao lado do escritor haitiano Léo Sajous, Nardal criou a *Revue du Monde Noir*. Intelectual e feminista organizava saraus literários em seu apartamento. Foi aí que Aimé Césaire, Léopold Senghor e Leon Damas conheceram o escritor jamaicano-americano Claude McKay e

tomaram conhecimento do New Negro Movement, do qual McKay era uma figura seminal. Era autor dos livros *Home to Harlem*, que causou polêmica ao descrever detalhes do cotidiano pouco convencional dos harlemitas.

Foi intensa a troca de informações entre eles e os estudantes francófonos não demoraram a fundar o jornal *L'étudiant noir* (O estudante negro) no qual, em 1934, aparece o conceito de Negritude – como uma afirmação dos valores negros africanos e uma resistência à política de assimilação que o império francês buscava impor em suas colônias e na metrópole. Uma leitura diferenciada porém influenciada pelo New Negro Movement que havia acionado a autoconsciência do negro americano e propunha um reposicionamento do seu lugar através da arte e sobretudo da literatura.

Mas em Paris não havia somente um universo intelectual. Havia os bailes criados pelos caribenhos radicados na França como o *Bal Nègre*, frequentado por uma elite cultural que gostava de discutir, beber e dançar ao som das orquestras de jazz. O mais famoso, o Baile Blomet, ficava próximo ao bairro boêmio de Montparnasse, chamado de “Harlem de Paris”.

Quando passou a ser dirigido pelo violonista e clarinetista martinicano Ernest Léardée levou toda Paris a dançar ao ritmo do beguine, o estilo caribenho que tornou famosa a Ilha da Martinica. Os passos de dança entravam e saíam de moda na mesma intensidade da circulação de informação que chegava àquela cidade repleta de negros de todo o Atlântico.

O jazz era a grande arte americana que dominava os clubes de Paris, Berlim, Amsterdã. O único produto louvável da cultura americana até então. E os espetáculos chamados de Revistas Negras estavam abarrotados de artistas americanos como Fannie Brice, Ada Bricktop e Josephine Baker. As noites dançantes eram um programa óbvio para aquela intelectualidade boêmia.

A estreia de Josephine Baker, em Paris, no Theatre Champs Elisées, num *music hall*, chamado *Revue Nègre*, aconteceu em 1925. A plateia elegante que estava ali era de formadores de opinião. Gente como Jean Cocteau, poeta, cineasta e dramaturgo assistiu ao espetáculo em que ela aparece quase nua rebolando de um modo jamais visto, seu corpo se movia solto como se ela não tivesse vertebras! Foi apenas o começo de uma longa história de adoração.

Ela dançava o charleston ritmado por tambores e saxofones, fazendo inesperadas mudanças de passo e assim encarnava a própria essência do jazz. Seu corpo era um explícito objeto. Ela parecia uma escultura africana talhada com tanta precisão que jamais um corpo negro pareceu tão belo ao público parisiense. A performance de Josephine causou reações extremadas.

Para uma menina negra americana que foi empregada doméstica aos oito anos de idade no sul dos Estados Unidos, era uma tremenda reviravolta. Ela deixou o Sul rumo a Nova York onde atuou como corista na Broadway. Josephine estava no show de Ethel Waters, no *Plantation Club*, quando foi convidada por Caroline Duddley que já conhecia sua atuação como dançarina. Com um contrato modesto e sonhando com a carreira de cantora, Baker rumou para Paris com uma trupe negra.

Josephine foi estrela do Cassino de Paris por vários anos e era um tema constante nas rodas de intelectuais negros e brancos que discutiam seu lugar no imaginário francês no que diz respeito à Negritude. A “vênus negra” não se furtava a alimentar estereótipos a começar pela “dança selvagem” que se propôs a coreografar vestida apenas com plumas, lantejoulas e saio de bananas em cenários de selva africana. Desfilava em toda cidade acompanhada de um leopardo macho chamado Chiquita que usava coleira de diamantes.

Seu figurino era cuidadosamente pensado por costureiros franceses para mostrar todo o glamour que envolvia dançarinas e cantoras negras do mundo do jazz. Joias de ouro, plumas de avestruz, paetês, tiaras de contas, perucas, tudo que ela vira no teatro de variedades dos Estados Unidos estava agora a seu alcance e era exibido nos palcos e nas rodas luxuosas que passou a frequentar. Paris divinizou Josephine Baker.

Muitos artistas e escritores foram da América para Paris em busca de liberdade e fama. Além de Calude McKay, outros nomes importantes do Renascimento do Harlem passaram pela cidade nas décadas de 1920-30. Langston Hughes desembarcou em Paris e depois de caminhar horas a fio, acabou se instalando em Montmartre, acolhido como cozinheiro no Grand Duc, um dos teatros mais famosos do bairro boêmio. Foi lá mesmo que Alain Locke o encontrou em busca de seus poemas para colocar na mais importante publicação do movimento nova-iorquino — a revista *The New Negro*.

Hughes trabalhava na madrugada no Grand Duc e de manhã tomava café e champanhe com os músicos negros que atuavam nos vários

cabarés de Montmartre. Essas reuniões étlicas e musicais renderam o poema *Jazz Band in a Parisian Cabaret*.

A cultura musical americana chegava a Paris inapelavelmente e uma noite Langston viu chegar a cantora Ada Bricktop Smith. Ela chorou copiosamente ao conhecer as instalações do Grand Duc que contava apenas com nove mesas e um pequeno balcão. Achou que morreria de fome e desejava voltar aos grandes e luminosos salões do Cotton Club e Small Paradise ou do Connie's Inn em Nova York onde aconteciam as soberbas performances jazzísticas de Duke Ellington e Louis Armstrong.

Hughes a consolou e em pouco tempo Bricktop, perfeitamente ambientada, montaria seu próprio cabaré - Chez Bricktop competindo com outros pontos de encontro de artistas negros e brancos como o Chez Josephine, Florence's e o Café du Dôme em Montparnasse. Todos frequentados pelos autores que criaram e alimentaram o Renascença do Harlem, como a poeta Gwendolyn Bennet que transformou seu estúdio parisiense num point para compatriotas que muitas vezes tinham que suportar americanos brancos se opondo a presença de negros em lugares em que jantavam e se divertiam em suas temporadas turísticas.

Esses afro-americanos não foram os primeiros anglofones a frequentar e residir em Paris. Gertrude Stein, Zelda Fitzgerald e Ernest Hemingway já estavam lá. Nos anos 1920, o casal Nancy Cunard e Henry Crowder era célebre. Nancy havia afrontado a aristocracia inglesa ao casar-se com um negro norte-americano. Milionária, era

colecionadora de arte africana e poeta. Montou na França a casa de edição The Hours Press onde publicou uma coletânea de 900 páginas sobre “o problema da cor”, intitulada “Negro”, com artigos sobre política racial, música e poesia negras.

Desde o início dos anos 1900 a arte negra chamava a atenção dos parisienses. Os pintores exibiam máscaras e esculturas africanas em seus estúdios. Picasso já tinha sido impactado pela arte africana. Buscando inspiração para terminar o quadro *Les demoiselles d'Avignon*, em 1907, foi visitar o Museu Etnográfico no Palácio Trocadero que estava recebendo peças valiosas pilhadas na África.

A tal “arte primitiva” estava saindo dos locais de origem para compor a coleção dos museus europeus. A arte africana modificou a arte europeia através dos olhares espertos de mestres como Matisse, Mogliani, André Derrain, Vlaminck e o mais influente de todos eles, Pablo Picasso. Foi Picasso quem criou o perfil de um homem negro portando uma coroa de louros para o cartaz do encontro de intelectuais africanos, caribenhos e norte-americanos no Congresso da Sorbonne, em 1956. Uma semana de debate caloroso colocou em pauta duas visões sobre o mundo negro.

Aquela sustentada por Césaire e Senghor, apontava a unidade da civilização negro-africana através do conceito de Negritude. A outra, defendida pelo norte-americano Richard Wright do Renascença do Harlem, preconizava uma abordagem que levasse em conta a diversidade de experiências e as diferenças de identidades formadas em contextos distintos.

O Congresso foi organizado pelo senegalês Alioune Diop que havia lançado, em 1947, a revista *Présence Africaine* onde Aimé Césaire publicou seu *Discurso sobre o colonialismo* no qual compara o racismo ao nazismo. Em 1949, Diop fundou a Editora *Présence Africaine* e, nos anos sessenta, abriu em pleno Quartier Latin, a livraria que seria o centro da intelectualidade negra de Paris.

A editora ocupou um papel fundamental no processo de descoloni-zação dos países africanos, pois publicava autores dedicados à causa anticolonialista como Sembene Ousmane, do Senegal; Mongo Beti, de Camarões; Edouard Glissant, da Martinica; René Depestre, do Haiti.

Foi escrevendo este ensaio que Alzira grafou pela primeira vez o termo *diáspora*, usado pelos pesquisadores dos Estudos Culturais. O sociólogo jamaicano Stuart Hall, radicado na Inglaterra, estava chamando atenção para a potência da cultura cotidiana dos negros espalhados pelo mundo atlântico e falava sobre “estética da diáspora”.

No centro do mundo

O mundo negro norte-americano era estupendamente variado e o cotidiano em Nova York era uma roda-viva. Alzira foi ao lançamento do livro autobiográfico de Maya Angelou. Ela escrevera suas primeiras memórias *I know why the caged bird sings* ainda jovem. Mesmo tão atribulada com os estudos, Alzira buscava participar dos eventos em que encontraria escritores, a fim de entender melhor o universo literário negro e se interessava cada vez mais pelos escritores martinicanos. Frantz Fanon e Édouard Glissant eram seus favoritos.

Achava a Martinica uma terra fértil. Não bastasse ser o berço de um dos pais do conceito de Negritude e autor de *Cahier de retour au pais natal*, Fort de France tinha o próprio Aimé Césaire como prefeito, há vinte anos. Um luxo! Alzira tinha na alma o gosto pelas viagens e vivia tramando uma maneira de ir ao Caribe. Mas, com uma modesta bolsa de estudos, seu plano parecia irrealizável.

Dedicava-se então as leituras e percebeu as diferenças entre o Caribe inglês e o Caribe francês. Leu sobre o programa Bumidom, que levou milhares de jovens da Martinica e de Guadalupe para realizar trabalhos que os franceses recusavam. A França importava jovens caribenhos transformando-os em mão de obra desqualificada. Eles embarcavam com um bilhete de navio só de ida e a promessa de um emprego na metrópole. Com baixa remuneração e sem meios de voltar, aqueles jovens não retornavam ao Caribe.

Na sua caixa de correspondência, uma carta de Mix relatava o Festival de Artes Negras de Dakar, articulado pelo presidente Senghor. “Todo o mundo negro celebrou no Senegal a riqueza da civilização africana”, dizia ele. Alzira duvidou um pouco da informação do fotógrafo oficial de Senghor, mas as fotos enviadas registraram as presenças de Clementina de Jesus, Olga de Alaketu e

Mestre Pastinha. Ela se emocionou ao ver o momento que Langston Hughes premiou Wole Soyinka pelo seu romance *The road* e vibrou com o reconhecimento da literatura iorubana. Aimé Césaire também esteve lá reafirmando seus laços com Senghor.

Alzira ficou mais do que decepcionada quando recebeu a avaliação de seu ensaio. O trabalho não agradou a seu Diretor de Estudos, que considerou a narrativa impressionista e o desqualificou. Ele também não concordou com a sua intenção de tomar a obra de Zora Neale Hurston como eixo da pesquisa. Desde então tornou-se uma estudante relapsa. Cada vez mais desinteressada terminou por abandonar o mestrado. No fim do período da bolsa, escreveu uma carta ao CEAO informando que não tinha concluído o projeto e não voltaria ao Brasil.

Já fazia algum tempo que Emily queria visitá-la e ao saber da decisão de Alzira de ficar e trabalhar como modista, embarcou para Nova York. Ela traz na bagagem dezenas de peças de tecidos africanos. Mais uma vez eles viriam lhe dar inspiração e coragem.

Emily escolheu hospedar-se no Hotel Theresa e Alzira gostou de conhecer as instalações do primeiro hotel de Nova York a aceitar negros. Era um prédio alto do começo do século e ficava em frente a livraria do Sr. Michaux, que logo visitaram. Os postais estavam em promoção. Compraram vários. A inglesa pegou os de Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Bessie Smith e Alzira escolheu um de W.E.B. Du Bois que dizia no verso: “Nossa memória é feita de fotografias”. Pensou que Juan gostaria de incluir postais americanos em sua coleção e assim reativou sua correspondência.

Continuaram flanando nos lugares que Alzira mais gostava, onde o uso de bubus e guelés* pelos afro-americanos era quase tão expandido quanto na África Ocidental. Como era bonito ver os homens portando dashikis* e damas vestidas como se estivessem na Nigéria. Toda aquela gente negra na rua celebrando um orgulho racial parecia um filme.

Visitaram as lojas e os mercados de rua onde os africanos negociavam diversos produtos. Emily gostou dos tecidos de Gana, chamados *angelina*. A vendedora contou que a produção teve um impulso extraordinário em seu país durante o governo de Kwame Nkrumah. Ela lamentou o golpe de Estado que o tirou do poder. Mas garantiu que comércio de tecidos ia de vento em popa, apesar das máquinas obsoletas que os europeus vendiam aos empresários africanos.

Duas semanas depois da chegada de Emily, a notícia do assassinato de Martin Luther King. Esperando que os tumultos se acalmassem ela vai se acostumando ao cotidiano nova-iorquino e sua estadia acaba se prolongando por alguns meses.

Não perderam a chance de ver o último show de Miriam Makeba antes de sua partida para a África Ocidental. Seu casamento com o mais rebelde *black panther* Stokley Carmichael, lhe trouxe problemas nos Estados Unidos. Contratos de gravação foram cancelados e a perseguição sofrida pelo ativista provocou a mudança do casal para a Guiné. Sekou Touré os recebeu de braços abertos.

Entre tantos negros fotógrafos que cruzava pelas ruas, Alzira se sentia cada vez mais à vontade com uma câmera. Os passeios com Emily estimulavam seu hobby. Estavam entregando filmes para revelar, quando conheceram um americano que tinha ido ao Mali documentar os estúdios locais.

Joy Johnson visitou Malick Sidibé, que fora do Instituto de Artes de Bamako e depois montou seu próprio estúdio, onde também reparava aparelhos foto-

gráficos. Frequentou com ele e seus colegas os clubes de Bamako. No Las Vegas ouviam Otis Redding e James Brown e falavam sobre a América.

O fotógrafo as convidou para sua exposição na galeria de Roy DeCarava e elas amaram as imagens. Eram mesmo encantadores os estúdios do Mali. Na sala dedicada a Moneta Sleet Jr. viram a foto do funeral de Martin Luther King que daria ao afro-americano o prêmio Pulitzer de fotografia.

Depois de vários dias de folga, Alzira estava disposta a trabalhar nos tecidos que ganhara. Apreciou as novas estampas e criou vários modelos de coletes, jaquetas e calças compridas, além de bolsas, cintos e colares. Esmerou-se na confecção das peças e ofereceu a algumas boutiques do Harlem. Deu a sua marca o nome da deusa iorubana — *Iya Mapô*.

Com a amiga tão ocupada, Emily saía sozinha, mas começou a ficar cansada da vida de hotel, sentia falta de sua casa e vendo que Alzira estava bem encaminhada, voltou para Londres. Fizeram uma despedida singela. Foram ao cinema, jantaram e beberam vinho.

Alzira não demora a ser contratada para desenhar peças para a boutique *Black is beautiful*, frequentada por uma clientela cult. Seus modelos tornam-se cada vez mais cobiçados por legiões de hippies chiques e simpatizantes do Black Power. A fotógrafa Ming Smith usou suas criações num ensaio de moda sobre o Harlem publicado em um número da *Ebony Magazine*, que trazia os Jackson Five na capa. Alzira alcança alguma notoriedade como “estilista brasileira”, torna-se sócia da boutique e ganha muitos dólares.

Os anos se passavam. Alzira completou 60 anos e suportava cada vez menos os rigores do inverno nova-iorquino. Estava cansada do ritmo de trabalho. Sentia-se só, desejava a brisa do mar e, sem se dar tempo para mudar de ideia, compra a passagem e volta definitivamente para a Bahia.

ATO 3

De volta ao Brasil

A ditadura militar e o mito da democracia racial estavam solidamente instalados no Brasil. A Tropicália já havia irrigado o mapa cultural brasileiro. A cidade do Salvador tinha uma nova configuração urbana. A Avenida Paralela abria em direção norte, mas a vida cultural ainda se concentrava no centro e nos bairros antigos.

O ar quente da pista de pouso do Aeroporto de Salvador encharcou o corpo de Alzira. Viu rostos familiares no balcão. Ficou apreensiva pois trazia produtos importados. Gravadores, câmeras fotográficas e muitos tecidos africanos. Respirou fundo quando viu suas malas intactas.

Foi direto para a casa de seus tios, na Boa Viagem, e sentiu o cheiro de chocolate da Chadler. Ao chegar nas imediações da Fábrica Luiz Tarquínio sentiu um aperto no coração. A Fábrica estava para fechar as portas. Pediu ao taxista para reduzir a velocidade. Ouvia seus ruídos e avistou a Vila Operária. As casas estavam descompostas. Tudo havia empobrecido. De novo tomou-lhe a angústia da perda dos pais.

Bateu palmas na porta de casa. Ouvia sua tia reclamando do sumiço de uma panela: — Mas será o Benedito! Sua prima Neuza chegou na varanda e mal Alzira entrou foi logo contando das maravilhas da casa de veraneio em Itapuã. A velha Rural da família saía carregada, bem cedo, às sextas-feiras, percorrendo devagar toda a orla marítima.

Certificou-se de que seus móveis estavam em condições de uso e as caixas com seus objetos em bom estado. Ficou lá por alguns dias até alugar um apartamento no Largo 2 de Julho. O edifício Lurdinha tinha tudo que ela precisava. Vista para o mar, calor intenso, luz divina. O espaço era suficiente para recomeçar.

Quando a mudança chegou abriu primeiro as caixas que continham seus objetos africanos. Limpou cuidadosamente as esculturas, os tecidos antigos, os álbuns de fotografia e a pintura sob vidro. Seu pequeno tesouro.

Foi à rua Democrata, em busca de um estofador, e ao sair ouviu a voz de um rapaz.

— D. Alzira! Como vai a senhora? Sou Edson de Doracy.

— Edson? Meu Deus, quanto tempo! Como vai sua mãe?

— Vai bem, obrigado. Pensei que a senhora ainda estava na África.

— Tava nos Estados Unidos, mas agora estou de volta, morando ali na Areal de Baixo — informa Alzira.

— Trabalho aqui — diz apontando para um casarão onde se lia em placa de madeira — Grupo ZAZ — fotografia e planejamento visual.



Salvador da Bahia, Cidade Baixa e Praça Castro Alves, na Cidade Alta

- Fazendo o quê?
- Trabalho com revelação fotográfica.
- Não me diga, tenho muitos filmes na bagagem.
- Pois então já sabe onde revelar.

Nesse instante, Alzira vê uma mulher e um senhor muito branco, descendo de um carro. Logo cumprimentam Edson.

- Temos muito trabalho hoje — diz o velho homem com sotaque francês.

Ele fita Alzira e Edson os apresenta. É o fotógrafo Pierre Verger. Arlete, a mulher que o acompanha, diz boa tarde e entra rapidamente.

Chegando em casa, voltou a desembalar caixas. Colocou na parede a pintura sob vidro com seu portrait. Olhou com cuidado aquele primor da estética africana. Depois buscou as caixas que continham os rolos de filmes. Levaria ao ZAZ no dia seguinte.

Subiu a escada e dirigiu-se a recepcionista, procurando por Edson. Voltou-se para ver quem também entrava e viu um norte-americano. Era Andrews, ele trazia um equipamento de última geração que logo chamou a atenção de Alzira. O ZAZ era um coletivo formado por fotógrafos e artistas gráficos. Alzira gostou do que viu.

E gostou mais de saber que Edson entrando lá como faxineiro tinha chegado a ser o laboratorista de confiança daquele francês que vivera em África e juntos trabalhavam na ampliação de imagens inéditas. Era um laboratório de ponta. Lindos cartões postais da Bahia eram produzidos no ZAZ e Alzira logo escolheu dois ou três para Juan. No painel junto a escada viu a chamada para a peça *Udigrudi*, no Vila Velha. Era uma ótima ocasião para encontrar pessoas e saber das novidades.

Não cabia mais ninguém no Vila Velha. A performance de Mário Gusmão arrebatou Alzira. Ela quis vê-lo no camarim, mas o acesso estava congestionado. Havia tanta gente na área que o Passeio Público parecia uma festa.

Alzira estava se inteirando sobre as rodas de samba do Garcia quando viu Clyde Morgan, que havia conhecido rapidamente nos Estados Unidos. Ele a reconheceu e convida para conhecer o Grupo de Dança Contemporânea da Universidade, que está a seus cuidados. Ela agradece o convite e combina passar lá.

Ao chegar na Escola de Dança deleitou-se com o ensaio de um espetáculo que trazia a cultura negra para o palco. Nada ali se assemelhava a estética folclórica na qual a dança afro costumava vir embalada para consumo turístico. Sua coreografia buscava as matrizes existenciais do negro. Sentaram para conversar quando Mestre King se aproxima. Clyde os apresenta.

— Esse é Raimundo, mais conhecido como Mestre King, é um dos pioneiros da dança afro-baiana. Essa é Alzira — diz Clyde.

— Estuda aqui, Mestre? — pergunta Alzira.

— Sim, acho que sou o primeiro negro da Escola de Dança. Venho do grupo folclórico Olodumaré.

— Ele está colaborando com o desenho de uma nova coreografia, é um especialista nos movimentos da capoeira e do maculelê — realça Clyde.

Eles voltam a ensaiar e Alzira ficou por ali observando a performance quando notou Mário Gusmão reunido com um grupo de rapazes. Mário era uma espécie de mentor de uma nova geração que desejava adentrar a universidade, mas estava ainda às margens e sabia muito pouco de suas matrizes africanas. Pensou em se aproximar, mas acabou desistindo de interromper um momento tão harmonioso.

Iya Mapô na Liberdade

O bairro da Liberdade foi por muito tempo considerado o de maior população negra de Salvador. A área do Curuzu já foi comparada, pelo compositor Caetano Veloso, a Lagos e ao Harlem. Ali, no começo dos anos 1970, o terreno contracultural transatlântico estava preparando a novidade – a revolução estética do bloco afro Ilê Aiyê.

Alzira tratou de montar seu atelier e começou a procurar um espaço no Largo 2 de Julho, mas não encontrava nada em conta. Se distraiu no Armazém São Luiz olhando rendas de bilro e nem notou quando Fortunata se aproximou.

— Minha amiga, quanto tempo!

Abraçaram-se fortemente e Alzira logo perguntou por Araci.

— Araci está bem. Já sou avó, minha netinha se chama Virgínia. Mora comigo e a mãe, é uma menina danada.

Fortunata estava morando na Liberdade. Tinha voltado à cozinha. Mas não a dos brancos, estava servindo marmitas no seu bairro e tinha muitas encomendas de doces e salgados na época das festas juninas e no Mês de Maria. Alzira falou da sua intenção de montar uma pequena loja de roupas feitas com os tecidos africanos e a amiga sugeriu que ela fosse dar uma olhada no atelier de costura de D. Nazaré. Ela estava passando o ponto.

Ficava na antiga Estrada da Liberdade. Alzira quis logo ver o lugar. Caminharam para a Praça da Piedade e lá pegaram um ônibus. Desceram bem perto do atelier. Entraram e viram uma velha senhora guardando retalhos.

— Boa tarde, D. Nazaré — cumprimenta Fortunata.

— Boa tarde, minha filha.

— A senhora ainda está passando o ponto?

— Sim, já não posso mais com a costura, minhas vistas não dão mais conta. Está interessada? Aqui é muito bom, tem muito movimento, mas minhas filhas não querem saber de seguir meu ofício.

Era um vão amplo, mal iluminado. Alzira notou uma janela semicerrada.

— Posso conhecer melhor o cômodo?

— Venha minha filha, a janela está caindo, mas consertada vai lhe dar luz e vista. Espere. Ô Toinho, venha aqui menino.

O garoto entrou correndo e a velha costureira mandou abrir a janela. Ela descortinou a ladeira do Curuzu. O ponto lhe convinha, havia espaço para três máquinas e para uma pequena loja. Alzira só via negros na área e achou que teria freguesia. Fecharam negócio.

Os dias que seguiram foram totalmente dedicados à montagem do atelier. Ela queria deixar aquilo lá um brinco! Desbravando o bairro conheceu um marceneiro a quem encomendou letras de madeira leve para fazer o letreiro Iya Mapô, que forraria com tecidos africanos. Cuidaria também de fazer um peji para honrar a deusa. Quando foi buscar as peças notou um velho tear encostado. Era muito semelhante aos que conhecera na Nigéria.

Perguntou se o homem estava interessado em vendê-lo. Ele hesitou, mas acabou concordando. Quis saber se ela podia montá-lo e recomendou que procurasse seu amigo, o Mestre Abdias, lá no Santo Antônio. Ela foi até ele e, ao ver a peça, Abdias ficou surpreso, pois Alzira tinha adquirido um tear igualzinho ao seu, de jacarandá, doado ao Instituto Feminino, onde trabalhou alguns anos como tecelão.

Mestre Abdias deu vida ao velho tear. Alzira comprou linhas de algodão e de seda e lembrou da ráfia que tinha adquirido na mão de Adetutu. O mestre

ficou feliz em ver que Alzira conhecia bem a tecelagem manual e contou do tempo em que fazia os alakás – os grandes panos da costa usados por pessoas da alta hierarquia nos terreiros.

O velho tecelão era filho de africanos e tinha aprendido o ofício ainda menino com seu tio.

— Isso nos idos de 1920, iaiá. Eram dois ou três meses pra fazer um pano. Era minha tia quem vendia. Arrumava em pequenos rolos, amarrados com palha e colocados em cuia redonda e chata. O tecido africano antigamente era muito fino e macio. Meu tio fazia a combinação dos padrões, dependendo da encomenda — lembra Mestre Abdias.

— Será que o Senhor faria pra mim o pano de Euá? Comprei fio fino amarelo e vermelho e também fios dourados para dar mais vida.

— O pano de Euá é muito trabalhoso. Já fiz muitos quando as mães e filhas de santo compravam na minha mão. Pequeno da Muriçoca também fazia. Mas hoje, iaiá, ninguém mais faz.

Alzira sentia muita saudade da Nigéria vendo aquele homem tecendo com tanta paciência. Seu linguajar lembrava o de Romana, que falava português com sotaque nordestino, e só queria saber de falar da Bahia. Já Mestre Abdias queria saber como era a África. Ela ficava ali, enrolando linha no fuso, contando histórias de Lagos. Lembrou da sua juventude e falou da felicidade de chegar numa cidade grande, moderna, com telefonia e estradas de ferro. Falou dos teares de Ijebu, da roça de Sidi, da vibração dos mercados do Daomé, e sentiu vontade de chorar.

Já era noite quando saíram do atelier. Mestre Abdias foi caminhando para o Santo Antônio. Ela comprou um cigarro a retalho na venda ao lado e ficou fazendo hora. Esperava Fortunata para irem lanchar na Padaria 7 de Setembro. Olhando a janela da vizinha, viu uma TV ligada. O programa era o seriado animado sobre

os Jackson Five. Diante da tela quatro rapazes imitavam os passos de dança do conjunto. Eles saem e se dirigem para a porta das Lojas Ipê, ali pertinho. Tinham cabelo ouriçado e estavam trajados do mesmo modo que os blacks americanos — batas coloridas, calças boca de sino mesclada e sapatos cavalo de aço. Alguém do outro lado da rua disse um dichote, eles não deram atenção.

Fortunata chega com sacos de compras e diz que tem encomenda grande para a festa de aniversário do filho mais velho de uma família do Curuzu. A festeira tinha caído doente e pediu a ela para fazer. Alzira se prontifica a ajudá-la. Varam a noite e no dia seguinte entregam galinha de molho pardo e bolinho de estudante na casa de Dona Vanda, vizinha ao terreiro de Mãe Hilda. Na sala de visitas não tinha nenhum móvel. Vão até a cozinha entregar os pratos. Daí a pouco ouvem uma radiola tocando alto um disco de Toni Tornado, enquanto D. Vanda pedia: — Fiquem, me ajudem aqui na cozinha. Passei enceradeira na casa toda, 'tô que não me aguento de dor nas pernas. Hoje eu não amanheci boa.

Ficaram. A festa ia se animando. Certa hora chegou um grupo de homens que se destacavam pelo figurino, eram dançarinos. Quando eles entraram a pista se abriu, um cara riscou um círculo de giz no chão da sala e Alzira entendeu porque não tinha nenhum móvel ali. Era hora de jogar brau*. O volume aumentou para a soul music de James Brown e dos Jackson Five soar em todo o quarteirão. Os dançarinos fizeram coreografias de arrepiar.

Alzira notou que quase todos os jovens usavam calça Lee ou algo que o valha. O jeans americano chegava por contrabando, era caro. A maioria tinha que se contentar com a Faroeste, similar nacional. Mas um moço chamado Ezequiel fazia a alegria da rapaziada. Ele morava na rua do Céu e a família era Testemunha de Jeová. Os americanos mandavam doações para eles, inclusive calças Lee. Todos queriam ser amigos dele. Quando descolavam uma original, a primeira providência era ir nas festas do Clube Seis, no Comércio, ou na Cabana da Barra.

No Curuzu tinha festa toda semana. Uma dessas acabou em confusão. Durante a sessão mela-cueca, que não podia faltar, rolava uns merengues e a moçada dançava enfiado*. Em um compacto, que ninguém soube dizer de onde veio, tinha a música *Je t'aime moi non plus*. O dono da casa não gostou. Achou falta de respeito, desligou o som e botou todo mundo pra fora. Os blacks saíram cabisbaixos com seus elepês embaixo do braço. As festas eram o momento de fazer as trocas de discos, negociados com os marinheiros no Porto de Salvador, valorizar as novidades e renovar o repertório.

Alzira estava comprando verduras na quitanda de dona Lindinalva quando leu na lousa: “A Zorra ataca novamente”. Era a chamada para participar de um passeio da Zorra para Arembepe. Soube então que os rapazes do Curuzu faziam passeios para o litoral norte. Restavam alguns convites. Ia muita gente, dez ônibus já estavam completos. Ia ser animadíssimo!

D. Lindinalva sabia tudo a respeito. Costumava ir no ônibus reservado aos mais velhos, onde não viajava nem timbau, nem violão. Insistiu pra Alzira ir dizendo que era muito organizado. Chegando na praia escolhida botavam a radiola de pilha para tocar, abriam as garrafas de batida de côco e de tamarindo; socializavam as latas de sardinha e o frango assado e compravam cerveja no local para dar uma força ao barraqueiro. O peixe da moqueca vinha do barco dos pescadores. Nesses lugares sempre tinha rio, o banho doce era garantido. Cinco da tarde voltava todo mundo pra cidade.

Alzira lembrou das peças que estavam por fazer e achou melhor deixar para uma próxima vez. Ela estava costurando biquínis e cangas com tecidos africanos e a clientela crescia a cada dia. Inspirada nos passeios, pensou que poderia criar

bolsas grandes para serem usadas na praia. Voltou ao atelier imediatamente. No dia seguinte desceu pra São Joaquim, comprou cestos de palha abaulados, forrou com adires sintéticos, que também serviram para fazer as alças e criou um fecho com corda e búzio. Agradaram em cheio, em pouco tempo o estoque foi vendido.

O peso das compras e o cansaço que as paletadas* provocavam fizeram Alzira empenhar-se para comprar um fusca. O borracheiro da rua estava anunciando um do ano de 66, dava pra quebrar o galho. Ia ter que fazer umas aulas, pois tinha aprendido a dirigir em Londres, acostumara-se à mão inglesa e ainda por cima não era boa motorista.

Varando a cidade

As rodas de samba eram formadas por Riachão, Batatinha, Walmir Lima, Tião Motorista, Panela e Garrafão, Nelson Rufino, Ederaldo Gentil, Edil Pacheco. No carnaval, cordões, batucadas, afoxés, escolas de samba e blocos de índio se alimentavam de suas “pérolas finas”.

Os blocos de trio tocavam frevo baiano.

Alzira estava tomando uma cerveja no Raso da Catarina quando notou um jovem baterista muito simpático acompanhado de seus colegas. Ele falava da articulação de uma greve de músicos para reivindicar cachê fixo para os caras que tocavam na noite, mas a questão não era fácil de ser resolvida.

Ela estava fumando um cigarro quando o rapaz se levantou e disse.

— Pra que fumar, minha senhora? — fala carinhosamente.

— Obrigada pela atenção. Como é seu nome, meu filho?

— Jaime, Jaime Sodré — diz, beijando-lhe a mão.

— Me chamo Alzira, Alzira Rocha. Sente aí um pouquinho vamos conversar.

Você é alabê?

— Com muito orgulho, minha senhora. Sou do Tanuri Junsara, no Engenho Velho da Federação, conhece?

— Já ouvi falar, mas não tive a honra.

— Hoje tem festa de caboclo, gostaria de ir?

Jaime era um jovem que nutria grande respeito por mulheres mais velhas. A empatia entre eles foi imediata. Alzira passa a frequentar o Engenho Velho com muita frequência. Jaime queria fundar uma Escola de Samba que chamaria Camisa Verde e Rosa e ela dava a maior força. As reuniões aconteciam em torno dos najés de Abiga do Feijão. Era uma mulher generosa, que abria a casa às 11

da noite e varava a madrugada servindo uma feijoada de primeira! Atendia taxista e policial. Não dava pra quem queria, a moçada garantia seu najé e comia na calçada mesmo.

Entretinham-se por horas quando Jaime contava os casos de sua infância no Gravatá e na Barroquinha.

— Tomei gosto pelos livros na casa de meu avô Lázaro. Ele era um professor austero e ensinava em casa, a biblioteca era enorme e tinha livros em francês e até latim. Eu lia muito. Foi ele que me ensinou o caminho da Biblioteca Pública e da Monteiro Lobato — diz orgulhoso.

O moço falava das maravilhas da Baixa dos Sapateiros. A começar pela gafieira de seu tio Pequeno, a Gafieira do Barão, que ficava defronte ao Cine Pax.

— A Gafieira tinha estatuto. Só entrava negão categoria, tinha porteiro pra olhar o traje e recolher o chapéu — diz, dando risada.

Contava das sessões de cinema que o pai dele promovia na rua, ali no Barbalho. Ele começou as sessões depois que viu um filme com *The Platters*.

— O povo tava lá e cantava *Only you*, porque ouvia no rádio. O cara ia pro cinema pra dizer que sabia ler. Mas a maioria ficava mesmo era na Geral, por trás da tela, onde não se lia legenda.

Um dia convidou Alzira para irem visitar o melhor fabricante de instrumentos da cidade. Desceram a Barroquinha e foram ao atelier de Nelson Maleiro. O homem era um gigante. Não só fabricava como tocava timbau, atabaque, tamborim, bongô, pandeiro, agogô, tumbadora, bateria. Era um homem devoto, tinha vela acesa na oficina. Ficaram por ali batendo papo, ouvindo as histórias dos *Mercadores de Bagdá*, do sucesso que suas alegorias faziam e da briga que fundou o *Cavaleiros de Bagdá* no carnaval de 1960.

— Foi um salseiro quando a gente ganhou o Carnaval — lembra Nelson.

A paixão de seu jovem amigo pela música, fazia Alzira lembrar de Juan. Jaime também conhecia os ritmos caribenhos, tocara mambo, guaracha, bolero na orquestra da Rádio Sociedade, introduzido por Cacau do Pandeiro, a quem admirava muito. Ela ia vê-lo tocar nos bares da cidade e dava carona no seu velho fusca, até que Jaime pode comprar um chevette e transportar sua bateria sem apertos. Ela vibrou quando ele passou a fazer parte da orquestra de Vivaldo da Conceição. E não perdia quando ele tocava no Varandá, na rua do Pau da Bandeira, do célebre cabaretier Sandoval Caldas. Saíam de lá altos e muitas vezes iam pro Dique Pequeno saborear o mocotó de Nora. Como era bom comer na Bahia.

Uma vez foi com Jaime na delegacia de Jogos e Costumes, na rua do Bispo, tirar licença pro Tanuri Junsara e na volta passaram nos sebos da rua Ruy Barbosa. Foi aí que Alzira viu o livro *Cidade das mulheres*, de Ruth Landes. Comprou um exemplar. Seu padrinho certamente seria mencionado. Leu o livro naquela noite mesmo. Memórias vieram em profusão lhe deixando insone.

Quanto tempo se passara? Olhou-se no espelho e não se achou bonita. Os sinais da velhice lhe inquietaram. Se olhou novamente, sem medo. Gostava de viver. Tinha saúde, conheceu países, estudou, foi uma filha amada. Olhou a fresta de mar pela janela, procurou a lua e olhando pras alturas pediu a Euá que lhe desse vida longa e coragem para seguir seu destino.

No dia seguinte saiu tarde para almoçar no Bar do Moreira e lá encontrou aquela roda de samba que apaziguava todas as tristezas. Claudete Macedo estava lá e Alzira adorou a voz dela. Estavam comemorando o lançamento do elepê *Samba na Bahia*. Teve o prazer de ouvir Batatinha cantando *Ministro do samba*, que fez em homenagem a Paulinho da Viola, e Ederaldo Gentil cantando *Pérolas finas*.

Na saída, Batatinha comprou angélicas e sorriso de maria no mercado de flores, ele não voltava pra casa sem um ramallete. Foram caminhando juntos para Saúde e de lá ela seguiu para Liberdade.



Os sambistas Edil Pacheco, Riachão, Batatinha e Ederaldo Gentil

Fortunata falou dos ensaios de um bloco de carnaval que o pessoal do Curuzu estava organizando. Araci ouviu a conversa e recriminou a mãe. Ela agora frequentava uma igreja protestante e achava que carnaval era coisa do diabo.

Chateada com a filha, chamou Alzira para sair e tomar uma cerveja antes do ensaio. Estavam descendo a ladeira sábadô de noite quando ouviram o chamado de Vilma. Era uma amiga de Vovô, Apolônio e Macalé, os caras que encabeçavam o bloco. Desceram juntas comentando as novidades. O ensaio era num terreno baldio e naquela noite havia certa expectativa que Gilberto Gil aparecesse. Ele tinha sido convidado, pois sua participação no Filhos de Gandhy foi muito bem vista pela rapaziada.

Mas quem apareceu foi Paulinho Camafeu. Na semana seguinte ele voltou com a canção *Que bloco é esse?* A rádio patrulha que sempre ficava por ali cercando a área nesse dia foi mais ostensiva. A música de Camafeu tinha muito poder.

A partir daquele dia Alzira se tornou Ilê Aiyê. Passou a acompanhar o trabalho de Dete. A menina de Mãe Hilda tinha um dom. Ela cresceu no terreiro Jitolu, conhecia as vestes dos Orixás e soube transformar aquela estética sagrada em elementos carnavalescos. Elas foram juntas comprar os panos nas lojas de tecidos da Barroquinha. Dete usou os panos de uma maneira original nas mortalhas e nos turbantes. Não costurava as peças, ela usava amarrações. Aquela indumentária daria forma às questões discutidas pelos criadores de um novo modelo de agremiação — o bloco afro. O corpo negro daquelas pessoas seria o portador da mensagem. Elas sabiam muito bem o que queriam.

O Ilê Aiyê mudaria muita coisa por ali. Aos poucos foi vendo que as placas nas portas das casas do Curuzu que anunciavam alisamento de cabelo, davam lugar a salões de beleza afro. As pessoas passaram a usar batas coloridas sem tantos receios. As estampas que J. Cunha criava e reproduzia em serigrafia para os desfiles viravam peças do cotidiano depois do carnaval. Alzira se emocionava em perceber que estava acontecendo em Salvador uma experiência semelhante ao Black Power americano e lembrou da potência do carnaval caribenho em Londres. Afirmação negra — esta era a flecha.

Microcosmos

Em tempos de ditadura militar, as reuniões eram consideradas suspeitas. O Instituto Cultural Brasil - Alemanha era um território seguro para os negros. Havia lá uma forte movimentação que preparava o terreno para a criação do Movimento Negro Contra a Discriminação Racial. Além do ICBA, no Corredor da Vitória, o Instituto de Arquitetos da Bahia, na Ladeira da Praça e o Cemitério de Sucupira, na Praça Municipal eram espaços de articulação política.*

Jaime estava muito animado. Ia tocar no ICBA com um grupo de jazz alemão e convidou Alzira para ir. Na galeria, uma exposição de fotografias da Bauhaus lhe chamou a atenção. Aquelas poses, aquelas pessoas com ar de quem tem algo a dizer e sobretudo o estilo espontâneo e ângulos improváveis lhe atiraram a imaginação.

Viu Clyde Morgan passar e foi cumprimentá-lo. Ele participava do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, um grupo de estudos que se reunia lá. Pediu para acompanhá-lo. Havia umas 11 pessoas na sala. Era um espaço novo, paralelo à Academia, que discutia história. Alzira sentiu mais uma vez que Salvador estava transformada. Uma *intelligentsia* negra estava discutindo a questão racial no Brasil tanto por vias estéticas quanto intelectuais. Ela falou de sua experiência na África, da Renascença lagosiana e do New Negro Movement. Mário Gusmão comentou a necessidade de conhecer a história de outras comunidades negras para investir num projeto brasileiro de emancipação.

Foi no ICBA que Alzira se aproximou verdadeiramente de Mário Gusmão. Muitas vezes saíam de lá para o Cemitério de Sucupira. Encontrar pessoas, discutir. Outras vezes iam para o pensionato onde Mário morava ali mesmo na Vitória em

frente ao Museu Carlos Costa Pinto. Ficavam na área externa discutindo questões levantadas pelo Núcleo. Gusmão dedicava-se a um trabalho de conscientização e formação com os afoxés e grupos folclóricos.

Dois anos se passaram e a circulação de informação sobre as coisas do mundo negro aumentava. Dentro do ICBA, roupas africanas eram comercializadas, circulavam notícias sobre Malcolm X, Martin Luther King, Panteras Negras. A informação sobre a África chegava via Europa e Estados Unidos.

As pessoas que viajavam para o exterior nos grupos de dança de Mestre King e de música com Emília Biancardi iam às periferias das cidades e compravam tecidos, livros, folhetos, dicionários. Esses objetos eram disputados. Foi então que Alzira decidiu montar uma serigrafia para produzir estampas inspiradas nos tecidos africanos.

Certa vez, em casa de Gusmão, na ladeira do Campo Santo, vendo as peças africanas e os livros que ele tinha, Mário comentou que já não gostava de dar aulas de inglês e propôs a Alzira que pegasse alguns de seus alunos. Dois dias depois, bate a sua porta uma jovem. Era Arany Santana, uma moça vivaz, também ligada ao movimento negro.

Arany conhecia a moçada do Ilê Aiyê. Tinha sido colega de Vovô e Djalma Luz na Escola Parque. Formou-se em Letras e estava se preparando para entrar na Escola de Teatro. Já tinha base em inglês e logo as aulas se transformaram em conversação cujo tema era a história de vida da moça que nasceu em Amargosa e chegou a Salvador aos 12 anos.

— Meu pai era safoxonista e marceneiro e muito cedo ensinou aos sete filhos que preto pra ter valor tem que ser melhor que o branco. Por isso nós tínhamos que exibir a medalha de melhor aluno da sala. Ao seu modo ele tinha consciência racial e uma forma rígida de educar. Eu tinha me tornado uma

menina agressiva por conta dos apelidos que me colocavam na escola. Mas me vingava batendo mesmo na molecada. Quando chegava em casa era minha vez de apanhar, mas já estava vingada — fala Arany, usando mais palavras em português do que em inglês.

Tornaram-se amigas. Arany frequentava o atelier de Alzira, que estava ocupada com a montagem da oficina de serigrafia, instalada ao lado, num galpão alugado. Um rapaz chamado Augusto se encarregava do processo. Os álbuns com as fotos feitas em África ficavam lá como suporte para a criação de modelos e estampas. Arany se deleitava com as imagens enquanto ouvia as histórias sobre cada uma delas.

Um dia saíram para uma reunião no porão do Cemitério de Sucupira. Ali se reunia uma militância negra disposta a derrubar a ditadura e tomar o poder. As reuniões tinham dia e hora. A repressão era pesada. Era preciso ter um olheiro muito atento. Às vezes dormiam lá, porque a polícia dava em cima. Não foram poucas as vezes que se abrigaram na garagem do Hotel da Bahia, correndo de polícia e de cachorros.

Nessa época, Alzira retomou contato com o CEAO por causa dos cursos de línguas africanas. Chegou meio tímida no casarão do Garcia. Evitando o assunto mestrado, conseguiu se reintroduzir. Certa vez encontrou uma amiga de Jaime, Valdina Pinto, que via sempre lá no Engenho Velho, era uma professora que estava fazendo o curso de iorubá com o professor nigeriano Joseph Olabiyi Yai. Ele falou sobre a realização da segunda edição do Festival de Artes Negras da África.

— A Nigéria está investindo muito. A vila em construção para o festival será capaz de abrigar 50 mil pessoas. Vai gente da Europa, do Caribe, dos Estados Unidos e de diversos países africanos — conta o professor.

Olabiyi estava indo ver uma exposição de fotografias sobre a Bahia antiga,

montada justamente no Cemitério de Sucupira. Seguiram juntos. O pessoal do ZAZ tinha organizado uma grande mostra de imagens que Pierre Verger fez quando chegou em Salvador em 1946. Era a primeira vez que o velho fotógrafo expunha na Bahia e o professor Yai contou como conheceu Verger.

— Eu era um menino de nove anos, lá pelo fim dos anos quarenta, quando vi aquele homem muito branco fotografando minha aldeia, que era a capital do reino de Savé. Eu lembro que muitos dos nossos se recusavam a posar para aquele abominável amuleto de brancos.

Alzira dava risada lembrando de seus tempos e do espanto que causava uma mulher negra com um daqueles “amuletos”. E Olabyi contava...

— Eu o reencontrei recentemente, há uns dois anos, na Universidade de Ifé. Meu mentor Abimbola Akimjobim era vice-reitor e discutia com Verger, Abdias Nascimento e Wole Soyinka sobre a dimensão internacional da cultura iorubá. Foi esse mesmo grupo que exigiu a criação de um espaço dentro da Universidade para a prática e os saberes das religiões tradicionais — destaca Olabiyi.

O professor se despediu e Alzira ficou um pouco mais admirando as fotos dos casarios da Cidade Baixa, dos ferreiros da Ladeira da Conceição, dos folhetos de cordel, dos poetas populares, dos bailes da Liberdade. Quase chorou quando viu cenas da festa da Boa Viagem. Lembrou da animação que tomava conta de seu bairro.

Voltou para casa emocionada e passou um bom tempo envolvida pela beleza daquelas fotografias. Encontrou carta de Mix com muitas fotos e apreciou seus enquadramentos, suas mensagens subliminares e como elas também testemunhavam a poesia do cotidiano, as cenas comunitárias, a dignidade das pessoas. Alzira notou a mudança do olhar nas fotos mais recentes que ele enviara. Cenas de bares e praias onde os senegaleses se divertiam. Era clara a influência americana no jeito de vestir e de se comportar daqueles jovens africanos. Começou a pensar numa maneira de participar do Festival da Nigéria.

Festac

Uma delegação brasileira de mais de 200 pessoas embarca para o Festival Mundial de Artes Negras – FESTAC, na Nigéria, em 1977. Durante um mês, pessoas do candomblé, artistas e professores foram apresentar e discutir cultura negra do Brasil. Em Kalakuta, Fela Kuti comandava o Contra-Festac, onde músicos, designers, poetas conheceram o afro-beat e a realidade política do país, que estava sob o domínio de um poder virulento exercido por ditadores locais, desde o golpe militar de 1966, que derrubou Dr. Zik.

O mundo negro culto e politizado de Salvador não falava em outra coisa. Participar do FESTAC era uma chance rara de ir a África com passagem e hospedagem. Alzira fez todas as manobras possíveis para ser incluída na lista dos baianos convidados. Ela não queria perder aquela oportunidade de voltar à Nigéria. Apesar de todos os esforços, não conseguiu viajar.

Mário Gusmão iria com o espetáculo de dança sobre o mito de Oxóssi que Clyde Morgan criou para o Festival. Com a colaboração do povo do Axé Opô Afonjá, ele escreveu o roteiro. Convidou Mário para fazer um papel importante. Gusmão contou como recebeu o convite.

— Clyde me disse: Mário, você vai fazer o papel de Ifá, porque é o sábio de nossa turma, pode fazer papel de adivinhador.

Clyde elaborou a coreografia levando em conta a personalidade das pessoas. Gusmão era o mais velho, uma figura nobre, encarnava um Ifá que parecia um totem em cena, todo de branco com seu opelê. Laís Salgado, a coordenadora do grupo, fazia Oxum e Morgan fez Oxossi, ele próprio confirmado pelo Axé Opô Afonjá. Três jovens capoeiristas faziam a companhia dos caçadores.

Eles estavam inteiramente envolvidos com os ensaios. Tinham em mãos

um tema ancestral para traduzir em um sofisticado espetáculo de dança moderna. Alzira acompanhou de perto e foi nisso que conheceu Juana Elbein e Mestre Didi, que colaboraram para a realização do espetáculo. Ela se emocionou ao ver o filho de Mãe Senhora e se aproximou dizendo-se afilhada de Martiniano.

Naqueles primeiros dias de janeiro, Alzira curtiu muito a Festa de Reis. Na Lapinha, encontrou Edson fotografando os estandartes dos ternos. Ele estava trabalhando no laboratório da DM9, mas já de mudança para a D&E.

— Pois é, D. Alzira, agora todos me chamam de Popó. Estou me virando nas agências de publicidade até poder abrir meu estúdio. Verger está na África, vai ficar lá por uns dois anos. Não vejo a hora de voltar a copiar aquelas imagens.

— Mas o ZAZ fechou porque, menino?

— Arlete e Cida, lembra? A senhora conheceu elas lá, foram pra Paris. Decidiram fazer uma viagem de Kombi pra Índia, imagine. Foram com mais duas amigas, uma salvadorenha, Rina, e uma gaúcha, Sara.

— Só mulheres? — indaga Alzira.

— Arlete é corajosa. Gosto muito daquela mulher. Foi ela que me ensinou a fotografar. Os postais que a senhora comprava no ZAZ, são dela.

— Sim, pro meu amigo Juan, ele adora esses postais, acha a Bahia parecida com Cuba.

— Vou chegar D. Alzira. Precisando revelar seus filmes, me procure. Tenho um amigo lá em São Bento que me dá guarida.

— Obrigada, meu filho.

O Engenho Velho da Federação também estava mais movimentado naquele verão. Jaime não conseguiu fazer a Escola de Samba, mas estava envolvido com o bloco Melô do Banzo. O Ilê Aiyê estava inspirando jovens de outros bairros e um moço chamado Paulinho Feijão pôs mãos a obra. Os ensaios eram animadíssimos, tudo na base da cooperação comunitária.



O fotógrafo baiano, Edson Porto, conhecido como Popó

Pouco antes do carnaval o povo chega da Nigéria. Os shows de Miriam Makeba e Stevie Wonder tinham sido as grandes atrações do festival. O grupo Osibisa, criado por ganenses e caribenhos radicados na Inglaterra também tinha arrebatado. Eles mostraram porque sua fusão de highlife, reggae, rock, jazz e R&B já era sucesso internacional. A juventude local estava ligada às coisas da cultura negra americana. A soul music tinha chegado com muita força. A julgar pelo que viram na África, a música negra estava dominando o mundo.

Muita gente se emocionou ao ver a receptividade do público vendo Olga de Alaketu dançar, ela foi tratada como uma rainha que voltava à sua terra, muito

tempo depois. Alzira ouviu falar de mil coisas acontecendo todos os dias e todas as noites do festival e sofria por ter perdido. Ficou inquieta porque Mário Gusmão não voltou com a delegação baiana. Ela havia encomendado tecidos africanos e aguardava ansiosa, pois seu estoque terminara. Precisava de novidades para criar estampas e dinamizar a produção da Iya Mapô.

Chegou o carnaval. O Ilê Aiyê subiu o Curuzu e armou o desfile na Vitória. Dete tinha caprichado na vestimenta da rainha do bloco, Patrícia estava deslumbrante. O conjunto ficou muito bonito e J. Cunha criou belíssimas estampas inspirado em Alto Volta. Ele desenhou um cartaz colorido com letras bem grandes que dizia “Negros pra você”. As mensagens que tanto incomodaram no primeiro ano, quando o Ilê foi acusado de racista, já soavam de outra maneira. Alzira acompanhou também o Melô do Banzo. Eles conseguiram! Os blocos afro estavam ganhando a Avenida.

O carnaval teria sido maravilhoso, não fosse a pancadaria a que foram submetidos os Apaches do Tororó. Vestidos de vermelho e branco com cocares e perucas lisas, eram quase cinco mil “índios” na rua. A polícia interpretou as machadinhas, que o bloco levava como adereço, como armas. A tensão entre blocos de barão e blocos negros estava se acirrando. O espaço da rua apertava e a consciência racial evoluía.

Foi uma alegria quando Gusmão chegou, estava em estado de graça. Conhecer a África era seu grande sonho. Tinha estendido a viagem e conhecera a Costa do Marfim e Senegal. Além disso, foi de Lagos para Ifé visitar Abdias Nascimento e Elisa Larkin. E soube que Abdias só conseguiu fazer sua conferência no Festival com a ajuda de intelectuais africanos e norte-americanos. O corpo diplomático do Brasil tentou impedi-lo de expor a sua opinião de que a democracia racial era uma farsa que impingia ao negro brasileiro um embranquecimento cultural.

Mário contou que foi um festival grandioso. Ele entrou em contato com a negritude do mundo inteiro, uma incrível abertura de horizonte. Trouxe notícias do outro lado do Festival, o Contra-Festac. Mário e Clyde foram juntos várias vezes a Kalakuta.

— Você já ouviu falar de Fela Kuti? — pergunta Mário.

— Não — diz Alzira.

— É uma figura única! Ele inventou um estilo musical que chama de afrobeat e fundou a república independente de Kalakuta. Fica em Surulere, um subúrbio de Lagos. E lá tem o Santuário, a casa de shows dele. Era um dos principais redutos do Contra-Festac. Durante as noites do festival, Fela aproveitou a presença de artistas do mundo inteiro para denunciar o regime político da Nigéria. Stevie Wonder ia lá, Gilberto Gil também foi. Ficava todo mundo atônito diante daquela presença musical e política totalmente original.

— Você trouxe algum registro dele?

— Não, mas ele já é um expoente em Lagos. Todo mundo lá conhece Kalakuta, um lugar muito louco onde ele vive com mais de vinte esposas. A mãe dele também mora lá, cheguei a vê-la, uma mulher forte chamada Bere.

— Bere Kuti? Não é possível! Essa mulher é famosa. Mas é de Abeokuta.

— Isso, a família é de lá. O avô dele era músico, o pai professor. Fela foi pra Inglaterra e voltou. É incrível a dimensão comunitária da coisa toda. Ele é um contestador, usa o palco do Santuário para falar do que está acontecendo na Nigéria. Violência, corrupção, tortura, assassinatos. O cara dá nome aos bois. Dizia coisas assim: “Vocês estão aqui a convite de um ditador, Obasanjo, um homem de armas assim como o General Haruna que organizou o Festival”. Isso ele dizia entremeando longos solos de saxofone. Muita gente no palco, as mulheres dançando com maquiagem tribal moderna, uma performance corporal e um discurso muito fortes.

— Eu preciso conhecer esse homem — diz Alzira inteiramente curiosa.
Mas o afrobeat ainda seria por muito tempo desconhecido. Em Salvador, o rei não seria Fela Kuti e sim Bob Marley.

A Bahia virou Jamaica

Nos anos 1970, a música produzida em África era desconhecida em Salvador. Desde a década de 1950, a cidade estava musicalmente conectada com o Caribe. Inicialmente com Cuba – via Estados Unidos – e depois com a Jamaica, que viria a produzir um dos maiores tesouros da música negra – o reggae.

Alzira estava na Cantina da Lua, o bar de Clarindo, e resolveu dar uma passada no Banzo, dirigido por Nivaldo. Sua esposa italiana trazia muitos discos da Europa. Foi aí que ouviu pela primeira vez o disco *Kaya*. No balcão, um jovem olhava a capa do álbum como se estivesse em transe. O som parecia ter envolvido sua mente. Notou a emoção em sua voz quando ele pediu para virar o lado.

A música era realmente fascinante, uma estética sonora nova. O bar era frequentado pelos moradores da área. Os brancos evitavam, eles tinham medo. O Pelourinho era zona e as “casas de família” colocavam placa na porta para não ser confundidas. Os sobrados estavam em péssimas condições e seus moradores eram artesãos, rastafáris, músicos, lavadeiras, domésticas, prostitutas e também traficantes e ladrões conhecidos.

O Terreiro de Jesus e suas imediações estava cada dia mais vibrante, frequentado por uma gente ativa, atenta e decidida a mudar muitas coisas. Eram pessoas antenadas com o ativismo negro dos Estados Unidos. Eles usavam os gestos dos Panteras Negras e idolatravam Stokely Carmichael e Angela Davis. Discutiam a política de Martin Luther King e Malcolm X. Curtiam luta de boxe só pra ver Cassius Clay dando porrada nos brancos. Discutiam a descolonização da África e a questão racial no Brasil. Esse povo estava arquitetando a fundação do Movimento Negro Contra a Discriminação Racial.

Numa tardinha de terça-feira foi com Arany ao Terreiro de Jesus. Era dia de Benção na Igreja de São Francisco — dia de resenha cultural e articulação política. Estavam por ali entre a Igreja e a Cantina da Lua quando resolveram acompanhar uma turma que descia para a rua João de Deus. O destino era a antiga cantina Santa Bárbara, um reduto do samba no Pelourinho. Mas a cantina estava diferente. Na radiola só rodava Bob Marley. Pintada com as cores panafricanas, chamava-se agora Bar do Reggae.

No balcão, Alzira vê o rapazinho que vira no Banzo. Albino Apolinário, o mais novo empresário do pedaço. Ele estava empolgado contando um caso. Ela se aproximou para pedir uma cerveja e ouviu o enredo.

— Minha mãe me deu o dinheiro pra comprar um disco de Bezerra da Silva, aí eu saí procurando ali na Praça da Sé e não achei. Tava olhando discos menos vendidos, de promoção e tal, quando eu vejo o disco de Bob Marley. Peguei, trouxe pra casa e minha mãe disse — Cadê o disco que eu mandei você comprar? Eu mostrei *Kaya*, inclusive ‘tava tocando. Quando ela pega a capa e olha Bob Marley, que vira o outro lado e vê um pé de maconha...rapá, minha mãe se retou. — Venha cá meu filho, como é que você pega meu dinheiro pra comprar o disco de um desgraçado desse, com essa cara de maluco e ainda por cima maconheiro! E eu — Não, mainha, isso é sucesso, esse disco é bom. E ela gritava: O cara com uma voz rouca, um cabelo horroroso, na minha casa isso aqui não toca, tire agora! Eu tirei, mas na primeira oportunidade eu toquei e o bar encheu. Aí minha mãe começa a deixar tocar reggae. Não porque ela gostasse, mas a gente começou a melhorar nossa economia, a aumentar o volume de vendas. Aumentou tanto que nós voltamos a ter a mesma vida boa que nós tivemos quando minha avó era viva.

Alzira pediu uma cerveja e se meteu na conversa, dizendo que tinha visto ele ouvindo Bob no Banzo. Se apresentou e soube que a avó de Apolinário era sua xará. Alzira do Conforto.

— Minha avó era fateira e trabalhava na porta do Solar Ferrão. Ela enriqueceu. Ganhou o apelido porque luxava muito. Tinha ouro em todos os dentes, comprou um sobrado e andava de Chevrolet com chofer, abaixo e acima, esse Pelourinho todo. A senhora precisava ver.

Organizando o movimento

O polo estético e o político ganhavam cada vez mais espaço na cidade. Além dos blocos afro e afoxés, havia o Malê Cultura e Arte Negra e Grupo de Teatro Palmares Inarõn. Em 1978, surge o Grupo Nêgo que passaria a ser Movimento Negro Unificado, com manifesto escrito pela intelectual mineiro-carioca Lélia Gonzalez, que esteve em Salvador a convite da Prefeitura para a realização de seminários sobre cultura negra.

Alzira deixou o fusca estacionado na Praça Castro Alves e foi dar uma olhada no Sebo Brandão, queria ver se encontrava algum exemplar da Coleção Romances da África. Ficou feliz pois encontrou dois novos volumes *O Bebedor de vinho de palmeira*, de Amos Tutuola e *O Velho negro e a medalha*, de Ferdinand Oyono.

Passou no Colón, comprou um vinho do Porto e foi direto pra casa de Gusmão. Ele tinha comprado uma casa no Pero Vaz, antigo Corta Braço, com o dinheiro que ganhou com o filme *Chico Rei*. Chegando lá, Alzira encontra o pessoal do Ilê numa conversa grave.

— O pessoal do movimento negro não acredita na gente. Por mais que a gente crie e mostre, eles acham que a gente ‘tá por fora, que a gente só sabe fazer carnaval — diz Vovô.

— Eles são quatro gatos pingados e a gente bota mil negões na rua a qualquer hora — afirma Jailson.

— Gostam muito de falar difícil, de reunião, mas na prática... E dizem que a gente é que se acomodou e faz festa uma vez por ano — diz Macalé.

— É porque não é só festa. É algo que ‘tá na gente que a gente gosta e é uma forma de comunicar nossas ideias, de fazer arte — pondera Gusmão.

Muitas vezes Alzira encontrou jovens membros do Ilê e garotos do Pero

Vaz na casa de Mário. Ele falava de arte africana e da opressão racial vivida nas periferias. Contava o que passou na prisão quando foi preso por drogas e os aconselhava a se proteger da violência policial.

Às vésperas da fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, Salvador estava fervilhando. Discutia-se o 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, como símbolo da luta antirracista e a morte simbólica da Princesa Isabel estava decretada. Lélia Gonzalez estava na cidade quando da celebração dos 90 anos da lei Áurea. No auditório lotado, aborda questões de grande importância para a comunidade negra. Alzira se encanta quando Lélia diz:

Se alguém quiser sacar de negritude em Salvador, tem de dar uma chegada no Curuzu, sentar e tomar uma cerveja geladinha no Kizumbar, engrenar um papo e ficar vendo a negadinha passar. É um desfile de beleza, elegância e soltura que dá gosto. Mulheres e homens, jovens e velhos, crianças e adultos, com aquele jeito gostoso de falar ‘diga preta’, aquela hospitalidade, aquele clima espontaneamente sedutor, fazem com que pinte na gente uma vontade danada de ficar por ali mesmo e viver seu cotidiano negroafricano. É aí que vem à tona uma saudade da Mãe África, dos mercados vibrantes de vida e colorido, de alegria e receptividade. Afrobahia. Força de orixá pulsando dentro da gente...

Era tanta gente naquela palestra ouvindo Lélia descrever brilhantemente a luta do povo negro desde os quilombos, as irmandades, os terreiros, a imprensa negra, os grupos literários, educacionais e políticos. O ambiente era vibrante, reunia gente da Sociedade Malê Cultura e Arte Negra, do Palmares Inarõn, militantes do Grupo Nêgo. Alzira cumprimentou calorosamente Ana Célia da Silva, Lino de Almeida, Antonio Godi, Jonatas Conceição, Manoel de Almeida Cruz. Foi uma grande confraternização. Logo estaria oficialmente criado o Movimento Negro Contra a Discriminação Racial na Bahia. Era hora de lutar e celebrar.

Beleza pura

Em começos dos anos 1980, Salvador exalava negritude. Batas, torsos, tranças, colares, gírias iorubanas. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raimundo Sodré, Jorge Alfredo, Chico Evangelista, Antonio Risério, Capinan, Novos baianos, A Cor do Som traduziam em canções as cores da rua baiana.

Alzira andava pela Carlos Gomes quando encontrou Joselito a caminho do ensaio do Badauê na Ladeira de Nanã. Ia ter uma peixada para a comunidade do Engenho Velho de Brotas. O negócio estava pra lá de animado. Moa do Catendê e Jorjão saíam no Mêlo do Banzo e criaram um afoxé em Brotas. Tinha muita gente na área. Ela foi falar com D. Lili que tinha feito curso de língua quicongo no CEAO.

— Oi D. Lili, como vai a senhora?

— Oi Alzira, de hoje que não lhe vejo. Vai sair no Badauê?

— Já soube que a senhora é a madrinha do afoxé.

— É, eles tavam precisando de uma orientação. Não pode levar pra rua as coisas do fundamento! Vamos sair com a gente na ala das baianas. Augusto de Omolu tá cuidando disso.

— E das fantasias, quem é que tá cuidando?

— Ah, eles fazem os desenhos e tem um artista plástico que orienta as costureiras e alfaiates aqui do bairro mesmo — explica D. Lili.

O carnaval foi quente. O Badauê estreou na Avenida e venceu o concurso oficial da Bahiatursa, justamente quando todos achavam que o prêmio iria para o Afoxé Filhos de Gandhy que completava 30 anos de existência. Foi um pega pra capar!



Badauê, o afoxé fundado por Moa do Catendê, renovou a tradição e criou o concurso de beleza, Moço Lindo

O Badauê saiu com o carro de som onde o dançarino Negrizu dançou o ijexá livremente. Era um moço lindo. Desfilou com um trabalho no cabelo e roupa diferente das amarrações tradicionais. O afoxé usou instrumentos dos blocos de índio e o pessoal do Filhos de Gandhi achou que eles estavam desvirtuando a tradição.

No Zanzibar não se falava em outra coisa. O bar do Ilê, comandado por Ana Célia e Neide, no Garcia, era o reduto negro do momento. Todo transado com os tecidos do Ilê. O pessoal dos blocos e afoxés estava sempre lá. Alzira ia quase todas as noites e numa dessas conheceu o poeta José Carlos Limeira.

Arany também estava na área saboreando o prato de Euá, especialidade da casa. Foi ela que apresentou Alzira a Limeira. Os poemas dele estavam inspirando o discurso que faria, agora como diretora do bloco, na primeira Noite da Beleza Negra que o Ilê estava produzindo. Alzira estava ajudando no desfile de moda que Dete preparava com cinco casais de crianças negras.

Era grande a expectativa para o evento do Ilê Aiyê. No clube Fantoches, moças pretas dançariam em busca do título de *Deusa do ébano*. Limeira seria um dos jurados e Alzira desejou que Jaime estivesse ali no Zanzibar.

— Tenho um amigo, Jaime Sodré, que decidiu se tornar escritor por causa de seu livro *O arco-íris negro* — conta Alzira.

— Meu e do grande Éle Semog — completa Limeira.

— Jaime se animou todo — diz Alzira.

— Difícil conseguir quem queira nos publicar. Eles têm medo de perder hegemonia no nicho da literatura. A gente acreditou que fazendo literatura de qualidade ia chegar às editoras, mas que nada. O jeito foi partir pra produção independente. Nós mesmos produzimos, editamos e vendemos diretamente ao leitor, somos a geração do mimeógrafo.

Eles passaram horas falando dos autores que faziam a cabeça dos negros. Endeusavam Frantz Fanon e discutiam ideias e práticas de Samora Machel, Steve Biko, Nelson Mandela, Amílcar Cabral, Patrice Lumumba. Depois de muitas cervejas e batidas, Limeira foi instado a dizer um de seus poemas e recitou *Maio*.

Quero ler na noite, cor, irmão
o rosto dos irmãos, braços, peitos
todos lindos, nus
descendo todas as colinas
transpondo barreiras

se espalhando na semelhante
marca serpente do asfalto.
Quero ver colares, gritos, danças
e assumir como vestido agora
o manto brilhante do que vem,
o ato, o desacato, a consciência,
e descobrir depois de tudo a luta pela
felicidade interior de ser negro.

Ele sabia dizer sua poesia e a plateia era calorosa. Lúdicas, políticas e poéticas assim eram as noites do Zanzibar.

Alzira estava no atelier quando Araci chegou avisando que Fortunata estava na emergência do Hospital Geral do Estado. Há algum tempo ela lidava com uma tosse crônica e fortes dores no peito. Os dias que se seguiram foram dolorosos. A amiga estava se ultimando. Mas teve tempo de pedir a comadre que cuidasse de sua neta Virgínia.

Muito do encanto da Liberdade se perdeu naquele ano. Fortunata morreu e Gusmão se mudara para Ilhéus. Com a idade avançada e uma boa situação econômica, Alzira se muda com Araci e Virgínia para um casarão no Largo da Palma onde monta seu atelier e a oficina de serigrafia.

Um dia estava almoçando na Mouraria quando encontrou Popó. Ele estava indo para a Editora Corrupio, onde agora trabalhava. O pessoal do ZAZ tinha criado uma editora para publicar obras de Pierre Verger. Alzira se animou para conhecer. Era uma boa casa na Barra Avenida e uma livraria foi montada no espaço da garagem. Lá chegando, sentaram-se embaixo da mangueira na qual Verger passava as tardes conversando com as pessoas. Muita gente dos blocos o procurava para saber como se escrevia exatamente uma palavra iorubá e muitas outras informações sobre os países africanos que seriam homenageados no carnaval.

Moa do Catendê e Geraldo Badá chegaram e se aproximaram do fotógrafo. Alzira os cumprimentou e entrou na loja. Nas estantes, vários títulos sobre cultura negra e muitos livros franceses de fotografia sobre a África. Ela começou a folhear uma revista quando viu a foto de Jean Michel Basquiat e descobriu surpresa que a fotografia era de James Wan Der Zee. Que maravilha! Ele voltara a fotografar aos 90 anos. Era impressionante.

Havia muitas pessoas interessantes na livraria. A Corrupio acabara de lançar *Retratos da Bahia*. As fotos de Verger eram magníficas e tinha prefácios de Jorge Amado e Carybé. Verger não era só fotógrafo, ele também escrevia muito bem e assinava o primeiro título da Coleção Baianada. O número 2 era *Carnaval ijexá*, de Antonio Risério. Ele estava lá, fumando um cigarro atrás do outro, conversando com o poeta Wally Salomão. O livro despertou muito interesse pois as falas das pessoas que Risério entrevistou foram literalmente transcritas. Vovô, Watusi, Negrizu, Macalé, Jailson, Bujão, Monica Millet já tinham virado história. Eles se encontravam ali, era um bochicho danado.

O correio nagô dava conta das fofocas nos eventos e com o Porto da Barra ali pertinho, o negócio ficava ainda mais atraente. Mas no andar de cima do casarão, ao lado de Arlete Soares, a turma que tocava a Corrupio, Arnaldo Grebler, Enéas Guerra, Rina Angulo, Sara Silveira e Cida Nóbrega, colocavam em rota de produção mais uma obra de Pierre Verger – *50 anos de fotografia*. Popó estava empolgado, suas ampliações ficaram perfeitas. Conhecera o mundo todo através daquelas imagens.

A cada ano que passava, os espaços de conhecimento eram mais ocupados pelos negros. O CEAO era outro ponto de encontro. Yeda Pessoa de Castro era uma diretora extremamente atenciosa. A bibliotecária Ieda Machado era incansável. Não foram poucas as vezes que ficava na biblioteca pós-expediente para

que as fontes fossem consultadas. Os blocos afro proliferavam e todo um conhecimento sobre países africanos era transformado em apostilas. A história do continente começava a ser descortinada.

Foi no CEAO que Alzira conheceu Eugênia Lúcia. Era uma mulher muito bonita, professora de história da Universidade e parceira do pessoal da Faculdade de Educação. Uma intelectual densa. Aos poucos elas se aproximaram e Alzira passou a acompanhá-la às segundas-feiras ao banho de pipoca em São Lázaro. Eugênia não era iniciada, mas herdou o hábito do pai, o médico Felipe Nery, que foi secretário de Saúde do Governo da Bahia.



Fotografias de Lagos, em exposição de Pierre Verger, onde se vêem os sobrados construídos pelos agudás no bairro brasileiro da antiga capital da Nigéria

Um dia Eugênia chegou com os cabelos alisados e pintados de vermelho, estava acompanhada de seu ex-aluno conhecido como Bira Gordo. Ubiratan Castro era um homem inspirado que contava estórias como ninguém. Alzira estava com Arany que falava animada do cine-clube na sede do Ilê Aiyê, funcionando com a ajuda de Luiz Orlando. Ela foi ao CEAO pesquisar sobre os ashantis. O Ilê ia tematizar Gana no Carnaval. Eugênia Lúcia lhe deu uma aula particular. Era uma profunda conhecedora da história da África.

Saíram de lá para a Livraria da Corrupio. Eugênia era amiga de Arlete. A fotógrafa estava conversando com Neguinho e Nadinho do Congo. Havia uma exposição dos instrumentos musicais de Bira Reis que logo daria lugar a uma exposição de fotos de Verger que mostrava as semelhanças entre Lagos e Salvador. Apesar de tanta movimentação, Arlete falou das dificuldades em manter a casa e elas sentiram o clima de despedida. A livraria ia fechar as portas, mas a Editora seguiria em frente numa sede mais modesta.

África aqui?

Em meados dos anos 1980, Salvador estava consciente do papel civilizatório da África. Os ensaios de carnaval do Ilê Aiyê, Olodum, Araketu, Muzenza, Malê Debalê mobilizavam milhares de soteropolitanos. O samba-reggae era a trilha sonora da cidade. Um ritmo e uma estética negra foram reinventados. A Bahia reascende no mapa musical e turístico do Brasil e começa a despontar no cenário eletrônico do mundo negro do Atlântico.

Alzira já tinha visto o Olodum na rua, mas se aproximou do grupo quando João Jorge e Neguinho saíram do Ilê e foram reerguer o bloco do Pelourinho. Ela se envolveu com o projeto Rufar dos Tambores e admirava a capacidade de Neguinho de reunir os meios e colocar a banda pra tocar. Um dia o mestre estava chegando com vários novos instrumentos para a Banda Mirim do Olodum quando Albino Apolinário falou:

— Você é Neguinho do Samba mesmo, né?

O apelido pegou. Ele trocava alimentos por madeira de um sobrado em ruínas com o dono da lanchonete Baitakão. Conseguiu dele uma doação de alumínio para fazer tambores. Ele já tinha demonstrado seus conhecimentos de ferreiro quando fez os tambores para o Ilê e estava sofisticando essa experiência. Criou surdos de vários tamanhos, utilizou varetas de vime e acabou alcançando uma nova sonoridade. Alzira viu de perto a invenção do samba-reggae.

Popó finalmente conseguiu montar seu estúdio *Popó Preto e Branco* em Santo Agostinho, mas durou pouco. Verger queria ele mais próximo e o convidou

para morar e trabalhar numa chácara no Alto do Corrupio, na Vasco da Gama. Popó estava cada vez mais interessado em fotografar objetos de arte e foi um dos primeiros a chegar na galeria da Câmara Municipal onde um quadro de Zumbi dos Palmares foi colocado.

Foi um evento especial. Mário Gusmão receberia título de cidadão de Salvador, e Gilberto Gil, a medalha Thomé de Souza. Impedido de comparecer, Gil pediu a Gusmão que o representasse. Mário foi sublime. Em uma mão trazia uma rosa branca e na outra uma rosa vermelha. Seu discurso crítico e melancólico enaltecia a arte:

Seria tão bom se propagar o amor à arte, tão eterno, irrestrito e relevante, para que ocupasse os espaços além da tribuna, além das cidades. Além das raças. Seria tão bom se valorizassem a cultura com a mesma garra com que se fabricam e proliferam as misérias sociais. Seria tão bom se as mentes pudessem enxergar além da cor, além das mágoas, e que os artistas pudessem sobreviver para assegurar a sua continuidade da expressão que nos é nata.

O discurso dividiu opiniões. Pessoas ligadas ao movimento político consideraram o discurso vazio; já os culturalistas, como eram chamados os membros dos blocos afro, viam em Mário o eterno Calunga ou a encarnação do “santo guerreiro”. Mário voltaria naquela mesma noite para seu exílio no sul da Bahia.

A movimentação do Olodum era cada vez mais intensa. A quadra de ensaio no fundo do Teatro Miguel Santana tinha ganhado um piso de cimento. Bira Reis estava muito contente com a evolução das oficinas de percussão. O IPAC havia cedido duas salas para a montagem do escritório do Grupo no largo do Pelourinho. Alzira foi conhecer o casarão adquirido na rua Gregório de Mattos para ser a

sede do bloco, mas tomou um susto quando viu que era uma ruína, só tinha fachada e paredes externas. Ficou tranquila ao saber que Lina Bo Bardi trataria do projeto arquitetônico.

As manifestações dos movimentos negros contra o racismo tomam conta do Centro da cidade. As marchas com Zumbi eram cada vez maiores. A colocação de uma placa em homenagem aos 150 anos da Revolta dos Malês, na ladeira da Praça, parou o trânsito na área. Era muita coisa acontecendo e a demanda dos segmentos negros pelas peças que Alzira criava não parava de crescer. Ela não descuidava das oferendas para Euá a quem agradecia ter trabalho, talento e saúde.

Jaime convidou Alzira e Eugênia para irem ao Projeto Pixiguinha que apresentava o show de Margareth Menezes. O baterista conheceu a cantora no circo Troca de Segredos quando Vivaldo da Conceição lhe deu uma chance. Ela parecia uma cantora norte-americana, tinha um vozeirão e levantou a plateia do TCA. Depois da sessão foram ao Beco dos Artistas e o assunto girou em torno do tema do Olodum que decidiu homenagear um país do Caribe.

Eugênia Lúcia achou que o Olodum não devia desviar o foco da África, mas Alzira vibrou quando o bloco escolheu tematizar Cuba. Pegou sua câmera e fotografou todo o processo de criação dos abadá, das alegorias e dos ensaios. Procurou Popó, ele não estava mais na Vasco da Gama e sim todo contente com as novas instalações do *Popó Preto e Branco* agora funcionando no Jardim Baiano. Ele continuava sendo o laboratorista de Verger e estava às voltas com a ampliação das fotos de um professor nigeriano, que fazia um trabalho sobre as janelas do Pelourinho. Popó deu-lhe a atenção de sempre e preparou um lindo álbum, logo enviado para Juan.

Alzira estava trançando os cabelos, na casa de Áurea, com Negra Jhô, na rua Frei Vicente. Era gostoso demais ficar ali com outras mulheres falando de coisas íntimas.



Modelos de penteados em pintura típica da
África Ocidental

— Quando criança eu não tinha cabelo, as pessoas me colocaram o apelido de João. Um dia eu estava brincando de terreiro de candomblé com um tecido amarrado na cabeça e meu irmão Nilton e uma amiga minha, Lúcia, me chamaram ao mesmo tempo. Ela disse “Nega” e ele disse “Jhô”, ele me chamava assim pra não me machucar e eu peguei aquilo e coloquei como meu nome — contou a cabeleireira.

Os cuidados com os cabelos era um momento só delas. Mas o clima mudou com a notícia da morte de Mãe Menininha do Gantois. A cidade parou, nunca se viu tanta gente num funeral. Houve um luto coletivo.

Mas, de novo, chegou o verão. O Olodum escolheu o Egito como tema para o carnaval. Alzira sentou pra discutir com João Jorge e toda a diretoria do Olodum as ideias de Cheikh Anta Diop. Era uma tremenda ousadia desconstruir a historiografia oficial em pleno carnaval. Ela entendia cada dia mais a importância da festa para a luta do povo negro. Em sua opinião, o carnaval era um letramento estético.

Os compositores estudavam as apostilas e traduziam aquele novo saber em letras de canções enquanto artistas plásticos e estilistas o transformavam em adereços, cenários, estampas e indumentárias. Coube a um rapaz chamado Luciano Gomes dos Santos, chapista de uma oficina mecânica, compor a canção *Deuses, cultura egípcia, Olodum*, que venceu o Festival de Música Femadum na categoria Tema. Nos ensaios, a música incendiava a quadra.

Na sexta feira de carnaval, o Pelourinho estava apinhado de gente. Durante o desfile, Alzira entrou numa espécie de transe. Ela não sabia se estava na África ou na Bahia. Sentindo seu corpo como parte de um coletivo, ela enxergava as mascaradas nigerianas encenando seus mitos. As alas do Olodum com suas danças, o uso das cores, os gestos e os signos do Egito como alegorias e adereços se confundiam com as lembranças da multidão que desce as colinas de Nsukka em

direção ao mercado portando máscaras de leopardos, indumentárias luminosas, dançando e cantando para celebrar a vida, acender a memória da comunidade e transmitir sua história através da encenação de um grande espetáculo teatral.

Os tambores rufando samba-reggae, mais de duzentos percussionistas inspirados, aquele coro recitando Faraó, acompanhando o poderoso vozeirão de Lazinho, levava a sinapses imprevistas, renovava a força das matrizes negras, materializava sentimentos de pertença. Alzira tocava as pessoas, sorria e cantava bem alto.

Deuses

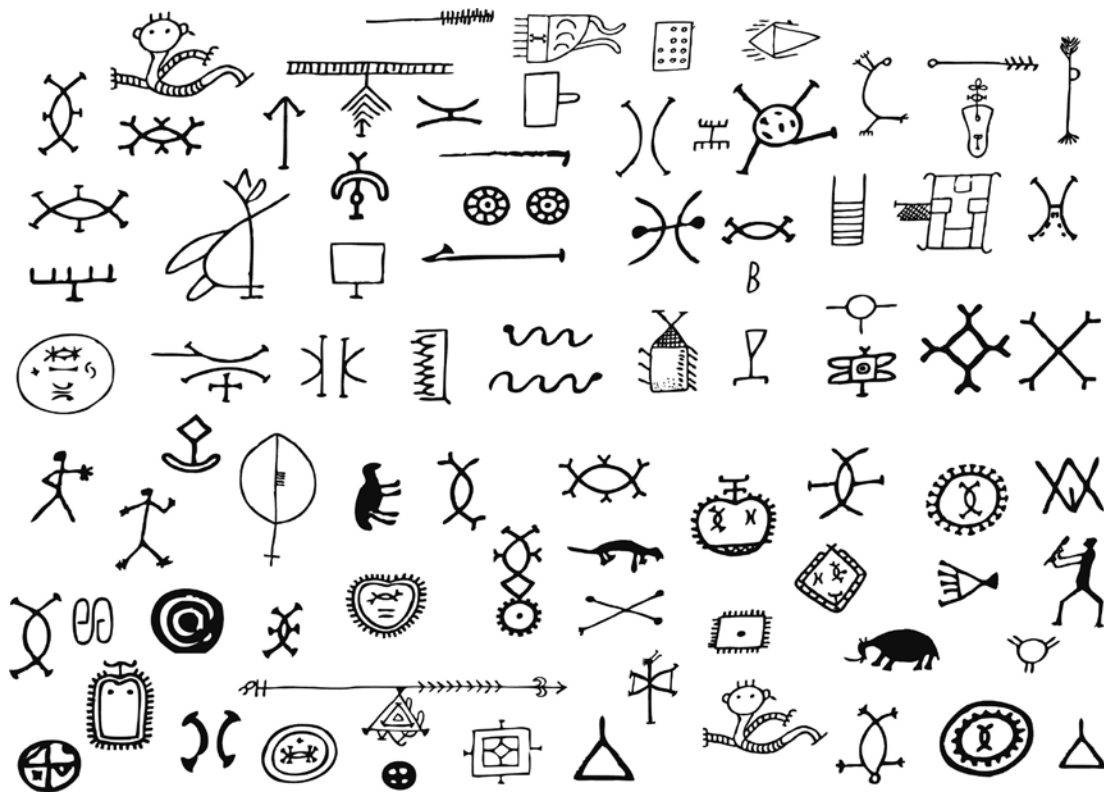
Divindade infinita do universo

Predominante

Esquema Mitológico

Enquanto o bloco atravessava o Terreiro de Jesus num espetáculo enigmático, Alzira sentiu um mal-estar. Pediu ajuda a Kátia que dançava junto a ela. A moça afastou-lhe da multidão, acomodou-a num batente, retirou o turbante de Alzira e secou o suor frio que escorria de seu corpo. Aos poucos recobrou a lucidez, mas não teve condições de seguir o desfile. Com muita dificuldade atravessou a Praça Castro Alves, pegou a rua do Paraíso e chegou ao Largo da Palma, quase morta.

Não voltou a sair de casa naquele carnaval. Ficou sob os cuidados de Virgínia. A neta de Fortunata tratava Alzira com todo carinho. Era a filha que ela não teve. Uma moça consciente, estudiosa e colaborativa. Também gostava de moda e desde novinha vivia de olho na loja *Axé Odara* que J. Cunha teve no Pelourinho e, às vezes, até conseguia ver Alberto Pitta por lá fazendo serigrafia daquelas estampas maravilhosas que J. Cunha desenhava. A grife *Didara* que Goya Lopes acabara de lançar também lhe encantara.



A escrita nsibidi é utilizada há séculos pelos povos igbos, ekoi e ibíbio no sudoeste da Nigéria. A presença britânica na área, a partir do século 19, reduziu drasticamente o número de pessoas nsibidi-alfabetizadas

Virgínia adorava servir de modelo para as peças das coleções que Alzira criava. Emily havia enviado um catálogo de uma exposição sobre escritas africanas. E ela foi a primeira a usar vestidos e calças estampadas com os ideogramas adinkra, nsibidi e bamum. Ela estava trabalhando numa boutique da Praça da Sé, e tanto fez que a coleção ganhou destaque na vitrine. Foi lá que conheceu uma moça chamada Mônica Anjos, filha de costureira, e também fascinada por moda afro. Andavam juntas abaixo e acima na Avenida Sete olhando vitrines.

Um dia Virgínia chegou da rua contando que Gilberto Gil assumiria a presidência de um novo órgão da Prefeitura, a Fundação Gregório de Mattos — uma espécie de Secretaria de Cultura. Logo Alzira soube que Mário Gusmão, João Jorge, Arlete Soares, Wally Salomão, José Carlos Capinan e Antonio Risério faziam parte da equipe de Gil. Eles tinham muitos projetos ligados à movimentação cultural negra da cidade. O centenário da Abolição estava se aproximando e a militância considerava o 13 de maio uma fraude. Seria o 20 de novembro, e mais nada, a data símbolo da liberdade.

Alzira e Eugênia foram juntas ver o filme *Jubiabá*. O elenco era de tirar o fôlego. Grande Otelo, Ruth de Souza, Zezé Motta, Eliana Pitman e seu querido Mário Gusmão. Jorge Amado não abria mão de vê-lo atuando nas adaptações de seus romances. Eugênia estava muito envolvida com a introdução da disciplina Estudos Africanos nos currículos das escolas públicas. Sua batalha tinha vingado na gestão do Secretário de Educação Edivaldo Boaventura.

Mesmo trabalhando tanto na formação de professores da disciplina, ela aceitou tomar uma cerveja. Saíram da sessão para o Toalha da Saudade. Batatinha estava lá. Ele também atuara no filme, muito à vontade, como o músico Zé Camarão. Jaime Sodré ficou todo prosa quando viu Eugênia Lúcia, tinha muito chamego com ela e Alzira sentiu uma ponta de ciúme.

Lucila

Virgínia chega em casa assoberbada pelo peso das compras e ao colocar a chave na porta ouve o telefone tocando. É Lucila. Ela procura por Alzira.

— Ela não está — diz Virgínia.

— Poderia avisá-la que liguei? Sou da Escola de Letras e preciso falar com ela.

Ao sair da oficina de serigrafia, Alzira soube que uma estudante havia telefonado. O telefone toca de novo. Meio sem ânimo, ela atende.

— Dona Alzira? Boa noite. Sou estudante de literatura comparada e desejo conversar com a senhora sobre meu projeto de doutorado. Poderia me conceder um encontro?

— Em que posso ajudá-la?

— Estou interessada em sua biografia. Poderíamos conversar pessoalmente?

No encontro marcado no atelier na casa da Palma, Lucila chega pontualmente. Alzira está discutindo e se desconcerta ao ver uma moça em pé na porta. Devia ter imaginado isso, pensa num átimo. Incomodada ao ver que a moça era branca, Alzira optou por um ar arrogante.

— O que deseja?

— Sou Lucila, marquei com a senhora, posso entrar?

— De onde me conhece? — inquires Alzira.

— Minha orientadora me sugeriu que a procurasse.

— É do Rio?

— Sou baiana, mas fiz mestrado na PUC do Rio. Fui aluna de Lélia Gonzalez e acabo de ingressar no doutorado do Instituto de Letras da UFBA.

— Sente-se, espere um pouco. Estou muito ocupada.



As matrizes do patchwork daomeano podem ser vistas gravadas nas colunas da antiga residência dos reis Gelelé e Guezo, o Palais royal (Palácio real), em Abomey, Benin

Lucila senta em um sofá com estranha padronagem e percorre todo o espaço com o olhar. Observou as máscaras, os vasos, o tear. Os objetos eram singularmente belos.

Alzira volta a discutir suas ideias. Ela estava criando uma coleção inspirada nas ilustrações do The New Negro Movement. Reproduzidas em serigrafia, elas estampariam diversas peças. Sua movimentação era bastante agitada, andava de um lado pro outro, pensando alto, em grupo. O aderecista Anilton estava acompanhado de costureiras do IAPI, envolvidas na confecção do figurino de um grupo de teatro. E a tecelã Lourdinha, filha do Mestre Abdias, também estava por lá.

Quinze minutos depois, pede licença e vai falar com Lucila que a observava com muita atenção. Trajava um bubu amarelo e portava turbante vermelho. A idade não havia aniquilado seu vigor físico. Fumando um cigarro, Alzira dirige-se a moça.

— Estou às ordens, fale-me do seu trabalho.

Lucila estava nervosa. Ainda assim apresenta o projeto da biografia com desenvoltura.

— É um tipo de história oral, baseada em entrevistas gravadas que buscariam recompor sua trajetória de vida, em narrativa impressionista.

Alzira imaginou longas entrevistas, a dedicação que isso implicaria e pergunta duramente:

— O que te leva a desejar recompor a trajetória de uma mulher negra?

— Sua vida permite um estudo vasto. Delineia um cenário muito rico.

— Acha mesmo? Em que sentido?

Lucila fala do seu interesse pelo universo negro das Américas. E do marco teórico de sua tese, o conceito de transatlanticidade, desenvolvido pela historiadora Beatriz Nascimento.

— A senhora é a pessoa ideal, pois além de conhecer a América, viveu em África muitos anos, não é verdade? Esteve também no Caribe?

— Convivi com caribenhos em Lagos, Londres e Nova York, mas infelizmente não estive lá. Não sei se ainda terei tempo de conhecer, mas sempre sonhei sentir de perto a alma daquelas ilhas.

— Pelo menos temos o reggae irradiando essa alma por aqui.

— Ah, sim! A literatura também é riquíssima, pena não ser traduzida — diz Alzira, sentindo-se mais à vontade com a moça.

Ficou de pensar na proposta, anotou o telefone de Lucila e se despediu. Ao estender-lhe a mão, disse ainda,

— Preferia que você fosse negra.

— Eu também — disse a moça, encarando-a com discreto sorriso.

Em casa, Alzira se sentia um pouco alegre e sem querer começou a revirar seu baú. Buscou seus primeiros desenhos, seu pai, sua mãe, sua madrinha Constança. Releu cartas, bebeu um pouco, quis mais. Havia uma atração irresistível por lembrar, contar a ela mesma o que tinha vivido. Era uma bela chance. Mas nem remotamente aquela possibilidade lhe ocorrera antes.

Acendeu toda a casa, e pela primeira vez achou muito parecida com a pensão que morara em Lagos. De repente sentiu um calafrio, lembrou-se de Juan. Seu velho amigo não escrevia há tempos, ainda estaria vivo? Na última carta contou estar empenhado em fazer sua árvore genealógica e descobrira outros parentes. Ele falava do desejo de morrer em Cuba.

O som do vizinho a trouxe de volta. Reviu o encontro com Lucila. Embora fossem tão diferentes fisicamente, algo naquela moça lembrava Emily, quando jovem. Olhou com saudade fotos da temporada em Londres. Abriu uma carta, depois outra, eram muitas.

Insone, pensava nas ideias de Beatriz Nascimento e da força de suas convicções afirmando que só pretos deveriam escrever sobre pretos. Mas também lembrou de quando ponderava: “eu sou suficientemente forte para querer o branco comigo enquanto ele não estiver contra mim”. Buscou as poesias de Beatriz e leu em voz alta *Antirracismo*:

Ninguém me fará racista
Haste seca petrificada
Sem veias, sem sangue quente
Sem ritmo de corpo, dura
Jamais fará que exista em mim
Câncer tão dilacerado.

Nem tão longe dali, na Ladeira da Fonte, Lucila se perguntava se daria conta de construir uma tese em narrativa biográfica. Voltava aos artigos de

Beatriz Nascimento, estudava as noções de transatlanticidade e transmigração que discutiam o deslocamento espacial e as experiências vividas pelos descendentes de africanos na diáspora.

Lucila não pensava em mais nada. Dominada por aquelas ideias seguia programando a primeira entrevista. A todo momento lembrava da força que sentira diante da presença de Alzira. Queria saber o que lhe era mais caro, que assuntos a interessavam, quais os seus objetos, suas ferramentas, o que ela lhe mostraria?

Ela ensaiava argumentos, rezava e sonhava um sim. Frequentava a biblioteca do CEAO e tinha muitas cópias de livros fichadas. Estudava a história do continente africano. Mas ficava em casa a maior parte do tempo. Lia, anotava e buscava não ocupar o telefone. Floriu e perfumou seu altar com água de flor de laranjeira e pediu a lemanjá que Alzira aceitasse.

Inquieta foi dar uma volta no Teatro Castro Alves. Era fim de tarde e a escadaria estava cheia de estudantes e hippies vendendo artesanato. Era sexta-feira, dia de Teatro da Encruzilhada*, dirigiu-se ao Canela. Distraiu-se acompanhando as cenas que ocupavam simultaneamente as esquinas do cruzamento da Escola de Teatro. Conversou com amigos sem muito interesse e voltou pra casa andando apressada.

O fim de semana foi longo. Segunda-feira de manhã finalmente ouviu a voz de Alzira do outro lado da linha.

— Lucila? Resolvi aceitar seu convite. Podemos marcar uma primeira conversa.

— Verdade?

— Não prometo dizer sempre a verdade. É certo que vou omitir, inventar. Ainda assim há interesse?

— Claro que sim! Quando podemos nos encontrar?

— Venha amanhã ao atelier, cedo.

Depoimentos

Nasci em 1911. 19 de fevereiro. Sou do signo de aquário. Mamãe estava no Cinematógrafo da Fratelli Vita, ali perto do Cine Roma. A filarmônica Carlos Gomes era uma das atrações desse domingo, além da exibição de quatro fitas. Dona Enedina e Seu Vicente estavam assistindo *Justina gosta de andar na moda*, quando ela sentiu as dores. Foi uma correria.

Cresci na Vila Operária da Fábrica da Boa Viagem. A escola era o maior prédio do conjunto. Havia até um museu de história natural onde tínhamos aulas de observação. Os modos das professoras de inglês me atraíram para o estudo da língua. As aulas de desenho eram minha paixão. Lembro até hoje do livro de Manoel Querino, *Desenho linear das classes elementares*.

Minha mãe era o centro da minha vida. Com ela participava do concurso de decoração nos jardins das casas da Vila, quando botava minhas artes em prática. Ganhamos duas vezes. Aprendi a costurar, pintar e bordar. Tomei muito refrigerante de graça na Fratelli Vita e lembro que adorava o cheiro de cigarro da Souza Cruz.

Um outro universo era a casa de meu padrinho Martiniano Eliseu do Bonfim, um dos mais famosos candomblecistas da Bahia. Era um olhador respeitável. Em sua casa no Caminho Novo, minha mãe soube que meu destino estava nas mãos de Euá. Sem ter me iniciado, mantenho ritos particulares. Euá é a patrona das artes, torna belo tudo que toca. Foi ela que inventou a maquiagem!

Tive uma adolescência tranquila e recatada, devotada aos estudos. E aos cuidados com a beleza dos quais minha mãe não abria mão. Ela costurava mais para mim do que para fora. Desde cedo criávamos modelos que ela executava com perfeição.

Meu enxoval me foi entregue quando ela decidiu que eu iria conhecer a África. Lembro-me da emoção que senti ao ver os xales, as anáguas, os lençóis bordados. Minha mãe tinha certeza que me casaria com um africano legítimo. Seu desejo mais profundo era ter netos nagôs. Eu estava com 19 anos quando embarquei pra Lagos. Foi uma tremenda mudança. Aquilo que fiz pra realizar o desejo de minha mãe acabou se tornando o evento mais importante da minha vida.

Na África aprendi as coisas que me seriam caras para sempre. A tecelagem, a fotografia, as escritas africanas. São dezenas de alfabetos, um conhecimento extraordinário que precisa ser descortinado. Todo meu universo estético se desenhou naqueles anos. E foram muitos. Tirando o tempo da Guerra e as idas e vindas, foram mais de vinte anos vividos por lá.

Conheci o tempo forte da colonização, quando falar de independência podia até dar cadeia. Participei da lenta transformação no pós-guerra e vivi a euforia das independências, aquela onda de esperança numa África livre, um movimento contínuo e massivo rumo a emancipação.

Mas vi também tudo isso desmoronar. Embora fisicamente distante acompanhei o desenrolar do trágico destino dos países africanos. Os golpes que substituíram homens íntegros por mequetrefes, as guerras civis, e o empobrecimento dos lugares e das pessoas.

No tempo da Segunda Guerra eu estava aqui na Bahia. Entrei na Faculdade de Filosofia e Ciências. Era a única aluna negra do curso de História. Depois voltei pra África. Por causa dos Correios foi criada uma rota aérea São Paulo – Dakar e eu entrei num avião pela primeira vez, uma aventura! De lá, fui para a Europa, vivi dois anos em Londres. Em 1960, voltei pra Bahia. Meus pais estavam muito velhos. Precisavam de mim.

Reorganizei minha vida a fim de ampará-los, mas por muito pouco tempo. Um acidente de trânsito tirou a vida deles. Em 1964, embarquei para Nova York. Vi o Black Power como pano de fundo de uma trajetória intelectual. Fui pesquisar um dos mais importantes movimentos estéticos da América, o New Negro. Mas abandonei o mestrado e fiquei lá por sete anos.

Minhas pretensões acadêmicas foram um equívoco. Fora da academia o mundo me pareceu bem mais colorido e foi em Nova York que assumi inteiramente minha vocação de modista. Mas cansei de ser estrangeira e voltei pra Bahia. Estive envolvida desde a primeira hora com a movimentação afro-baiana. Participei do primeiro desfile do Ilê Aiyê. Eu era uma daquelas pessoas que chegaram à Praça Castro Alves, cheias de orgulho negro.

Da estética do Ilê Aiyê ao cientificismo do Olodum foi um pulo. Tive muito prazer em discutir com a direção do bloco os autores africanos. Tenho especial admiração por Cheikh Anta Diop. É imensa sua contribuição para a reescrita da história da humanidade. O carnaval do Egito foi uma aula espetacular. Não se supunha a relação entre pirâmides, faraós, hieróglifos e o continente negro. Os blocos afro me fascinam. Me agrada o modo que encontraram de se reencontrar com a África.

E aqui estou eu, minha vida é este atelier. A estamparia, minhas coleções, a confecção de figurinos artísticos. Estão aí as artesãs, costureiras, modelistas, aderecistas. É o que gosto de fazer. Venho rascunhando um livro sobre estéticas negras. Gostaria de organizar o acervo que mora em mim, depois de ter conhecido tantos mundos. A Bahia precisa conhecer melhor a África, compreender a diáspora africana. Mas nós vamos chegar lá, você vai ver.

Revelações

As sessões de entrevistas eram mensais, depois quinzenais e aquelas em que Alzira mostrava suas fotografias eram as mais ricas. Lucila via com os olhos dela, deliciava-se com os detalhes. Às vezes buscava ali possíveis amantes. Mesmo com idade avançada tinha um corpo jovial e ainda se via sua beleza. Um dia criou coragem e pediu de chofre.

— Fale-me de seus amores, dona Alzira.

— Amores? Não. Apenas um.

Na manhã seguinte, como já havia acontecido outras vezes, recebeu Lucila em casa e não no atelier. Mas dessa vez havia um elemento novo. Cartas e fotografias de uma mulher branca espalhadas sobre a mesa. Demorou-se observando as imagens. Olhou atentamente os envelopes, notou o endereço e admirou os selos ingleses.

Alzira volta à sala desconcertando Lucila.

— Por acaso leu as cartas? — indagou com veemência.

— Jamais faria isso, não nego que tive vontade — respondeu maliciosa.

— Deixe que eu mesma conte. Decidi que é hora de revelar uma parte importante da minha vida. Vou lhe contar um segredo. Agora que me entreguei a esta experiência biográfica resolvi ir até o fim.

Estava emocionada e parecia trêmula. Lucila ligou o gravador sem dizer palavra e pôs-se a ouvir um depoimento que jamais sonhara. O tom de Alzira era outro. Terno, triste. Parecia bem mais jovem, embora nostálgica. Por mais de uma hora Alzira falou de amor, seu mundo infinitamente particular. Depois pediu para ficar sozinha.

Comovida, Lucila despediu-se, longe de supor que aquelas seriam as últimas palavras de Alzira. Naquela madrugada, um ataque cardíaco fulminante tirou-lhe a vida.

Ao saber da notícia, a moça perdeu o chão. Não houve tempo para discutir as consequências daquela revelação. Ela conhecia os tabus que cercam o amor entre negros e brancos. Mas aquele caso era ainda mais delicado. O amor por uma inglesa num regime colonial. Seria um escândalo.

Era honesto incluir tal depoimento? Derrubaria tabus ou o nome daquela mulher? Conversou com Virgínia, mas a moça não fazia ideia de quem era Emily. Sabia somente que, às vezes, uma estrangeira ligava e Alzira pedia para ficar a sós.

Ouviu a gravação dezenas de vezes em busca de uma pista sobre a intenção de Alzira. Em vão. Jamais saberia se foi uma escolha refletida ou um impulso romântico a ser repensado num próximo encontro.

Um desespero tomou conta de Lucila. Uma vida íntima lhe havia sido confiada e uma decisão se impunha. Remoída e exausta adormeceu. Na manhã seguinte, datilografou o depoimento. Depois traduziu o texto para o inglês.

Em Southwark

Emily estava regando as plantas quando recebeu das mãos do carteiro um envelope com selo do Brasil. Seu corpo estremeceu. Não era a letra de Alzira. Muitas folhas datilografadas vinham precedidas de um curto bilhete. Uma frase saltava ferindo-lhe a alma: Alzira está morta.

Imagens dançam em sua retina. O primeiro encontro, o zelo pelos tecidos, a paixão contida no toque das mãos. A entrega, o ardor de um amor proibido.

— Como era linda! — chorava a velha senhora.

Via Alzira brincando com bolhas de champanhe, se penteando, se vestindo, alegre ou de banzo, sempre jovem.

Lembrou então da separação, da decisão de Alzira de voltar à Bahia. Ela nunca aceitara bem a escolha de Emily por residir definitivamente na Inglaterra. Ouvia ainda a sua queixa.

— Agora que é livre, por que voltar ao centro do império?

Mas o convite esperado para que fossem morar na Bahia não foi jamais pronunciado.

Seus laços nunca se romperam. Trocavam cartas, livros, anseios. Alzira criava objetos tão belos e os mandava de presente para Londres. Com eles vinha a Bahia, aquela exuberância que Emily guardava na memória.

— Sabia tanto o que fazia! — orgulhava-se a velha senhora.

Quanta saudade vinha em cada detalhe daqueles objetos. Eram turbantes, adereços, peças afro-baianas. Emily os dispunha por toda a casa. A mesma casa onde se amaram livremente e viveram o mágico da vida.

Chorando mais, voltou-se para as laudas datilografadas pela moça que assinava o bilhete — Lucila. Eram os depoimentos de Alzira sobre o que vivera



Adereços afro-baianos criados para desfiles carnavalescos

com Emily. Toda sua vida afetiva vivida em silêncio e gravada em viva voz. Podia ouvi-la e perceber palavras de amor profundo.

Em seu quarto, sentou-se trêmula e começou a leitura daquilo que sentira por toda a vida. Tinha entre as mãos o tom, o sotaque, o impulso de Alzira. Teve medo de morrer de emoção.

Alzira era eloquente. Uma enxurrada de sensações emanava do texto e invadia seu corpo. Inquieta, saltava páginas, mas se detinha nas descrições das febres inventadas para permanecerem juntas. Uma aos cuidados da outra. Dos quase flagrantes, do desejo incomensurável.

Sem poder suportar tanta emoção, abandonava os papéis. Buscou seus remédios, não queria morrer sem conhecer cada trecho. Ali, ditos pelos lábios de Alzira, estavam os mimos, as longas ausências, o sonho. Ela conta do quanto Emily gostava de ouvi-la falar em português.

— Brasileiro, como ela dizia. Você sabe, Lucila, que os estrangeiros dizem assim da língua falada no Brasil? Os livros contêm na folha de rosto — traduzido do brasileiro.

Nesse momento, sentiu ciúme da tal Lucila. Ela sim teve o prazer de ouvir tudo aquilo em língua materna. Como ela seria? Jovem? Negra? Emily sentia-se frágil para seguir adiante. Mas corajosamente levantou-se e pôs-se a caminhar pelas ruas de Southwark.

Era um cruel inverno londrino. O chão úmido, as árvores secas, o céu cor de chumbo envergavam o corpo de Emily. Abraçando a si mesma como se abraçasse Alzira, pronunciou a expressão iorubana que usavam ao se despedir.

A tun pade, minha amada, nos encontraremos novamente.



Representação de Alzira velha

Glossário estendido

Abadá – túnica externa usada sobre as roupas interiores

Abdjan – capital da Costa do Marfim

Acra – capital de Gana

Adire – tecido iorubano

Afrobeat – estilo musical criado por Fela Kuti, influenciado pelo jazz e pelo funk. Usa tambores, guitarras, teclados, saxofones

Alabê – percussionista de templos religiosos afro-brasileiros

Alafim de Oyó – autoridade tradicional para uma parte das populações de língua iorubá

Alaká – pano da costa

Alake – chefe soberano

Alto Volta – atual Burkina Faso

Arki – bebida destilada feita de banana e milho

Aro – o instrumento consiste em grandes anéis de metal em forma de letra C, que são batidos um contra o outro

Arokin – corporação masculina hereditária de músicos e cantores especialistas do tratamento do passado

Ashanti – uma das etnias majoritárias de Gana

A tun pade – a (nós) tun (de novo) pade (nos encontramos)

Ayô – jogo de tabuleiro para dois jogadores

Bamako – capital do Mali

Baule – etnia da Costa do Marfim

Barriga da fera – expressão caribenha que se refere ao centro do império britânico

Baye fall – comunidade wolofe que segue o mouridismo, uma dissidência do islamismo

Blocos de barão – blocos de trio compostos de jovens brancos de classe média e alta

Brazilian quarter – bairro brasileiro no centro de Lagos

Brownie flash – aparelho da Kodak lançado em 1900, que se tornou popular pelo baixo custo

Bubu – túnica africana

Caleche – meio de transporte puxado a cavalo

Calunga – protagonista do filme *Anjo negro*, representado por Mário Gusmão, dirigido por José Umberto, 1972

Catarina – criança pobre, geralmente negra, que trabalhava como doméstica

Cemitério de Sucupira – apelido do jardim criado depois da demolição da Biblioteca Pública de Salvador, na Praça Municipal

Coleção Romances da África – lançada pela Editora Nova Fronteira, em 1976

Conacry – capital da Guiné

Congrí – prato cubano feito de feijão e arroz

Corpo de Obá – conselho de doze ministros encarregado de zelar pelo culto a Xangô, constituído em 1937, no Axé Opô Afonjá

Correio nagô – gíria baiana para fofoca

Cortar – excisar ou retirar o clitóris

Dançar enfiado – gíria local que significa dançar com os corpos bem colados.

Daomé – tornou-se independente da França em 1960 e, em 1975, foi renomeado Benin

Dashiki – bata africana

Domínio indireto – o regime de administração adotado pelo império britânico que mantinha autoridades tradicionais no poder local, porém submetidos ao poder colonial

Duala – uma das maiores cidades de Camarões

Ebute Meta – bairro lagosiano distante do centro

Egbá – etnia iorubana

Egum ou Egunguns – espírito de pessoa falecida iniciada ou não na tradição dos orixás

El son – estilo musical cubano

Elu – índigo em iorubá

Escarificação – marca facial feita com cortes superficiais que identifica a etnia de uma pessoa

Exposições Universais – mostras que apresentavam as características das colônias europeias

Fanti – uma das etnias majoritárias de Gana

Francos cfa – moeda das colônias francesas / Shilling – moeda das colônias inglesas

Freak shows – apresentações de pessoas consideradas “estranhas” para plateias ocidentais

Freetown – capital de Serra Leoa

Fufu – pasta de inhame com molho condimentado

Funbam – cidade de Camarões tombada pela UNESCO como patrimônio histórico da humanidade

Gold Coast – nome que denominava Gana durante o período colonial

Griôs – contadores de histórias

Gris-gris – amuleto islâmico

Guelé – pano para turbante

Hauçá – etnia majoritária da Nigéria

Highlife – estilo musical de Gana muito popular na Nigéria a partir de 1920

Ibadan – cidade nigeriana, majoritariamente iorubana

Igbo – uma das três etnias majoritárias da Nigéria

Ijebu Ode – cidade iorubana

Ijexá – ritmo do candomblé

Iya Mapô – deusa iorubana da tecelagem, cujo patrono é Obatalá, que inventou a tecelagem para conforto dos deuses e dos homens. Iya Mapô protege as atividades artesanais exclusivamente femininas, como a tintura em índigo

Iyalu – tambor iorubano

Jogar brau – gíria baiana que significa originalmente dançar muito bem

Kano – cidade muçulmana no norte da Nigéria

Karfo – tipo de vestimenta

Lapá – pano para saia

Magreb – região acima do deserto do Saara ao norte da África

Mandingue – etnia que habita diversos países da África Ocidental

Marabu – sacerdote islâmico

Maragogipe – cidade do Recôncavo baiano

Music hall – um espetáculo que mistura teatro, música, dança, acrobacia e comédia

Negão categoria – gíria baiana que significa elegância

Nsibidi – escrita ideográfica

Nufa – tipo de túnica em índigo

Nsukka – cidade nigeriana

Oimbô – estrangeiro em iorubá

Opelê – colar de adivinhação

Oriki – cantos de louvor cuja função é recarregar e intensificar as energias físicas e anímicas do alvo (humano ou não) ao qual são dirigidos

Paletada – gíria baiana para caminhada

Patoá – língua crioula ou híbrida falada nos diversos lugares onde se deu o encontro de europeus e africanos (e indígenas). Pode referir-se a pidgins, crioulos, dialetos e outras formas de linguagens

Pedra de Roseta – primeiro texto trilingue a ser recuperado pela história moderna, permitiu a tradução da antiga língua egípcia, os hieróglifos

Pidgin english – iorubainglês, língua franca para a comunicação entre os povos da Nigéria onde cerca de 250 línguas são faladas

Port of Spain – capital de Trinidad, no Caribe

Protetorado – implica, em teoria, que o território sob dominação conserva uma relativa autonomia

Quicongo – uma das línguas faladas no Congo

Ransome-Kuti – família de Fela Kuti

Santeria – religião afro-cubana

Sarôs – iorubás escravizados e resgatados por esquadrões ingleses, instalados em Serra Leoa, colônia autônoma na África Ocidental.

Semana iorubana – (quatro dias)

Ojo awo – dia do segredo, ou seja, de Ifá e Exu

Ojo jakuta – dia de Xangô, deus do trovão

Ojo obatala – dia de Obatalá, deus do céu

Ojo ogum – dia de Ogum, deus do ferro

Serenata – velório iorubano

Signara – corruptela de senhora

Southwark – bairro londrino de população nigeriana e ganense

Tanfiri – biscoito de milho e côco

Tanuri Junsara – terreiro de nação angola do Engenho Velho da Federação

Teatro da Encruzilhada – companhia de teatro baiana atuante nos anos 1980

Teçubá – rosário de contas usados pelos muçulmanos

Tennequin – estúdio de fotografia da África Ocidental Francesa no Senegal

Teranga – saudação de amizade e boa acolhida em wolofe

Ukara – tecelagem igbo

Vinho de palma – bebida alcóolica sangrada da palmeira

Wax – tecido europeu, inspirado no batik indonésio, para consumo nos mercados africanos

Wolofe – uma das etnias majoritárias do Senegal

Xequerê – chocalho de cabaça coberta com rede de búzios

Yaoundé – atual capital de Camarões

Yard – antiga medida inglesa

Cronologia

- 1911** – Nasce Alzira Rocha, filha de Vicente e Enedina e afilhada do babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim
- 1913–1915** – Alzira entra na creche da Vila Operária da Fábrica de Tecidos Empório do Norte
- 1916–1920** – Cursa o primário na escola Rui Barbosa da Vila Operária
- 1921** – Alzira faz Admissão
- 1925** – Conclui o ensino secundário
- 1927** – Companhia Negra de Revista de Borges da Mota se apresenta em Salvador
- 1927–1929** – Alzira estuda no Colégio Estadual da Bahia, chamado Central, a partir de 1948
- 1930** – Alzira vai para Lagos
- 1931** – Deslocamentos por países da África – Daomé (atual Benin), Togo e Senegal
- 1932** – Alzira volta a Salvador / Fundação da Frente Negra da Bahia
- 1933** – Alzira visita Camarões
- 1938–45** – Alzira volta para Salvador onde vive os anos da Segunda Guerra/ Faz graduação em História na Faculdade de Filosofia
- 1940** – Emily visita a Bahia
- 1943** – Morre Martiniano Eliseu do Bomfim
- 1946** – No pós-guerra Alzira volta para a Nigéria via Senegal / Popularização da fotografia na África
- 1952** – Publicação do romance *O Bebedor de vinho de palmeira* do escritor nigeriano Amos Tutuola
- 1957** – Independência de Gana / Publicação de *O mundo se despedaça* do escritor nigeriano Chinua Achebe
- 1958** – Temporada londrina / Motins raciais em Londres / A Guiné conquista a independência da França e implanta o primeiro regime socialista da África sob a presidência de Sekou Touré
- 1959** – Carnaval negro em Londres / Soyinka encena *O Leão e a joia* em Ibadan
- 1960** – Alzira volta a residir na Bahia. 16 países africanos conquistam a independência, entre eles Nigéria, Senegal, Benin, Togo, Camarões
- 1961** – Primeira turma de estudantes africanos no CEAO
- 1962** – Lançada em Londres coletânea *Série Escritores Africanos* editada por Chinua Achebe
- 1963** – Romana da Conceição na Bahia / Morte dos pais de Alzira

- 1964** – Alzira vai estudar nos Estados Unidos
- 1965** – Assassinato de Malcolm X
- 1966** – Os presidentes Kwame Nkrumah, de Gana e Dr.Zik, da Nigéria são derrubados por golpes de estado
- 1967–1970** - Guerra de Biafra na Nigéria
- 1968** – Assassinato de Martin Luther King / Alzira abandona o mestrado e atua como estilista em Nova York
- 1969** – Prêmio Pulitzer de Fotografia para o fotógrafo afro-americano Moneta Sleet Jr.
- 1972** – Alzira volta definitivamente para Salvador /Fundação do Grupo ZAZ
- 1973** – Fechamento da Fábrica de Tecidos Empório do Norte, fundada em 1891, por Luiz Tarquínio
- 1974** – Fundação do Bloco afro Ilê Aiyê na Liberdade
- 1976** – Fundação do bloco afro Melô do Banzo no Engenho Velho da Federação/ Lançamento da Coleção Romances da África pela Editora Nova Fronteira/ Exposição de Pierre Verger sobre a Bahia /Fechamento do Grupo ZAZ
- 1977** – FESTAC – Festival Mundial de Artes Negras na Nigéria/ República de Kalakuta é incendiada pelo General Obasanjo em represália ao Contra-Festac.
- 1978** – Fundação do MNU / Fundação do Badauê no Engenho Velho de Brotas / Publicação de *Arco-íris negro* de Carlos Limeira e Éle Semog. Prefácio de Oswaldo de Camargo
- 1979** – Nasce a Editora Corrupio / Primeiro desfile do Afoxé Badauê
- 1980** – Primeira Noite da Beleza Negra no Clube Fantoche/ Publicação de *Retratos da Bahia* de Pierre Verger. Prefácio de Jorge Amado e Carybé
- 1981** – Editora Corrupio lança Coleção Baianada. Os dois primeiros números *Notícias da Bahia* de Pierre Verger e *Carnaval ijexá* de Antonio Risério saem neste mesmo ano
- 1983** – Reestruturação do Olodum, fundado em 1979
- 1985** – Quadro de Zumbi dos Palmares na galeria da Câmara Municipal / Criação do Grupo de Escritores Negros de Salvador - GENS
- 1986** – Wole Soyinka é o primeiro escritor africano a ganhar o Nobel de Literatura/ Morre o pesquisador senegalês Cheikh Anta Diop / Morre Mãe Menininha do Gantois
- 1987** – Carnaval do Egito do bloco afro Olodum / Gilberto Gil assume a Fundação Gregório de Mattos
- 1988** – Morte de Alzira / Cem anos da abolição do regime escravocrata no Brasil

Créditos de imagens

- p. 13** *Retrato de mulher*. Benedito José Tobias. Aquarela sobre cartão. São Paulo, 1930-1940. In: Coleção Museu Afro-Brasil. Governo do Estado de São Paulo: Secretaria da Cultura. MAB 1342
- p. 18** Tecido wax. Coleção da autora. Fotografia de Goli Guerreiro, 2014
- p. 21** Sala de visitas. Salvador da Bahia. Ilustração de Tom Maia. In: *Velha Bahia de hoje*. MAIA, Tom e MAIA, Thereza Regina de Camargo C. Rio de Janeiro: Exped, 1985
- p. 30** Desenho figurativo, África Ocidental. Vetorização de Goli Guerreiro, 2015
- p. 39** Tecido adire. Coleção da autora. Fotografia de Goli Guerreiro, 2014
- p. 45** Fotografia de Alex Agbaglo Acolatse, Togo, 1930. Coleção Éditions Revue Noire. Paris. In: ARAÚJO, Emanuel (Org.). *Antologia da fotografia africana e do oceano Índico*. Paris: Revue Noire / São Paulo: Pinacoteca, 1998
- p. 47** Paineis de retratos de retornados brasileiros no Benin. Museu da Silva – Culture Afro-Bresilienne, Porto Novo. Fotografia de Goli Guerreiro, 2008
- p. 50** Ganvier, Cotonu, Benin. Fotografia de Arlete Soares. 1977
- p. 58** Fotógrafo anônimo, Senegal, 1930. Coleção Éditions Revue Noire. Paris. In: ARAÚJO, Emanuel (Org.). *Antologia da fotografia africana e do oceano Índico*. Paris: Revue Noire / São Paulo: Pinacoteca, 1998
- p. 63** Salvador da Bahia. Fotografia de Arlete Soares, 1972
- p. 66** Desenhos de Dorival Caymmi, 1968. Coleção Arlete Soares. Fotografias de Goli Guerreiro, 2014
- p. 71** Egunguns. Nigéria. Fotografia de Arlete Soares, 1977
- p. 78** Escrita bamum. Vetorização de Valentina Garcia a partir de tabela de símbolos da escrita bamum. In: DALBY, David. *L'Afrique et la lettre*. Lagos, Paris: Centre Culturel Français, 1986
- p. 81** Tabela de comparação de caracteres entre escritas africanas. Vetorização de Valentina Garcia a partir de reprodução In: DALBY, David. *L'Afrique et la lettre*. Lagos, Paris: Centre Culturel Français, 1986
- p. 89** Baixa do Bonfim. Salvador da Bahia. Ilustração de Tom Maia. In: *Velha Bahia de hoje*. MAIA, Tom e MAIA, Thereza Regina de Camargo C. Rio de Janeiro: Exped, 1985
- p. 94** Fotografia de Mama Casset, Senegal, 1930. Coleção Éditions Revue Noire. Paris. In: ARAÚJO, Emanuel (Org.). *Antologia da fotografia africana e do oceano Índico*. Paris: Revue Noire / São Paulo: Pinacoteca, 1998

- p. 99** Fotografia de Meissa Gaye. Senegal, 1920. Coleção Éditions Revue Noire. Paris. In: ARAÚJO, Emanuel (Org.). *Antologia da fotografia africana e do oceano Índico*. Paris: Revue Noire / São Paulo: Pinacoteca, 1998
- p. 104** Pintura sob vidro combinada a fotografia de uma jovem em busto, 1940-1950. Pintor anônimo, fotógrafo desconhecido. Coleção MRAC Tervuren. África Museum Tervuren. Fotografia MRAC Tervuren. In: BOUTTIAUX, Anne-Marie et alli. *L'Afrique pour elle-même – un siècle de photographie africaine*. Musée Royal de l'Afrique centrale de Tervuren. Belgique, 2003
- p. 116** Praça Municipal, Salvador da Bahia, 1959. Fotografia de Aracy Esteve Gomes. In: COLEÇÃO José Esteve e Aracy Esteve Gomes. Bahia 1920-1970. *Do retrato interior ao exterior do retrato*. São Paulo: Pinacoteca, 2012
- p. 124** *Autorretrato*. Desenho de Yêdamaria, Estados Unidos, 1978. In: CÂMARA brasileira do livro. *Yêdamaria*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006
- p. 145** Salvador da Bahia. Fotografia de Arlete Soares, 1972
- p. 157** Sambistas baianos no Passeio Público, Salvador. Fotografia de Arlete Soares, 1972
- p. 165** Edson Porto, Popó. Acervo pessoal, fotógrafo desconhecido, 1978
- p. 175** Afoxé Badauê, Salvador da Bahia. Fotografia de Arlete Soares, 1980
- p. 179** Exposição fotográfica, Editora Corrupio. Fotografia de Arlete Soares, 1981
- p. 184** Placa de salão de beleza do Benin em pintura típica da África Ocidental, 1987. Coleção Arlete Soares. Vetorização de Valentina Garcia, 2010
- p. 187** Escrita nsibidi. Vetorização de Valentina Garcia a partir de reprodução In: DALBY, David. *L'Afrique et la lettre*. Lagos, Paris: Centre Culturel Français, 1986
- p. 190** Patchwork daomeano. Benin, 1977. Coleção Arlete Soares. Fotografia de Goli Guerreiro, 2014
- p. 200** Peças afro-baianas criadas por Anilton Nascimento, estilista e aderecista. Fotografia de Goli Guerreiro, 2014
- p. 202** *Senhora*. Pastel com colagem de Yêdamaria. Estados Unidos, 1978. In: CÂMARA brasileira do livro. *Yêdamaria*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006

Personagens reais / Personalidades mencionadas

Abdias Nascimento	Arnaldo Grebler	Clarindo Silva
Abiga do Feijão	Augusto de Omolu	Claude Cros
Abimbola Akimjobim	Batatinha	Claude Mckay
Ada Bricktop Smith	Beatriz Nascimento	Claudete Macedo
Agostinho da Silva	Bere Kuti	Claudia Jones
Aimé Césaire	Bessie Smith	Clementina de Jesus
Alain Locke	Bezerra da Silva	Clyde Morgan
Alberto Pitta	Billie Holiday	Colette Diallo
Albino Apolinário	Bira Reis	D. Lili
Alex Agbaglo Acolatse	Blaise Djane	Dete Lima
Alex Halley	Bob Marley	Djalma Luz
Alice Walker	Borges da Mota	Dorival Caymmi
Alioune Diop	Bujão	Doudou Diop
Alzira do Conforto	Cacau do Pandeiro	Duke Ellington
Amadou Gueye (Mix)	Caetano Veloso	Ebenezer Latunde Lasebikan
Amilcar Cabral	Camara Alama	Ederaldo Gentil
Amos Tutuola	C. J. J. Ransome-Kuti	Edil Pacheco
Ana Célia da Silva	Capinan	Edison Carneiro
André Derrain	Carmen Miranda	Edivaldo Boaventura
Andrews Thomas	Caroline Duddley	Edouard Glissant
Angela Davis	Carybé	Edson Porto (Popó)
Antônio Carlos Vovô	Cassius Clay	Éle Semog
Antonio Godi	Célia Cruz	Eliana Pitman
Antonio Olinto	Charles Baudelaire	Elisa Larkin
Antonio Risério	Charles De Gaulle	Ella Fitzgerald
Apolônio	Cheick Anta Diop	Emília Biancardi
Aracy de Almeida	Chico Evangelista	Enéas Guerra
Arany Santana	Chinua Achebe	Ernest Hemingway
Arlete Soares	Cida Nóbrega	Ernest Léardée

Ethel Waters
Eugênia Lúcia Viana Nery
Falang (Abdourahmane
Ndiaye)
Fannie Brice
Fela Kuti
Ferdinand Oyono
Francisco Félix de Souza
Frantz Fanon
Franz Boas
Frederick Douglas
Frederick Lugard
Funmilayo R. Kuti (Bere)
Garraão
Georges Padmore
Geraldo Badá
Gertrude Stein
Gilberto Gil
Grande Otelo
Goya Lopes
Henry Crowder
Herbert Macaulay
Hilário Campos
I. O. Ransome-Kuti
Ieda Machado
J. Cunha
Jackson Five
Jailson
Jaime Sodré
James Brown
James Van Der Zee
Jean Cocteau

Jean Michel Basquiat
João Jorge Rodrigues
João Ubaldo Ribeiro
Jonas Silva
Jonatas Conceição
Jorge Alfredo
Jorge Amado
Jorjão
José Carlos Limeira
Joseph Olabiyi Yai
Josephine Baker
Juana Elbein
Júlio Braga
Kid Chocolate
Kwame Nkrumah
Laís Salgado
Langston Hughes
Lazinho
Lélia Gonzalez
Léo Sajous
Leon Damas
Léopold Senghor
Lina Bo Bardi
Lino de Almeida
Louis Armstrong
Lourdinha Nobre
Luciano Gomes dos Santos
Luiz Orlando
Luiz Tarquínio
Macalé
Mãe Aninha
Mãe Hilda

Mãe Menininha
Mãe Senhora
Mahatma Gandhi
Malcolm X
Malick Sidibé
Mama Casset
Manoel de Almeida Cruz
Manoel Querino
Marcus Garvey
Margareth Mead
Margareth Menezes
Mário Gusmão
Martin Luther King
Martiniano Eliseu do Bonfim
Matisse
Maxwel Porphyrio de Assumpção (Alakija)
Maya Angelou
Meissa Gaye
Mercer Book
Mestre Abdias
Mestre Didi
Mestre King
Mestre Pastinha
Michaux
Miguel Santana
Milton Santos
Mimi Demba
Miriam Makeba
Moa do Catendê
Mogliani
Moneta Silet Jr

Mongo Beti
Mônica Anjos
Monica Millet
Muniz Sodré
Nadinho do Congo
Nancy Cunard
Negrizu
Negra Jhô
Neguinho do Samba
Nelson Maleiro
Nelson Mandela
Nelson Rufino
Njoya Ibrahim
Nnamdi Azikiwe (Dr. Zik)
Noel Rosa
Olga de Alaketu
Otis Redding
Ottobah Cuguano
Ouladah Equiano
Pablo Picasso
Panela
Paulette Nardal
Paulinho Camafeu
Paulinho Feijão
Pequeno da Muriçoca
Pierre Verger
Raimundo Sodré
René Depestre
Riachão
Richard Wright
Rina Angulo
Romana da Conceição

Roy DeCarava
Ruth Benedict
Ruth de Souza
Ruth Landes
Samora Machel
Samuel Johnson
Sandoval Caldas
Sara Silveira
Sekou Touré
Sembene Ousmane
Steve Biko
Steve Wonder
Steven Abiodu Thomas
Stokley Carmichael
Stuart Hall
Tião Motorista
Tito Puente
Toni Tornado
Trajano Dias
Ubiratan Castro
Valdina Pinto
Vivaldo da Conceição
Vivaldo da Costa Lima
Vlamink
Vó Maria
W.E.B. Du Bois
Waldir Oliveira
Wally Salomão
Walmir Lima
Watusi
Wole Soyinka
Yeda Pessoa de Castro

Zela Fitzgerald
Zezé Motta
Zora Neale Hurston
Zora Seljan

Agradecimentos

Este livro jamais teria sido escrito sem o convívio com Arlete Soares, que me apresentou a fotografia africana e as escritas africanas. Sua coleção de tecidos também foi uma fonte permanente de pesquisa, além de inúmeras referências literárias.

Para inventar Alzira foi preciso ter em mente mulheres reais. Romana da Conceição, Carolina de Jesus, Yêdamaria, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Eugênia Lúcia, a essas brasileiras inspiradoras, meu reconhecimento. Meu imenso obrigada a Arany Santana, Edson Porto, Jaime Sodré, José Carlos Limeira que narraram partes preciosas de suas vidas e concordaram em “conviver” com Alzira.

Meu carinho por Florentina da Silva Souza pela confiança e supervisão do pós-doutoramento realizado no Instituto de Letras da UFBA, onde o projeto foi inicialmente submetido. E às minhas colegas do Grupo EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afro-latinos pelo interesse que dedicaram ao assunto. Agradeço a FAPESB pelo apoio que me permitiu dedicação exclusiva a este trabalho.

Meu agradecimento especial à pintora Yêdamaria, à fotógrafa Ciça Esteves e a todos os artistas que cederam suas imagens para compor a iconografia do romance. E a Diógenes Moura, Núria Esteves e Eric Tapie que me ajudaram a conquistar algumas delas. Obrigada a Cairé Brasil e Ricardo Sena pelo gentil tratamento das imagens.

A todos os entrevistados, Ana Célia da Silva, Albino Apolinário, Almir e Lourdinha de Salles, Alzira Santana, Anilton Nascimento, Arany Santana, Augusto Simões, Ciça Esteve Gomes, Cida Nóbrega, Claudio Pereira, Gilberto Gil, Haiti Soares, J. Cunha, Jaime Sodré, Jefferson Bacelar, José Carlos Limeira, Miriam de Salles, Moa do Catendê, Moema Augel, Mônica Anjos, Negra Jhô, Paula Gomes, Paulinho Camafeu, Popó, Vovô, Yeda Pessoa de Castro.

À minha tia Alzira que deu nome à protagonista e representa a homenagem a todas as mulheres de minha família materna. A Erica Rocha, que emprestou seu sobrenome, e representa minha saudação às mulheres negras da Bahia de hoje.

Agradeço a meus pais *in memoriam* e ao carinho de minhas irmãs. À minha querida Ana de Moraes, obrigada pelas escutas, pelas trocas, por todos os mimos, além de tudo mais.

A Borah, Dodi Conti, João Ramos e Tatiana Calvo pelas tantas conversas sobre a escrita desse livro. Agradeço a leitura crítica e os cuidados especiais de Ana Maria Guerreiro, Marcos Dias, Milena Britto e Rina Angulo; e a leitura apaixonada de Mariana Mello, Marcelo de Troi e Marisa Reis.

A Adriana Dumas, Ana Curan, Ana Dumas, Andreia Prado, Bete Costa, Carla Bittencourt, Dutto, Eneida Leal, Gil Maciel, Gustavo Arruda, Laura Bezerra, Leila Pinto, Luci Atarian, Marcia Castro, Maurício Ramos, Nadja Vladi, Pati Prado, Patrícia Portela, Ronaldo Jacobina, Sônia Dias, Sora Maia, Teca Soub, Telma Souza, Valentina Garcia e Virgínia de Medeiros, agradeço o incentivo diante da improvável empreitada de escrever um romance. Agradeço o carinho de Ana Baixinha e Angela Natividade e a moçada do estúdio Along Vida pelos cuidados corporais.

Um abraço à Comissão da Fundação Gregório de Mattos que escolheu meu livro para compor o Selo João Ubaldo Ribeiro, uma honra, uma alegria.

Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1
Cartão Supremo 250g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo - 216p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015